Sua mala está pronta?

Seu guia de viagem para o Além!

Admir Serrano

Sua mala está pronta?

Seu guia de viagem
para o Além!

ADMIR SERRANO

© 2021 Admir Serrano

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia e gravação, sem a expressa permissão prévia do autor.

Esta versão digital foi feita com base na 1ª edição do livro impresso.

Sumário Agradecimentos

Prefácio
1 - Quem tem atlas,? Onde fica o além?
2 - Onde estão os espíritos
3 - A “geografia” do além
4 - As divisões do além
5 - Cidades no além?
6 - Aprontando a mala
7 - Quando a mala está pronta
8 - Quando a mala não está pronta
9 - Pegando carona com encarnados
10 - Por que, em vez de voar, aterrissamos
11 - Perispírito: nossas asas ou nossa âncora
12 - Retorno ao além, uma viagem inevitável
13 - Por que morremos
14 - Como vamos deixar o corpo
15 - Afrouxe o cinto, a viagem vai começar
16 - Nossos cicerones do além
17 - O que vamos sentir na chegada
18 - Mamãe, cheguei!
19 - Protegendo quem amamos
20 - Nossa vida no além
21 - Quanto tempo ficaremos no além?
22 - Terra, lá vou eu de novo!
23 - Por que precisamos reencarnar

Epílogo
Referências

Parado nas areias da praia, vejo um veleiro do meu lado. Abrindo suas velas brancas na brisa da manhã, lança-se pelas águas azuis do oceano. Ele é um objeto de grande beleza e força. Fico ali olhando até que ele se torne apenas um ponto branco no horizonte, lá onde o mar e o céu se encontram.

Nesse momento, alguém do meu lado diz: – Pronto, ele se foi!

– Foi-se para onde? – pergunto.

Foi-se da minha vista. Apenas isso. Ele continua sendo tão grande, de popa, proa e mastro, quanto o era quando estava do meu lado, e ainda tão forte e capaz de transportar sua carga a seu porto de destino.

Seu tamanho diminuto está em mim, não nele. E naquele exato momento quando alguém diz "Pronto, ele se foi!" outros olhos o vêem chegar e outras vozes se preparam para clamar com alegria: "Olhem! Lá vem ele!"

Morrer é assim... Uma viagem de um porto a outro.

(Henry Van Dyke) --*

AGRADECIMENTOS

A alguém muito especial, sem o qual este livro, assim como os anteriores, não teriam sido publicados. Esse alguém muito especial é você, querida leitora e querido leitor, por estar prestigiando meu trabalho. Não fosse seu prestígio, não haveria razão para a existência deste livro.

Quero dizer-lhe também o quanto seu interesse por meu trabalho me motiva. Escrevo durante a madrugada, momento abençoado e cheio de paz que nosso Criador nos proporciona para o revigoramento de nossas energias e renovação de nossas esperanças.

Você me motiva a estudar e pesquisar mais, e com isso minha vida ganha um grande propósito. Sinto-me útil, como se estivesse cumprindo minha tarefa nesta encarnação.

Por tudo isso, de coração, eu lhe agradeço.

Obviamente, não posso deixar de agradecer ao meu Criador, sem cuja benevolência eu não estaria aqui.

A minha esposa e minhas filhas pelo apoio contínuo, pelo reconhecimento da necessidade que sinto em fazer algo, por pouco que seja, para ajudar aliviar em meus irmãos da Terra a dor da perda de um ser querido.

Aos meus queridos familiares e amigos que me apóiam, e a todos vocês que têm ajudado a divulgar meu trabalho, indicando meus livros, ou divulgando-os na mídia.

E a todo o pessoal da Petit Editora por sua confiança em meu trabalho e pelo carinho com que me trata.

A todos vocês, queridos irmãos, muita paz e luz, sempre!

PREFÁCIO

Bem-vindo ao Expresso da Luz! Prepare-se para embarcar na aventura mais emocionante de sua vida – seu retorno ao mundo dos espíritos.

Como você certamente deve saber, nossa jornada na Terra é temporária, um pouco mais longa para alguns, um tanto mais breve para outros.

Nas cirandas de nossas inúmeras existências, fazemos duas grandes viagens: à Terra quando nascemos para a vida física e o inevitável e necessário retorno ao mundo de onde viemos, quando o corpo físico cessa suas funções por ocasião da morte e liberta o espírito dos laços da matéria.

Embora o mundo dos espíritos não nos seja totalmente estranho, pois estávamos nele há pouco tempo, a utilização de um novo corpo para a vida na Terra obscureceu-nos as lembranças de como é sua natureza. E por isso não nos recordamos muito bem de onde viemos nem de como vivíamos quando lá estávamos antes de nossa vinda à Terra para cumprir esta encarnação.

Para a grande maioria da humanidade encarnada, o mundo dos espíritos tornou-se terras estranhas. Não nos recordamos do que vamos encontrar quando lá chegarmos. E embora já estivéssemos na Terra em outras existências e já fizéssemos outras viagens de regresso ao Além, tampouco sabemos como será nossa viagem de volta. Será um voo rápido e tranquilo ou uma longa e dolorosa caminhada?

E ainda há outra agravante: embora muitos saibamos que um dia regressaremos ao mundo espiritual, de onde todos nos originamos, nunca estamos preparados para nosso retorno. Pois, para retornar ao Além, temos de nos despojar do corpo físico que ora habitamos. E tão identificados estamos com este corpo, que cremos ser ele nossa única e verdadeira identidade. E tão imersos estamos no mundo da matéria perecível, que raramente paramos para refletir na possibilidade de sermos mais que um corpo perecível, de sermos espíritos imortais.

Então vem a mudança que chamamos *morte*, mas não sabemos que se trata apenas de uma mudança de dimensão, de uma curta viagem da Terra ao Além, e não estando preparados, nos desesperamos com o vislumbre de nossa partida.

Antes de reencarnar desta feita, certamente fizemos todos os preparativos no mundo espiritual para nosso retorno à vida física, visando facilitar nossa jornada quando aqui chegássemos. É igualmente necessário, para nosso próprio benefício, que façamos também os preparativos para a viagem de volta.

Em nosso planeta, mais de 156 mil pessoas fazem sua viagem de volta ao Além – diariamente!

E se um desses viajantes hoje for você, sua mala estaria pronta?

Como em qualquer viagem a um país estranho na Terra, para que quando lá chegarmos não nos sintamos tão perdidos, é necessário que nos familiarizemos, se não com todos os aspectos de sua cultura, costumes, sociedade, idioma etc., pelo menos que tenhamos alguma noção de como é a vida naquele país.

Igualmente necessário é saber como será o trajeto àquelas terras,

como evitaremos os perigos do caminho, como seremos recebidos, quem iremos encontrar e como nos comunicaremos com os nativos, enfim, temos de fazer todos os preparativos necessários para uma experiência positiva e edificante.

SUA MALA ESTÁ PRONTA? é um guia de viagem a outras paragens, ao nosso regresso ao Além. Seu objetivo é familiarizá-lo com os processos desta enigmática e temerosa viagem. Nele você encontrará dicas e sugestões para que seu retorno seja o mais suave possível.

Neste guia você saberá o que deveria levar em sua "bagagem" para que tenha uma viagem agradável.. O que deveria deixar na Terra para não atrapalhar sua chegada. Saberá se viajará só ou acompanhado. Conhecerá outros viajantes e ouvirá deles como transcorreu seu percurso.

SUA MALA ESTÁ PRONTA? tem como objetivo auxiliar o viajante espiritual a desviar das rotas tenebrosas que ligam a Terra ao Além e direcioná-lo ao caminho la luz – que é o seu destino.

Agora, afrouxe o cinto, relaxe, a viagem vai começar!

Admir Serrano
Miami, julho de 2008

1

QUEM TEM ATLAS,? ONDE FICA O ALÉM?

O primeiro passo para qualquer viagem é saber onde se quer ir, é a escolha do destino final. Nem preciso dizer que viagens são oportunidades fantásticas de aprendizado, de contato com povos, culturas, costumes, idiomas diferentes, uma forma agradabilíssima de enriquecer o intelecto, expandir o conhecimento e observar as tantas maravilhas que o Criador espalhou por nosso imenso e belo planeta Terra.

Em nossas aulas de geografia, aprendemos que, convencionalmente, a Terra está dividida em sete continentes. Em ordem crescente de extensão territorial, são eles: Ásia, África, América do Norte, América do Sul, Antártida, Europa e Oceania. Com exceção da Antártida, os demais continentes são subdivididos em países, cada um com povos, culturas, costumes e dialetos distintos, dependendo da região.

Cada país, por sua vez, possui também subdivisões políticas e geográficas – províncias ou estados –, e estes com suas subdivisões – municípios, cidades, bairros, vilarejos, e assim por diante.

Para planejar uma viagem no plano terrestre, basta definir o lugar e tomar as providências necessárias para alcançar o destino.

Em nossa condição de encarnado neste mundo material, em que nosso corpo físico vibra na mesma frequência e sintonia com as coisas da Terra, tudo que é material nos é visível. Portanto,

sobretudo nesta era da informação globalizada, podemos encontrar tantas informações quanto desejarmos acerca dos lugares que queremos visitar. E tomar conhecimento desse lugares por meio de fotografias, filmes, depoimentos de outros viajantes e assim por diante.

E, quase certamente, uma pessoa relativamente bem informada, hoje em dia, já tem familiaridade com um grande número de localidades na Terra, se não diretamente, indiretamente, graças às inúmeras informações disponíveis.

Seja qual for o destino desejado em algum lugar da Terra, o viajante pode saber, com um elevado grau de exatidão, sua localização geográfica, seu idioma oficial, costumes, culturas, enfim, poderá preparar-se antecipadamente para que, em sua chegada e permanência, não estranhe muito esse novo lugar.

Mas e o Além, o mundo espiritual, esse que é o destino final de todos nós, onde fica? Como é a vida lá? Tem continentes, países, cidades, vilarejos, assim como a Terra? E... como fazemos para escolher um lugar agradável no Além após deixarmos o corpo físico quando morrermos?

Afinal, onde fica o Além?

ONDE FICA O ALÉM

Para a Igreja dogmática, os bons vão para o Céu. A morada de Deus.

Mas onde estão seus habitantes, os bilhões de almas que viveram na Terra, e que, por terem sidos bonzinhos, foram recompensados

com o direito de gozar prazeres celestiais indescritíveis e inimagináveis?

Qual a localização do mundo espiritual?

Lembra-se da divisão geográfica da Terra, dos sete continentes, Ásia, África, América do Norte, América do Sul, Antártica, Europa e Oceania?Agora vamos sair da crosta terrestre, vamos fazer uma breve viagem à atmosfera da Terra.

A atmosfera da Terra está dividida em cinco camadas principais, em ordem ascendentes, da crosta para o espaço, são elas: a troposfera, a mais próxima da crosta, acima dela vem a estratosfera, em seguida a mesosfera,a termosfera e a ionosfera...

Agora vamos sair da Terra e ir para o espaço... No espaço sideral ou universo, existem inumeráveis galáxias, cada uma delas com incontáveis estrelas, formando uma imensidão de sistemas planetários que, mesmo sendo material, sua imensa distância ainda não permite que nossos limitados instrumentos os alcancem. Entre uma galáxia e outra, uma estrela e outra, um planeta e outro, existem espaços vazios de extensão incalculável.

E agora as perguntas...

Onde, nessa infinitude do universo, estão, em espírito, nossos entes queridos que partiram da Terra? Para onde foram eles e para onde iremos nós após a morte do corpo físico?

Vejamos o que o Espiritismo ensina...

2

ONDE ESTÃO OS ESPÍRITOS

Na Doutrina Espírita encontramos explicações claras e precisas sobre o nosso destino após a morte do corpo. O Espiritismo é igualmente claro em relação aos mais variados aspectos da vida na Terra e no Além.

E o que para mim é mais maravilhoso ainda sobre os ensinamentos do Espiritismo é que muitos estudos acadêmicos sistematizados comprovam o que o Espiritismo ensina. Para o leitor que ainda não leu meu livro *Morrer não é o fim*, nele detalho uma série de estudos comprovando o que aprendemos no Espiritismo.

O Espiritismo traz esse conhecimento por ter sido escrito por ordem dos espíritos superiores e por eles ditados. Mensageiros de Deus, são os agentes de sua vontade e sua missão é instruir os homens e iniciar uma nova era, a da regeneração da humanidade.

Para o leitor que não conhece a Doutrina Espírita, o primeiro dos cinco livros que constituem as chamadas Obras Básicas do Espiritismo[1] é *O Livro dos Espíritos,* a espinha dorsal da Doutrina Espírita. *O Livro dos Espíritos* é composto de 1019 perguntas e esclarecimentos sobre os mais diversos aspectos do ser humano, da imortalidade da alma, do universo, da vida na Terra e no mundo espiritual e outros fenômenos de nossa existência física e espiritual. Essas perguntas foram feitas por Allan Kardec, conhecido como o

codificador do Espiritismo, aos Espíritos superiores incumbidos de trazer à Terra a Doutrina Espírita. As respostas foram obtidas por intermédio de vários médiuns psicógrafos em meados do século 19. *O Livro dos Espíritos* foi lançado em Paris em 18 de abril de 1857, data que marca o nascimento oficial do Espiritismo no mundo.

Na questão 87 desse livro, Allan Kardec indaga: "Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no espaço?"

"Os Espíritos estão *em todos os lugares* – respondem os interlocutores do Além - *povoam infinitamente os espaços*. Estão sempre ao vosso lado, vos observam e agem entre vós sem os perceberdes, porque os Espíritos são uma das forças da natureza e os instrumentos dos quais Deus se serve para a realização de Seus desígnios providenciais (...)"

Estão em todos os lugares, povoam infinitamente os espaços, significa que não existe espaço no universo, nem na Terra, nem em sua atmosfera, em seus continentes, países, municípios, cidades, bairros, ruas, casas, cômodos dessas casas onde não há Espíritos!

"O mundo corporal e o mundo espiritual se derramam incessantemente um sobre o outro; pela morte do corpo, o mundo corporal fornece seu contingente ao mundo espiritual e, pelo nascimento, o mundo espiritual alimenta a Humanidade," resume Allan Kardec em *O que é o Espiritismo*.

Nós vivemos mergulhados no mundo espiritual assim como peixes vivem mergulhados no oceano!

Mas se estamos imersos no mundo espiritual, com espíritos continuamente a nosso lado, observando-nos e nos influenciando, por que não os vemos nem os percebemos?

Eis a resposta...

Pelo mesmo motivo que não conseguimos ver, na luz branca, por exemplo, as cores do arco-íris, ou em nosso ambiente, a luz ultravioleta, ou os raios gama. Nossa visão tem capacidade limitada e não é capaz de detectar ondas eletromagnéticas, ou frequências vibratórias, acima de um certo limite.

O perispírito – nosso corpo espiritual – é invisível aos nossos olhos. Ele é formado de matéria muito rarefeita que vibra em frequência além da capacidade de nossa limitada visão física. E esta é a razão pela qual não conseguimos ver os espíritos que nos rodeiam. Exceção feita a médiuns videntes, a maioria de nós passa a vida completamente alheia à existência do mundo espiritual e seus habitantes, até o dia de nosso desencarne quando, passando a ver com os olhos da alma, nos encontraremos mergulhados neste mundo com outros desencarnados.

Existe também outra boa razão pela qual não conseguimos ver esses espíritos, esta por um gesto de benevolência divina.

Sua visão nos perturbaria.

"Que inconvenientes existiriam se a possibilidade de ver os Espíritos fosse permanente e geral? (...)", Kardec indaga aos espíritos. (1) E eles respondem: "O homem está constantemente rodeado de Espíritos, e a visão incessante que teria deles o perturbaria, iria atormentá-lo em suas ações e lhe tiraria a iniciativa na maioria dos casos (...)."

Graças a Deus não conseguimos ver os espíritos que nos rodeiam!

Imagine se esta mulher conseguisse ver espíritos!

Contam que o próprio Edgar Cayce, grande vidente norte-

americano nas primeiras décadas de 1900, tomou, certo dia, um tremendo susto ao receber uma mulher que o procurava para uma consulta espiritual. Enquanto a visitante conversava com a esposa de Cayce na cozinha, o vidente, pálido com o que via, observava atrás da mulher um desencarnado enfurecido, empunhando uma faca e desfechando, continuamente, golpes contra ela.

Cayce poupou a mulher desse detalhe, mas, descrevendo-lhe o homem, soube que se tratava de um ex-noivo que ela deixou, e que, não se conformando com o abandono, suícidou-se. Havia voltado para se vingar..

Diante de ocorrências como essa, mais comuns do que imaginamos, reflita quanto rancor, ódio, e desejo de vingança ainda imperam na Terra, sentimentos estes que, ao desencarnar, os espíritos levam consigo ao Além. Nossa vida seria um verdadeiro Inferno se conseguíssemos ver espíritos nessas condições!

Mas seria possível algum dia, em algum lugar deste imenso universo, termos condições de vê-los?

Allan Kardec faz uma pergunta semelhante aos próprios espíritos: "Nos mundos mais avançados que o nosso, a visão dos Espíritos é mais frequente?" (2) "Quanto mais o homem se aproxima da natureza espiritual, mais facilmente entra em relação com os Espíritos; é a grosseria do vosso corpo que torna mais difícil e mais rara a percepção de seres etéreos."

Mas não pense que não temos contato com os espíritos! Temos sim, quase todas as noites! "Quando se dorme, se está, momentaneamente, no estado em que o homem se encontra, de maneira fixa, depois da morte", esclarecem-nos os espíritos. Durante

o sono, em espírito, nos libertamos parcialmente dos laços da matéria e deixamos o corpo físico. Não mais presos à Terra pela força da gravidade, viajamos a dimensões espirituais e entramos em contato direto com os espíritos que habitam essas regiões.

E onde se localizam essas regiões?

É o que veremos a seguir...

---

1 Obras Básicas da Doutrina Espírita: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868).

3

A “GEOGRAFIA” DO ALÉM

“Muitos comunicantes da Vida Espiritual têm afirmado, em diversos países, que o plano imediato à residência dos homens (a crosta terrestre) jaz subdividido em várias esferas. Assim é, com efeito, não do ponto de vista do espaço, mas sim sob o prisma de condições, como ocorre no globo de matéria mais densa, cujo dorso o homem pisa orgulhosamente.

Para justificar a nossa asserção, lembraremos, em rápida síntese, que a crosta terrestre, na maior parte dos elementos que a constituem, é sólida, mas conservando, aqui e ali, vastas cavidades repletas de líquido quente ou de material plástico.

Guarda o orbe grande núcleo no seio, e que podemos considerar como sendo plasmado num aço de níquel natural, revestido por grossa camada de rocha basáltica, medindo dois mil quilômetros, aproximadamente, de raio, no tope da qual, ali e acolá, surgem finas superfícies de rocha granítica, entre as quais a face basáltica está recoberta de água. Mais ou menos nessa superfície, reside a zona mais apropriada para indicar o limite do solo que é, consequentemente, o leito do oceano.

Temos, desse modo, os continentes do mundo, como ligeira película, com a propriedade de flutuar, à maneira de barcaças imensas, sobre o maciço basáltico, película essa que mantém a espessura de cinquenta quilômetros em média.

Encontramos, assim, na constituição natural do planeta, desde a barisfera[2] à ionosfera, múltiplos círculos de força e atividade na terra, na água e no ar, tanto quanto nos continentes identificamos as esferas de civilização e nas civilizações as esferas de classe, a se totalizarem numa só faixa do espaço.

É, pois, em novo plano, a dividir-se em variados setores de ação e de luta, que a consciência desencarnada, agora relativamente responsável, vai conhecer o resultado de suas próprias criações na passagem pelo campo carnal (...)"

A explanação acima foi dada pelo Espírito André Luiz, no livro *Evolução em dois mundos*, psicografado pelos médiuns Francisco Xavier e Waldo Vieira. Para o leitor que não o conhece, André Luiz foi um médico em sua última encarnação. E por não haver vivido como deveria, em seu desencarne, ele gravitou para as zonas trevosas junto à crosta terrestre, onde passou oito anos em doloroso sofrimento mental e físico, pois ainda seguia com fortes impressões de sua vida na matéria. Ao ser resgatado dessa região que ele denominou de umbral, fora levado à colônia *Nosso Lar*, onde fora reeducado à nova vida e passara a trabalhar no auxílio de outros espíritos sofredores.

Para o leitor ainda não familiarizado com o Espiritismo, além das Obras Básicas de Allan Kardec – *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno*, *A Gênese* – existem outros livros espíritas que detalham a vida na espiritualidade.

Como nos informa a literatura espírita ,coexistindo com nossas

comunidades, ocupando o mesmo espaço em que habitamos, na Terra e na atmosfera, há toda uma nação de espíritos desencarnados. Esses espíritos se encontram congregados em colônias de recuperação, de reeducação, e de estudos.

E para mim, não existe a menor dúvida que é assim!

Minhas experiências, durante os desdobramentos espirituais, também chamadas de emancipação da alma, durante o sono, muitas das quais a clareza é tamanha que até creio já estar desencarnado, vou para cidades e povoados muito semelhantes aos encontrados aqui na Terra. Esses locais possuem edifícios, ruas, jardins, lagos, etc, toda uma estrutura que já nos é muito familiar e nada haverá de estranho quando lá aterrissarmos após o término de nossa aventura na Terra.

Quanto a seus habitantes, espíritos desencarnados, à primeira vista, nada têm de diferente de nós que ora vivemos no plano terrestre. Possuem corpos semelhantes ao nosso, com cabeça, tronco e membros; vestem-se como nós, com camisa, calças, sapatos, vestidos, como se ainda estivessem na vida física; caminham como nós, apesar de terem a opção de volitar quando necessário, se preferirem esse meio de locomoção.

O mundo dos espíritos é nossa morada desde muito antes de vivermos na Terra; portanto, haverá pouco com o que não estmos acostumados.

E há muitos espíritos no universo?

Semelhante pergunta fez Kardec aos espíritos em *O Livro dos Espíritos*, questão 55. “Todos os globos que circulam no espaço são habitados?”

E eles responderam: “Sim, e o homem da Terra está longe de ser, como pensa, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Entretanto, há homens que se julgam superiores a tudo e imaginam que somente este pequeno globo tem o privilégio de ter seres racionais. Orgulho e vaidade! Acreditam que Deus criou o universo só para eles.”

E como seriam esses planetas? – indaga Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, questão 56. “A constituição física dos diferentes globos é a mesma?”

> “Não. Não se assemelham em nada” responde a espiritualidade.
>
> “Como a constituição física dos mundos não é a mesma, podemos concluir que os seres que os habitam têm corpos e uma organização diferente?” pergunta Kardec, na questão 57
>
> “Sem dúvida, como entre vós os peixes são feitos para viver na água e os pássaros, no ar.”

E como seria dividido o Além?

Veremos como...

---

2 Ou nife, núcleo central da Terra. N.A.

4

AS DIVISÕES DO ALÉM

A primeira religião a fornecer ideias mais claras sobre a imortalidade do ser humano, de seu destino após a morte e da reencarnação, foi o Hinduísmo, religião milenar até hoje praticada na Índia. É nos *Vedas*, escrituras sagradas do Hinduísmo, onde encontramos referências às divisões do Além. *Lokas* é o termo utilizado para denominar essas divisões; *lokas*, em sânscrito, idioma antigo da Índia, possui vários significados – mundo, dimensão, morada, planos ou esferas de existência extrafísicos para onde o ser humano desencarnado gravitaria após a morte.

O Espiritismo, assim como o Hinduísmo, ensina que a situação ou condição de existência nessas dimensões é determinada pelo desenvolvimento moral, espiritual e intelectual de cada um durante suas inúmeras existências.

Temos, aqui na Terra mesmo, analogia perfeita para compreendermos as divisões e o que nos espera no Além quando chegar o dia de nossa grande viagem. Comecemos com dados demográficos e geográficos do mundo material onde ora vivemos.

A população da Terra está se aproximando de 6,7 bilhões de habitantes. Os continentes mais populosos são Ásia (4 bilhões), África (950 milhões), Europa (730 milhões), América do Sul (380 milhões), América do Norte (340 milhões) e Oceania (34 milhões).

As condições de existência dos seus habitantes e os lugares onde

vivem em cada um desses continentes variam, desde a mais abjeta pobreza em regiões atrasadas, às mais abastadas, em regiões avançadas. Dentre as regiões mais atrasadas e de extremo sofrimento, estão vários países da África e Ásia; entre as mais adiantadas e abastadas, estão uma série de países da Europa e América do Norte.

Nas regiões onde imperam a pobreza e o sofrimento imperam também o atraso intelectual, moral e ético, e, ao contrário, nas regiões mais ricas evidencia-se um nível superior de intelectualização, de moral e de ética. Nos países onde o nível de pobreza é acentuado, vêem-se maiores índices de analfabetismo e mais corrupção do que em países mais ricos.

É o nível de evolução intelectual, moral e ética de seus habitantes que faz o país, ou certa região de um país, pobre ou rico, avançado ou atrasado, feliz ou infeliz.

E é esse mesmo nível de evolução intelectual, moral e ético dos habitantes desencarnados que determina a inferioridade ou superioridade, a felicidade ou infelicidade, das esferas extrafísicas que pululam o espaço em todo o universo.

Portanto, em lugar de continentes ou países, como é feita a divisão geográfica da Terra, o mundo espiritual está dividido em dimensões, esferas ou planos de existência em distintas frequências vibratórias (ciclos por segundo, medida, aqui da Terra, em Hertz.) E quanto mais velozes essas frequências, mais "invisível" o objeto ou o ser que as emitem, se torna; mas nem por isso é menos sólido. O seguinte exemplo vai ilustrar o que quero dizer. Observe as hélices de helicópteros ou de pequenas aeronaves e acompanhe seus

movimentos. Observe-as quando estão imóveis, quando são acionadas, quando começam a ganhar velocidade, até atingirem a velocidade máxima. Você vai perceber que quando estão imóveis são totalmente visíveis, e tornando-se menos vísives à medida que ganham velocidade, e no pico de sua rotação (vibração), tornam-se quase invisíves, e se tornariam invisíveis quanto mais rapidamente girassem.

Contudo, sua invisibilidade, no pico da velocidade, de maneira alguma significa sua inexistência, pois elas continuam existindo, em extrema solidez.

É a limitação de nossos órgãos visuais que nos impede de observar seres e objetos cujas frequências vibratórias excedem nossa capacidade de percepção.

O plano material da Terra é um desses lentos e densos ambientes cujas vibrações são análogas às hélices paradas, portanto visíveis e palpáveis. E como vimos anteriormente, coexistindo com os ambientes materiais de nosso planeta, existem regiões ou planos espirituais que vibram em frequências mais velozes, como as hélices acionadas de nosso exemplo acima.

Para melhor compreensão, podemos dividir o mundo dos espíritos em três grandes planos de existência: planos inferiores, planos intermediários e planos superiores ou celestiais.

PLANOS INFERIORES “OS PLANOS INFERIORES SÃO DESCRITOS COMO UMA DIMENSÃO DE ESCURIDÃO E DE INENARRÁVEL SOFRIMENTO – REGIÕES VERDADEIRAMENTE ABISMAIS. SUA LOCALIZAÇÃO É PRÓXIMA À CROSTA TERRESTRE. FORAM ESSES

PLANOS QUE ANDRÉ LUIZ CHAMOU DE *UMBRAL* E, SEGUNDO ELE, É UMA DOLOROSA REGIÃO DE SOMBRAS, ERGUIDA E CULTIVADA PELA MENTE HUMANA, EM GERAL REBELDE E OCIOSA, DESVAIRADA E ENFERMIÇA. NESSES PLANOS HABITAM SERES DESENCARNADOS (ESPÍRITOS) DE BAIXÍSSIMO PADRÃO VIBRATÓRIO. MUITOS DELES SUICIDAS, HOMICIDAS E OUTRAS ALMAS DESAJUSTADAS DEVIDO AOS GRAVES DELITOS COMETIDOS CONTRA AS LEIS DIVINAS.

Embora sem fogo ou caldeiras ferventes, essas regiões seriam as que mais se aproximam ao inferno, aquelas em que o Cristo dizia haver choro e ranger de dentes. São lugares trevosos, fétidos, em que ecoam gritos e gemidos de sofrimento mental e moral, espelhando a qualidade da alma daqueles que para lá gravitaram. O maior martírio desses infelizes é a constante rememoração dos atos cometidos, das dores que causaram a outros e a si próprios.

Até que não reconheçam os erros cometidos e busquem sua própria redenção, ou seja, as reparações dos males que perpetraram, permanecerão ali em constante sofrimento." (1) Planos intermediários "Os planos intermediários são lugares agradáveis. Pela descrição que André Luiz nos dá de Nosso Lar, a colônia para onde foi levado após sua saída das regiões inferiores, em seu livro *Nosso Lar*, psicografado por Francisco Xavier, podemos ter uma ideia das características desses planos. E Nosso Lar, segundo o próprio André Luiz, ainda não está em uma esfera tão elevada assim. Mas se compararmos como ele passou os primeiros oito anos depois de seu desencarne nas regiões umbralinas e como passou a viver depois de

sua chegada a Nosso Lar, poderíamos dizer até que ele encontrou o paraíso.

Na literatura hinduísta, encontram-se descrições de panoramas do mundo espiritual semelhantes à descrição que André Luiz, Patrícia e outros espíritos nos dão: belas montanhas e vales, rios e lagos, cidades, povoados e vilarejos; todas as formas de cenários conhecidos na Terra. Falam também da existência de edifícios de todos os tipos, belos e elegantes, de todas as variedades de utensílios domésticos, apetrechos, móveis *etc.* Tudo isso construído por meio da manipulação do fluido universal pelas mentes imaginativas dos habitantes desses lugares e pelo poder do pensamento individual e coletivo, as chamadas formas-pensamento." (2) Planos superiores "Quanto às esferas superiores, nelas habitariam os espíritos puros, seres que já atingiram a perfeição relativa e que não fazemos a menor ideia de como seriam. Nosso presente estado intelectual e espiritual, ainda um tanto primitivo, não comporta capacidade de abstração necessária para conceber a natureza de tais esferas.

Esses planos seriam aqueles em que algumas crenças dizem ser a morada de Deus e que muitos de seus adeptos sonham em ir após a morte. Mas se nosso presente estado de evolução intelectual e espiritual ainda não nos permite sequer conceber como seriam esses planos, o nosso atraso moral então nos lança bem longe de qualquer possibilidade de para lá gravitarmos!

Isso, porém, não quer dizer que suas portas nos estejam cerradas para sempre! Podemos sim alcançá-las um dia – assim que atingirmos o nível de pureza necessário para vibrarmos em sintonia com as frequências inimaginavelmente sutis dessas esferas." (3) Mas

até que não nos tornemos perfeitos - e para isso ainda temos um longo caminho a percorrer, muitos defeitos a corrigir, muitos vícios a combater, muitos perdões a dar, muito bem a fazer e muito amor a semear – trabalhemos com afinco para escapar das esferas inferiores. Conseguindo tal feito em cada encarnação, vamos aprontando nossas malas para desfrutar um intervalo mais alegre quando chegar nossa hora de cruzar as fronteiras do Além.

E quando cruzarmos as fronteiras do Além, onde vamos aterrissar? Em que ambiente? Em algum lugar descampado, deserto, floresta, ou em...

5

CIDADES NO ALÉM?

O leitor familiarizado com o livro *Nosso Lar*, do Espírito André Luiz, ou *Violetas na Janela*, do Espírito Patrícia, teve a oportunidade de não apenas conhecer um pouco mais do panorama no mundo espiritual onde eles viviam (ou vivem ainda) mas também de fazer um *tour* mental por suas ruas, praças, bosques, complexos habitacionais e educacionais, panorama este não muito diferente de nossas cidades na Terra.

No meio espírita, esses complexos habitacionais no Além são chamados de *colônias*, como a denominam alguns espíritos. Na literatura espiritualista ou esotérica, são chamados *cidades astrais*. A título de curiosidade, ao que os espíritas chamam de plano espiritual, os teosofistas e outros espiritualistas chamam-no de *plano astral*, daí a origem do termo *cidades astrais*.

"Cidades no Além!?" Essa foi minha exclamação quando pela primeira vez me dei conta de que estava fora do corpo, ou desdobrado, como dizemos no Espiritismo, e vi-me nos arredores de uma cidade em algum lugar no mundo espiritual.

Após volitar por um caminho escuro, uma estrada de terra cercada por barrancos dos dois lados, sobre o qual já havia passado em desdobramento em outra ocasião, parei, após uma curva, em total lucidez e com incrível clareza de pensamento, nos campos que circundavam uma pequena e elegante cidade. Havia uma casinha na

beira da estrada, onde uma senhora, em espírito, dava informação sobre o lugar.

– Que cidade é esta? – indaguei.

– Peone. – informou, em inglês. – Mas se escreve *P-e-j-o-n-e* – soletrou, também em inglês.

Como costumo fazer quando obtenho alguma informação interessante nessas experiências, no dia seguinte fui na Internet procurar a tal *Peone*. Encontrei uma cidade com esse nome, em Nova Zelândia, cujo idioma oficial é o inglês. Mas certamente não há como precisar se a cidade onde estive pudesse ser alguma colônia espiritual relacionada com a cidade terrena daquele paradisíaco país da Oceania.

Após essa experiência, estive em muitas outras cidades no Além.Uma das mais belas e iluminadas onde estive situa-se sobre o Oceano Pacífico, "entre o Chile e a Ilha de Páscoa", como informou-me uma jovem que, em espírito, me acompanhava, em desdobramento, numa excursão que realizei durante uma madrugada alguns anos atrás. Certamente, não deixei de perguntar o nome da cidade, o que me foi prontamente respondido. O nome tinha um som nipônico,e, ao perguntar se estávamos no Japão, ela me respondeu sua localização, "entre o Chile e a Ilha de Páscoa". Lembro-me de ter memorizado o nome para investigação no dia seguinte, e o anotei em algum lugar para referência posterior. Mas infelizmente não me recordo mais do nome.

Minha mãe desencarnou em 1990. Quinze anos depois foi-me permitido visitá-la, em desdobramento. Ela repousava em um leito em um quarto simples com outros Espíritos. Conversamos um

pouco e saí. Havia dois Espíritos me acompanhando, um homem e uma mulher. Volitamos por uma praça e pelas ruas simples e movimentadas da colônia.

– Onde fica esta colônia? – perguntei.

– Sobre os estados do Rio de Janeiro e Bahia. – um deles respondeu.

Mesmo durante os desdobramentos espirituais, sou curioso. Perguntei qual era a população do lugar – Quantos habitantes tem? – indaguei.

– Em torno de 40 mil. – responderam.

As três colônias, ou cidades acima, localizavam-se próximas à superfície da terra. Em outra ocasião, estive em uma colônia com tecnologia muito avançada. Ao indagar sua localização, mostraram-me as coordenadas geográficas ou geodésicas e disseram que se localizava bem acima da crosta terrestre.

O QUE DIZEM OS ESPÍRITOS E ESSAS CIDADES ESPIRITUAIS, SEUS EDIFÍCIOS SUAS RUAS, SEUS CAMPOS QUE DIZEMOS EXISTIR MAS QUE NINGUÉM É CAPAZ DE VER A PARTIR DO PLANO TERRESTRE, DO QUE CONSISTIRIAM ELAS?

O Espiritismo, por fomentar e facilitar a comunicação entres os vivos do Além com os médiuns encarnados na Terra, mostra, com grande clareza, não só a continuidade da vida após a morte do corpo físico, mas fala-nos também onde e como é, para a maioria das religiões, esse enigmático "Além".

O Espírito André Luiz é uma das entidades que mais têm lançado

luz sobre as condições de vida no mundo espiritual que todos nós passaremos a habitar após o término de nossa viagem na Terra. Em seu livro *E a vida continua*, escrito pelas mãos de Francisco Xavier, ele afirma: "Estamos num centro de atividade tão material quanto aquele em que se movimentam os homens, nossos irmãos ainda encarnados, condicionados ao tipo de impressões que ainda lhes governam, quase que de todo, os recursos sensoriais. O mundo terrestre é aquilo que o pensamento do homem faz dele. Aqui, é a mesma coisa. A matéria se resume a energia. Cá e lá, o que se vê é a projeção temporária de nossas criações mentais..."

Tudo que o ser humano criou na Terra, desde suas rústicas moradias pré-históricas, até seus luxuosos arranha-céus modernos e suas imensas metrópoles de hoje, foram suas criações mentais. Nossas cidades, nossas habitações, nossos móveis, nossos utensílios, nossos automóveis, nossas estradas, nossas vestimentas, nossos objetos de entretenimento... Tudo o que a natureza não criou é obra do homem, nascida de uma ideia e trabalhada até sua realização concreta. E tudo que existe na Terra encontra sua contrapartida no plano espiritual, o outro lado da moeda, por assim dizer.

"Nenhum espanto" – prossegue André Luiz em *E a vida continua* – "quando ponderarmos que os edifícios no mundo dos homens nascem do pensamento que os esculpe e da matéria que obedece aos projetos elaborados. Aqui verificamos o mesmo processo, diferindo apenas as condições da matéria, que se evidencia mais intensivamente maleável à influência da ideia dominante. Reflitamos no progresso da indústria de plásticos, na atualidade do plano físico de onde viemos e perceberemos, com mais segurança, as

possibilidades imensas para as edificações delicadas e complexas em nosso domicílio de agora. Naturalmente, também aqui estamos subordinados ainda às técnicas, às vocações, às competências pessoais e às criações estilísticas, no círculo das conquistas espirituais de cada um."

O QUE DIZ A CIÊNCIA QUE O LEITOR CÉTICO NÃO SE APRESSE EM DESDENHAR A IDEIA DE CIDADES NO ALÉM IDÊNTICAS ÀS QUE ENCONTRAMOS NA TERRA. ANTES DE CREDITAR TAL CRENÇA A FANTASIAS DE ESPÍRITA SONHADOR (OU DESVAIRADO!) VEJA O QUE A CIÊNCIA TEM A DIZER SOBRE ISSO.

Paul Dirac, prêmio Nobel de física em 1933, propôs a existência de um antimundo idêntico ao nosso, mas composto por antimatéria. Antimatéria seria como o espelho da matéria, onde os elétrons e prótrons teriam cargas elétricas inversas aos da matéria. Portanto, na antimatéria, os elétrons teriam carga positiva (pósitrons) e os prótons negativa (antiprótons). A antimatéria, que Dirac derivou de uma complexa fómula matemática, foi posteriormente descoberta por cientistas que levaram a sério sua teoria.

A busca pela existência da antimatéria postulada por Dirac, levou, nos anos sessenta, renomados cientistas a criar a teoria das cordas, ou supercordas, como também é chamada. Essas cordas, segundo a teoria, são filamentos vibrantes (energia) que, fundamentalmente, seriam os blocos construtores das partículas subatômicas. A teoria das supercordas veio tentar resolver o problema da divisibilidade das partículas subatômicas. No passado, acreditava-se que o átomo

era indivisível, aliás, o próprio termo, *átomo*, de origem grega, significa *indivisível*. Contudo, com o avanço da ciência conseguiu-se dividir o átomo em prótons, nêutrons e elétrons, e foi-se ainda mais longe, dividiu-se os prótons e nêutrons em partículas ainda mais elementares, chamadas *quarks*, que também poderão ser subdivididas *ad inifinitum* à medida que instrumentos científicos mais modernos forem criados.

Eventualmente foram criadas cinco teorias das supercordas, que foram ampliadas e unificadas pela atual Teoria-M (das membranas). De acordo com a Teoria-M existem no universo onze dimensões. Além das quatro dimensões com as quais estamos familiarizados, altura, largura, comprimento (dimensões espaciais), e tempo (dimensão temporal), existiriam outras sete dimensões.

E não existiriam apenas outras dimensões, mas sim outros universos!

Michio Kaku, um brilhante físico e um dos mais atuantes cientistas na formulação das teorias da supercordas e Teoria-M, defende a existência de não apenas outros universos existindo paralelamente um ao outro mas também de civilizações extraterrestres em diferentes níveis de evolução que os habitam.

Em seu livro *Parallel Worlds* (Mundos paralelos), ele afirma: "Acumulam-se cada vez mais evidências teóricas que apóiam a existência de 'multiversos', onde universos completos brotam de outros universos. Se verdadeiro, isso viria a unificar duas grandes mitologias religiosas, Gênese e Nirvana. Gênese ocorreria continuamente no tecido infinito de Nirvana". (1) Informações do Além Michio Kaku, o brilhante teorista físico que postula a

existência de mundos paralelos e civilizações extraterrestres, nasceu em 1947, em San Jose, o coração do Vale do Silício, na Califórnia.

Na cidadezinha mineira de *Pedro Leopoldo* , em 1938, nove anos antes do nascimento de Kaku, Chico Xavier transcrevia para o papel o que Emmanuel, habitante de um desses mundos paralelos, tinha a falar sobre isso que a ciência apenas recentemente vem afirmando.

"Há mundos incontáveis" – diz Emmanuel – "e muitos deles formados de fluidos rarefeitos, inatingidos, na atualidade, pelos vossos instrumentos de ótica". (2) Meu guia de viagem, neste e no outro mundo, é o Espiritismo, que prega a fé raciocinada aplicada à ciência, filosofia e religião.

Portanto, caro leitor, apronte sua mala e prepare-se, continuamente, para explorar esses mundos incontáveis que nos esperam no outro lado da vida. Mas lembre-se sempre de que quem faz o roteiro é você, e é a sua conduta nesta vida que determinará seu destino nessa inevitável viagem.

6

APRONTANDO A MALA Como se apronta a mala para viajar a uma dimensão onde não teremos mais as necessidades que tínhamos na Terra? Que pertences e quais bens, então, vamos precisar para que nossa viagem e permanência no Além sejam as mais agradáveis possíveis?

Aqui estão as respostas...

O único pertence que levaremos conosco será nosso corpo perispiritual, o corpo que sobrevive à morte física – e ele é nossa mala! Os bens necessários que temos de transportar desta vida a outra são todos aqueles que agradam a Deus!

O primeiro bem que agrada a Deus é nosso reconhecimento que Ele nos fez espíritos imortais e que nossa vida a Ele pertence.

O segundo é a conscientização de que este corpo orgânico que ora habitamos é mortal e que poderemos perdê-lo a qualquer instante, isto é, poderemos ser chamados de volta à casa do Pai quando menos esperarmos. E quando formos chamados, ou quando qualquer um de nossos seres queridos for chamado antes de nós, não deveremos nos revoltar contra Deus nem O maldizer.

Ele sabe por que o fez e sabe o que é melhor para Seus filhos. E por isso temos que confiar Nele.

A Terra não é nossa pátria de origem nem nosso destino final,

estamos aqui apenas de passagem, experimentando a vida física temporariamente; o mundo espiritual é a nossa pátria de origem e nosso destino final, lá nascemos e para lá retornaremos.

Estes bens, reconhecer nossa imortalidade e saber que seguiremos existindo no mundo espiritual, são de extrema importância para nosso retorno ao Além . De posse deles, evitaremos continuar perambulando entre os vivos da Terra, achando que ainda estamos no corpo físico, quando o deixarmos por ocasião da morte.

Contudo, esses bens são os mais fáceis de colocarmos em nossa bagagem perispiritual, são os que requerem menor esforço de nossa parte.

Vamos então aos mais difíceis...

Vê toda a maldade, injustiça, violência, ódio, desejo de vingança, vícios, rancor, avareza, egoismo, orgulho que ainda imperam no coração da humanidade?

Pois bem, esses e tantos outros males do gênero são sentimentos que desagradam a Deus e nos trarão muito sofrimento, tanto nesta vida, como em nossa próxima vida no Além, e nosso posterior retorno à vida física, se os cultivarmos e os levarmos conosco.

Nós já atingimos um nível de consciência que nos permite discernir entre o que nos é agradável e nos faz bem do que não o é e nos prejudica. A não ser que sejamos masoquistas, preferiríamos viver em condições agradáveis e benéficas, em todas as nossas existências, tanto na Terra como no mundo espiritual.

Portanto, em nossos preparativos ao inevitável retorno ao Além, é necessário revisar nossa bagagem perispiritual, e, se encontrarmos qualquer um desses sentimentos instalado em nosso ser, precisamos

removê-lo imediatamente. Se o carregarmos conosco vamos sofrer as consequências desagradáveis de seu peso durante todo o tempo que o cultivarmos. Vamos ser infelizes, tanto na Terra como no Além, e não poderemos culpar a ninguém, a não ser nós mesmos, pela nossa própria infelicidade.

Ao indagar aos espíritos sobre nossa felicidade na Terra, Allan Kardec obtém a seguinte resposta, conforme questão 921, de *O Livro dos Espíritos.*

> " – O homem é quase sempre o agente de sua própria infelicidade. Ao praticar a lei de Deus, se pouparia dos males e desfrutaria de uma felicidade tão grande quanto o comporta sua existência grosseira.
>
> *O homem bem compenetrado de sua destinação futura vê na vida corporal apenas uma estação temporária. É como uma estada passageira numa hospedaria; ele se consola facilmente de alguns desgostos passageiros de uma viagem que deve conduzi-lo a uma posição tanto melhor quanto melhor tenha se preparado. Somos punidos, já nesta vida, pelas infrações às leis da existência corporal, pelos males que são a consequência dessa infração e de nosso próprio excesso. Se voltarmos gradativamente à origem do que chamamos de nossas infelicidades terrenas, as veremos, na maioria das vezes, como consequência de um primeiro desvio do caminho reto. Por esse desvio, entramos no mau caminho e, de consequência em consequência, caímos na infelicidade.*"

E o único meio de desviarmos dos caminhos que nos levam à infelicidade é vivendo nossa vida em estrita aderência às leis de Deus. E fazendo-o, estaremos automaticamente cultivando e colocando em nossa bagagem perispiritual os bens necessários para

que nossas viagens pela eternidade sejam experiências prazerosas, repletas de alegria e júbilo.

Nossa existência, seja no mundo material ou espiritual, tem quatro grandes objetivos – aprender a amar, a perdoar, a fazer o bem e nos instruir. É isso que Deus espera de nós, e foi para isso que nos criou.

E se Deus nos deu esse trabalho, deu-nos também os meios de executá-lo. Deu-nos a família para o exercício do amor e do perdão, fez-nos filhos para aprendermos a amar e a perdoar nossos pais, faz-nos pais para aprendermos a amar e a perdoar nossos filhos, dá-nos irmãos para que igualmente os amemos sempre e os perdoemos quando necessário, pôs-nos em grupos sociais para que estendamos a prática do amor, do perdão e do bem-fazer às pessoas fora de nosso círculo familiar, e deu-nos a vida, os livros, e as instituições de ensino para a aquisição de conhecimentos e para o desenvolvimento intelectual.

"Duas asas conduzirão o espírito humano à presença de Deus" – esclarece Emmanuel pelas mãos de Francisco Xavier – "uma chama-se amor, a outra, sabedoria. Pelo amor, que, acima de tudo, é serviço aos semelhantes, a criatura se ilumina e aformoseia por dentro, emitindo, em favor dos outros, o reflexo de suas próprias virtudes; e, pela sabedoria, que começa na aquisição do conhecimento, recolhe a influência dos vanguardeiros do progresso, que lhe comunicam os reflexos da própria grandeza, impelindo-a para o Alto. Ambos são imprescindíveis ao progresso..." (1) Agora que já sabemos o que desagrada a Deus e que precisamos retirar da bagagem, vamos ver o que O agrada e que precisamos levar na bagagem.

Quais são os bens que agradam a Deus?

Eis os principais...

– Primeiro de tudo é a crença em Deus, o reconhecimento de que uma Inteligência, um Ser Superior, misericordioso, justo e infinitamente sábio, cria e governa o universo e todos os seres nele contido.

– Em seguida vem o agradecimento diário a Ele por ter nos permitido experimentar a vida na Terra, independentemente de quão difícil esta vida aparentemente é.

– E, independentemente de quão difícil seja nossa atual experiência aqui na Terra, temos que estar sempre com a consciência tranquila de que passamos nosso dia-a-dia empenhados em nosso desenvolvimento moral, espiritual e intelectual, por pouco que seja, e sendo úteis a nosso próximo e a nossa sociedade. Nós temos esse compromisso com Deus!

– Precisamos ter sempre a absoluta certeza de que não estamos prejudicando ninguém de nenhuma maneira. É o trabalho de cada ser humano aqui na Terra zelar pelo bem-estar de seu próximo e ser caridoso, iniciando por nossos familiares mais próximos e estendendo a todos os seres com os quais convivemos. Nós somos os criadores de nossa sociedade, e o que ela é, justa ou injusta, pacífica ou belicosa, desenvolvida ou atrasada, é o reflexo das características íntimas de seus habitantes, de cada um de nós que a compõe!

– Nossos corações devem estar sempre livres de rancor, de ódio, de desejo de vingança, de egoísmo, de orgulho e de vícios... O amor, a benevolência, o altruísmo, a empatia, a humildade, a generosidade... tudo que é virtuoso são bens que nos ajudam a evoluir, a ser feliz e a nos aproximarmos de Deus.

– Desapego aos bens materiais, zelar por eles sim, mas não ser seus escravos.

– Livrar-nos de todos os sentimentos e paixões inferiores; estamos na Terra para evoluir, e somente evoluimos melhorando, e somente melhoramos quando substituimos pensamentos, sentimentos e ações inferiores por superiores – diariamente!

Quando decidimos fazer aquela viagem de nossos sonhos a algum lugar aqui na Terra, gostamos de encher a mala com roupas e apetrechos novos, ninguém quer levar "trastes" em ocasiões tão especiais. E nossa bagagem perispiritual tem que estar transbordando de apetrechos novos, ela não deve conter "bagulhos" se quisermos ter uma estadia agradável em nossa viagem ao Além.

Aliás, sofre-se muito quando, por uma razão ou outra, não removemos "bagulhos" de nossa bagagem perispiritual – até mesmo na hora da partida!

É muito comum ao desencarnante (nosso viajante ao Além) sofrer no momento do desencarne se ainda alimenta ressentimentos ou ódio contra alguém, um familiar ou um amigo, se deixou negócios pessoais não-resolvidos ou mal-resolvidos, se não expressou o amor que sentia a um ser querido...

E isso poderá muito bem acontecer conosco também se estivermos nessa situação.

Sentimentos e ações danosos a alma e do desagrado de Deus não nos permitirão nem desencarnar e tampouco "descansar em paz" se não forem erradicados durante nossa estadia na Terra. Nós estamos na Terra para isso, para erradicar todos os males que nos impedem de sermos felizes. E vamos responder por isso, se negligenciarmos

essa missão.

Veja o que André Luiz tem a falar sobre isso.

> "O Espírito renasce no mundo físico, tantas vezes quantas se façam necessárias para utilizar-se, aperfeiçoar-se, lucificar-se; e, à medida que se aprimora, vai percebendo que a existência carnal é um ofício ou missão a desempenhar, de que dará ele a conta certa ao término da empreitada." (2) Agora que você sabe o que deve e o que não deve levar em sua bagagem, veja nos dois capítulos seguintes como é chegar no Além preparado e despreparado. Como todos nós, sem nenhuma exceção, alguns mais cedo, outros mais tarde, vamos fazer nossa viagem ao além, seria muito proveitoso se, ao ler esses capítulos, refletíssemos em como estamos vivendo esta vida. Sabendo ser nossos pensamentos, sentimentos e ações as causas determinantes de nossa felicidade ou infelicidade futura, ao analisar como temos vivido nossas vidas até este momento, não será muito difícil vislumbrar o que nos espera no Além.

E quando chegar sua hora de retornar ao mundo dos espíritos, sua mala estará pronta? Você já está guardando os apetrechos apropriados para uma feliz estadia lá?

7

QUANDO A MALA ESTÁ PRONTA – Adeus, doutor. Nos veremos no Além! – disse Frances Banks a seu médico. – Você sabe que tenho câncer e não há como curar-me.

O corpo de Frances já estava definhando no leito. E ela estava pronta para sua viagem ao Além. Às vezes dormia e, ao despertar, frustrava-se pelo fato de ainda estar no plano terrestre.

– Ainda estou aqui? Achava que já fosse despertar no outro lado da vida!

Frances entrou em coma, e uma bem-intencionada amiga queria que ela permanecesse mais tempo na Terra, no convívio dos amigos e familiares; desejava que ela fosse curada do câncer que em breve determinaria sua passagem de volta à sua pátria de origem. Essa amiga havia viajado a Lourdes,cidade localizada aos pés dos Pirineuss no sudoeste da França, e trazido água da Gruta de Massabielle, local onde a jovem camponesa Bernadette Soubirous teve uma série de visões de Nossa Senhora, no ano de 1858. Nesse local curas mirabolantes têm sido relatadas e confirmadas desde aquela época.

"Frances pode receber um milagre e curar-se", acreditava a amiga.

Entrando no quarto, caminhou ao leito com cuidado, pois não queria fazer ruídos para não assustar a amiga moribunda, caso

despertasse repentinamente. Abaixando-se, aproximou-se da enferma e sussurou: – Esta é água benta da Gruta de Lourdes, Frances. – Embebendo a ponta do polegar na água da garrafinha, fez o sinal da cruz na fronte e nas palmas e costas das mãos da amiga.

Após alguns instantes, sem abrir os olhos, com um meio-sorriso nos lábios, Frances murmurou tranquilamente: – Está tudo bem, querida. A mudança já começou.

Nesse instante, Frances entrou em coma. No dia seguinte, 2 de novembro de 1965, por volta de meio-dia, desencarnou e retornou ao Além.

Mas não retornou imediatamente, só depois de acompanhar seu próprio velório!

Frances Banks era também estudiosa e pesquisadora de percepção extra-sensorial. Muitos dos presentes em seu velório eram amigos que com ela participavam de um grupo de estudos psiquícos e espirituais, Alguns desses amigos eram médiuns. Durante os serviços funerários, vários desses amigos disseram haver sentido sua presença, e algumas chegaram até a vê-la.. Disseram que ela estava vestida em seu hábito de freira. E não estava só! Estava acompanhada de sua querida Madre Florence, desencarnada algum tempo antes.

E Frances Banks contou para onde foi após seu funeral!

DEPOIS DA VIAGEM, O REPOUSO “ESTOU EM UMA ESPÉCIE DE CASA DE REPOUSO AGORA, ADMINISTRADA PELAS IRMÃS DA CONGREGAÇÃO A QUE EU PERTENCIA QUANDO ESTAVA ENCARNADA. ELAS SÃO GENTIS E TÃO BOAS COMIGO.!NESSE

MOMENTO DEITADA EM UM LEITO, ESTOU EM UM TERRAÇO DE ONDE VEJO UMA VASTA PLANÍCIE ENSOLARADA. É UM CENÁRIO MARAVILHOSO, QUE ME TRANSMITE MUITA PAZ. ESTOU ME RECUPERANDO DA ENFERMIDADE QUE CAUSOU A DESINTEGRAÇÃO DE MEU CORPO FÍSICO. ESTOU CONTENTE E MUITO TRANQUILA. . PRETENDO PERMANECER AQUI.E ATÉ JÁ FALEI PARA MADRE FLORENCE QUE GOSTARIA DE TRABALHAR AQUI COM ELA QUANDO EU ESTIVER PRONTA.

Espíritos, vindos da Terra assim como de outros lugares que não conheço, são transferidos para cá, quando estão prontos. Aqui eles recebem todos os cuidados de que necessitam, assim como eu estou recebendo. Após reajustar-me a esta vida creio que vou ficar por aqui e lecionar com as Irmãs, se elas me aceitarem, e se eu puder ser útil. A psicologia que aprendi na Terra, juntamente com o aprendizado dos próximos estágios de desenvolvimento neste plano, poderão ser de grande utilidade nesse trabalho.

Tenho certeza de que vou adorar meu trabalho aqui. Estou tão feliz que vou continuar trabalhando. Eu amo ser útil e sempre adorei meu trabalho. Tenho a impressão de que minha experiência vai ser muito útil aqui. . Vai me ajudar também. Eu sempre fui, por natureza e inclinação, uma educadora. E é uma imensa felicidade saber que podemos continuar exercitando nossos conhecimentos e habilidades nessa nova vida." (1) **Por que Frances não teve *jet lag*** *Jet lag* é um termo em inglês, usado também no Brasil, cujo significado é "desorientação mental provocada pela utilização de meio de transporte que propicie rápidas mudanças de fusos horários, como

certos aviões, e veículos espaciais". (*Dicionário Aurélio*) Essa *desorientação mental,* ou *jet lag* no Além, ocorre também, muito comumente, como vamos ver no caso que relato no próximo capítulo, em nossa viagem de volta à pátria espiritual. Obviamente, essa viagem não se dá por nenhum veículo de transporte, mas pelo desencarne. É a morte do corpo que nos devolve à espiritualidade, onde passamos a residir, temporariamente, até a próxima encarnação.

E muitos chegam lá completamente grogues!

Após estudar as informações dadas pelos espíritos superiores sobre os efeitos do desencarne no recém-desencarnado, Allan Kardec, em O *Livro dos Espíritos*, questão 165, resume essa situação da seguinte maneira: "No momento da morte, tudo é inicialmente confuso; a alma necessita de algum tempo para se reconhecer. Ela fica atordoada, semelhante à situação de uma pessoa que desperta de um profundo sono e procura se dar conta da situação. A lucidez das ideias e a memória do passado voltam à medida que se apaga a influência da matéria da qual acaba de se libertar e à medida que se vai dissipando uma espécie de névoa que obscurece seus pensamentos.

> O tempo da perturbação que se segue à morte do corpo é bastante variável. Pode ser de algumas horas, de muitos meses ou até mesmo de muitos anos. É menos longa para aqueles que se identificaram já na vida terrena com seu estado futuro, porque compreendem imediatamente sua posição. (...) A perturbação que se segue à morte nada tem de pesaroso para o homem de bem! É calma e muito

semelhante à de um despertar tranquilo. Para aquele cuja consciência não é pura,a perturbação é cheia de ansiedade e angústias que aumentam à medida que reconhece a situação em que se encontra."

Frances Banks fora uma freira na África do Sul. Passou toda a sua vida terrena dedicada ao seu próximo, educando crianças e adultos, amparando enfermos, prisioneiros, órfãos e miseráveis; enfim, viveu sua vida como uma verdadeira emissária de Deus na Terra, atendendo ao chamado do Cristo em toda a sua grandeza – amando a Deus sobre todas as coisas, e ao seu próximo como a ela mesma, ou, em seu caso, até mais ao próximo que a ela mesma, pois não media esforços para aliviar um pouco o sofrimento humano. Dedicou muito tempo e esforço também para instruir-se, estudou muito, escreveu livros, lecionou, palestrou.

Como ocorre com todos os seres humanos que reencarnam na Terra, para experimentar a existência neste planeta, Frances Banks recebeu um corpo físico, composto de matéria orgânica para assim interagir na Terra. E seu Espírito, assim como o Espírito de todos nós, tinha consciência de que aquele corpo morreria um dia e o Espírito retornaria à sua dimensão de origem – ao mundo espiritual.

E o dia de Frances Banks retornar ao Além chegou, como chegará o dia para toda a a humanidade.

Mas, ao contrário da imensa maioria da humanidade, que é pega despreparada para o retorno por não haver cumprido a tarefa pela qual viera à Terra, Frances estava pronta para seu retorno. Desencarnou serena, feliz e cheia de paz. Ela havia utilizado sua encarnação proveitosamente – melhorara, estudara com afinco,

passara seu conhecimento aos que necessitavam aprender; auxiliara almas perdidas a reencontraram razão para viver, aliviara dores, enxugara lágrimas, ouvira com carinho e atenção aqueles que vieram buscar uma palavra de alento, de esperança, e aconselhara com amor e dedicação.

No dia de sua viagem de regresso ao Além, Frances estava totalmente pronta porque passara toda sua encarnação amando seu próximo e se instruindo!

"*Espíritas! Amai-vos*, eis o primeiro ensinamento; *instruí-vos*, eis o segundo."(*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 6, último parágrafo do item 5) Conclama-nos o Espírito de Verdade, o sábio Mestre do Além que coordenou e supervisionou a elaboração da Doutrina Espírita.

Frances não era espírita, era da ordem anglicana, mas vivera sua vida praticando esses dois ensinamentos, e por essa razão sua viagem ao Além foi tranquila e sem *jet lag*.

"O conhecimento do Espiritismo tem alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, dessa perturbação [que segue à morte]?" indaga Kardec, na questão 165 de *O Livro dos Espíritos.*

> "Uma influência muito grande," respondem eles, "uma vez que o Espírito já compreendia antecipadamente sua situação. Mas a prática do bem e a consciência pura exercem maior influência."

E justamente a prática do bem, a consciência limpa e a certeza de haver cumprido sua missão na Terra é que proporcionaram a Frances imediata lucidez logo após seu desencarne. Quando sua hora de partir chegou, sua mala estava pronta!

QUANDO A MALA NÃO ESTÁ PRONTA “Vou te contar o que sofri quando morri. Meu Espírito, retido no meu corpo por laços materiais, teve grande dificuldade em desembaraçar-se, o que, por si só, já causou muita angústia A vida que eu deixava aos 21 anos era ainda tão vigorosa que eu não podia crer na sua perda. Por isso procurava o corpo, estava admirado, apavorado por me ver perdido num turbilhão de sombras. Por fim, a consciência do meu estado e a revelação das faltas cometidas, em todas as minhas encarnações, feriram-me subitamente, enquanto uma luz implacável me iluminava os mais secretos âmagos da alma, que se sentia desnudada e logo possuída de vergonha acabrunhante. Procurava fugir a essa influência interessando-me pelos objetos que me cercavam, novos, mas que, no entanto, já conhecia; os Espíritos luminosos, flutuando no éter, davam-me a ideia de uma ventura a que eu não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, mergulhadas umas em tedioso desespero; outra, furiosas ou irônicas, deslizavam em torno de mim

ou por sobre a terra a que me chumbava. Eu via agitarem-se os humanos cuja ignorância invejava; toda uma ordem de sensações desconhecidas, ou antes reencontradas, invadiram-me simultaneamente. Como que arrastado por força irresistível, procurando fugir à dor encarniçada, franqueava as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas naturais nem os esplendores celestes pudessem acalmar um instante a dor acerba da consciência, nem o pavor causado pela revelação da eternidade. Pode um mortal prejulgar as torturas materiais pelos arrepios da carne, mas as vossas frágeis dores, abrandadas pela esperança, temperadas pelas distrações, mortas pelo esquecimento, jamais vos poderão fazer compreender as angústias de uma alma que sofre sem trégua, sem esperança, sem arrependimento. Passei um tempo cuja duração não podia calcular ,invejando os eleitos dos quais podia entrever o esplendor, detestando os maus Espíritos que me perseguiam com as suas zombarias, desprezando os humanos dos quais via as torpezas, passando de um profundo acabrunhamento a uma revolta insensata.”

O relato acima foi feito pelo Espírito Novel, em reunião mediúnica na Sociedade Espírita de Paris, em outubro de 1860, segundo Allan Kardec. O capítulo 6 de *O Céu e o Inferno*, uma das Obras Básicas de Allan Kardec, fornece-nos uma série de exemplos, relatos dos próprios desencarnados, da angústia que passaram ao se encontrarem no mundo dos espíritos, para onde foram, além de despreparados, com a consciência plena de culpa e arrependimento por vidas mal vividas, tanto na encarnação passada, como nas anteriores.

Mas nós não precisamos sofrer como sofreu Novel e como sofrem muitos dos milhares de espíritos que passam ao outro lado da vida diariamente. A Doutrina Espírita tem todos os subsídios necessários para que, quando formos nós os viajantes do Além, aterrissemos na luz e não nas trevas.

Independentemente de nosso credo ou filosofia de vida, o mínimo que deveremos saber antes de embarcar para o Além é que a morte do corpo físico não nos extinguirá a vida. Vamos continuar vivendo. E, se tivermos consciência deste fato, mais fácil será o reconhecimento de haver retornado ao mundo dos espíritos. Isso facilitará também nossa readaptação à nova vida incorpórea.

MORTO, EU?

Era mais uma noite de trabalho para mim no mundo espiritual. Meu corpo repousava em minha cama em Miami, mas em espírito – este que verdadeiramente sou –, revestido do perispírito, estava solto no espaço, de volta ao Além, onde permanecerei, ou melhor,

onde todos permaneceremos, após a expiração do corpo físico que nos serve de veículo para experimentar a vida na Terra.

Como meu perispírito ainda está conectado ao corpo físico, sua energia é mais densa, mais tangível (ou até "mais roxinho" como disse-me uma desencarnada certa vez, ao comparar a cor do meu braço perispiritual com o dela). Portanto, o perispírito da pessoa em desdobramento pode ser mais perceptível ao recém-desencarnado, pois estaria mais "materializado" e, consequentemente, mais visível.

E a espiritualidade nos utiliza, quando estamos desdobrados, para auxiliar recém-desencarnados que ainda não se reconhecem como tal, se estivermos preparados para esse trabalho.

Nessa noite, em uma colônia que muito pouco possuía de diferente de uma cidade de porte médio da Terra, com ruas, casas, edifícios *etc.* havia chegado um rapaz, de vinte e poucos anos, desencarnado em razão de um tumor no cérebro. Ele ainda tinha na cabeça a bandagem pós-cirurgica.

Eu estava em um grupo de pessoas, alguns em desdobramento como eu, outros trabalhadores desencarnados, em um terreno próximo a uma avenida movimentada. Notei a presença desse rapaz, sozinho, a uns dois metros do grupo. Ele parecia completamente perdido, como um turista chegando a um país que lhe é totalmente estranho. Como se houvesse despertado de um sono profundo em um lugar desconhecido sem se dar conta de como ali chegara.

Assim que dirigi minha atenção a ele, um dos trabalhadores do grupo me disse: " Ele desencarnou ontem à noite, tinha câncer no cérebro e não resistiu à cirurgia."

Aproximei-me do rapaz e puxei conversa.

– E aí, companheiro, está gostando da cidade?

– Está meio esquisita -disse-me -, apontando alguns prédios no outro lado da rua, a uns duzentos metros do local onde estávamos.

– A empresa em que eu trabalho deveria ser por ali. Mas já andei por tudo e não encontro o edifício.

– De onde você é?

– De Uberlândia.

– E o que você fazia na empresa?

Talvez, inconscientemente, ele tinha a intuição que havia desencarnado, pois também respondeu-me no passado.

– Eu trabalhava no departamento financeiro.

E foi aí que caiu a ficha. Antes mesmo de vir-lhe a consciência que já não pertencia mais ao mundo dos vivos na Terra, os companheiros de jornada noturna no Além já estavam ao redor do rapaz para dar-lhe o amparo necessário para o início de sua reeducação.

Em outra ocasião, estive em uma fazenda para alertar um senhor que ele havia desencarnado. Chegando à casa, dirigi-me até ele e perguntei o que estava acontecendo. Ele disse que sua esposa não lhe dava atenção. Por mais que insistisse, ela o ignorava completamente. Como havia outras pessoas na casa, perguntei-lhe quem era a sua esposa. Ele a apontou e convidei-o a dirigir-se até ela. Acompanhei-o. A esposa estava sentada em uma cadeira, ele parou em sua frente, e eu fiquei do seu lado.

– Toque-a. – eu lhe disse.

O homem levantou a mão e tocou o ombro da esposa, assustando-se com o que ocorrera. Seu gesto não encontrou resistência na matéria "física" da esposa e penetrou parte de seu corpo. Ele deve

ter achado um fato inusitado, pois até mexeu os dedos, que estavam, juntamente com o a mão até o punho do homem, dentro do corpo da mulher.

– Existem duas realidades de existências – eu disse ao homem. – Uma realidade física e a outra espiritual. Sua realidade agora é a espiritual.

O homem não teve dificuldade em compreender sua presente situação e,como no exemplo anterior, fora imediatamente amparado por trabalhadores desencarnados, e eu voltei para meu corpo.

É impressionante, pelas minhas experiências em desdobramento, e pelo que se encontra nos livros espíritas, nas reuniões mediúnicas, e agora também em sessões de terapia em que o terapeuta, mesmo não sendo espírita, reconhece a realidade da obssessão de espíritos em seus pacientes, o imenso número de desencarnados que ainda se crê no corpo físico. Ou seja, que não sabe que morreu. Chega com tremendo *jet lag* e dão o que fazer aos trabalhadores do Além para despertá-los à sua nova condição de vida!

E isso não é difícil de compreender. O temor da morte faz com que o ser humano se recuse a pensar sobre ela, mesmo sabendo que a morte é uma fatalidade que nenhum de nós poderá evitar.

Meus amigos mais íntimos perguntam se estou escrevendo algum livro novo.

– Estou sim – respondo – apenas esperando uma pausa para dizer do que se trata para ver como reagiam . Que em realidade, até sei qual será. – Estou escrevendo *Sua mala está pronta? Seu guia de viagem para o Além!*

"A minha não está pronta, não!" é a resposta mais frequente que

tenho recebido.

Uma amiga fez até o *Nome do Pai* quando ouviu o título e o subtítulo. – Credo em cruz, Admir, eu não quero morrer não!

– Mas você não vai morrer, apenas deixará o corpo físico! – insisti.

– Eu sei, mas mesmo assim, prefiro ficar por aqui.

Mas ninguém vai ficar aqui para sempre, a morte do corpo é necessária para a libertação do espírito. E o corpo é composto de matéria orgânica, portanto não há como evitar sua eventual desorganização.

E se não for o temor da morte, mas a descrença na continuidade da vida após seu desenlace, o resultado não será diferente. O desencarnado vai achar que ainda está entre os encarnados da Terra! E, com isso, em lugar de seguir sua evolução no mundo espiritual, permanecerá estagnado na crosta terrestre, e não raro como o obsessor de alguém, e muito comumente, de um parente ou amigo, ou do primeiro estranho que aparecer em sua frente!

9

PEGANDO CARONA COM ENCARNADOS

O doutor Carl Wickland foi um psiquiatra que acreditava que espíritos poderiam estar obsidiando seus pacientes. E por sorte de seus pacientes – e dos obsessores que costumeiramente pegavam carona com eles – sua esposa era uma excelente médium, e enquanto ela incorporava os caronistas no consultório, o doutor Wickland os doutrinava, e na maioria das vezes, os encaminhava para a luz.

Veja um das centenas de casos que ele narra em seu livro *Thirty years among the dead* [Trinta anos entre os mortos]. Esse espírito era de uma adolescente orfã, criada em orfanato antes de seu desencarne.

Assim que o doutor Wickland percebeu que sua esposa havia incorporado um espírito, indagou: – De onde você veio?

– Não sei.

– O que você anda fazendo?

– Também não sei.

– Mas você não deveria saber?

– Saber o quê?

– Onde você está e de onde vem.

– Eu não sei.

– Há quanto tempo você está desencarnada?

– Desencarnada? Eu não sei de nada.

– Alguém já lhe falou que você não está mais em seu corpo físico?

– Não sei do que você está falando. Tenho andado por aí e conversado com todo mundo. Mas, por algum motivo, não me dão a mínima atenção. Às vezes entro no meio da multidão e acho que vão notar minha presença; subo em alguma plataforma e começo a perguntar o que está acontecendo comigo, mas ninguém me dá bola.

– Ninguém tem vindo falar com você até agora?

– Eu vejo pessoas que acha que sou um joão-ninguém. Eles não notam a minha presença e nem se importam comigo. Às vezes sinto-me miserável,mas as vezes não. Às vezes sinto fome, tanta fome que começo a pedir comida às pessoas. Às vezes consigo comer alguma coisa, outras não. Quando consigo entrar na cozinha de alguém, eu como alguma coisa, às vezes como muito e, quando saio fico perambulando novamente.

– Onde você fica perambulando?

– Por todo lugar.

– Quando você consegue algo para comer, você se sente como outra pessoa?

– Quando fico com fome tenho que conseguir alguma coisa para comer.

– E onde você come?

– Isso é muito engraçado. Alguém sempre paga a conta, eu nunca pago nada. Essa é a parte mais engraçada, eu nunca pago pela minha comida. Às vezes não consigo comer o que eu quero, mas como quero comer, como qualquer coisa. Às vezes sinto-me tão mal depois que como que até adoeço. Às vezes como bastante, às vezes muito pouco. Às vezes sou homem e às vezes sou mulher.

– E você ainda não conseguiu perceber o que está acontecendo com

você?

– Não sei o que está acontecendo comigo. Está tudo muito estranho. Não sei mais quem eu sou. Eu saio por aí e gostaria que as pessoas falassem comigo. Sou muito tagarela e fico falando sozinha.

– Quantos anos você tem?

– Quantos anos eu tenho? Não sei.

– Você não sabe sua idade?

– A última vez que celebrei meu aniversário eu tinha dezenove anos.

– Você tem pai, mãe ou irmãos?

– Não, não tenho ninguém.

– Onde seus pais moravam?

– Eu nunca vi meus pais.

– Onde você morava?

– Em um orfanato.

– Onde ficava o orfanato?

– Não sei exatamente. Sinto-me esquisita. Esta é a primeira vez que alguém conversa comigo. Eu vim aqui quando você estava cantando sobre aquele lindo lugar. Eu queria ir para lá, e de repente estava aqui.

– Nós te ajudaremos a ir até aquele lugar. Mas você precisa estar ciente que você não está mais no corpo físico. Agora você é um espírito desencarnado.

– Como assim? Eu sou uma garota.

– Você tem perambulado por aí como um espírito, obsidiando as pessoas para conseguir comer. Você ainda traz as sensações físicas em sua mente, sem se dar conta de que não está mais no corpo físico.

– Olhe a seu redor e veja se tem alguém.

– Sim, vejo alguém. Uma mulher chorando, chorando muito. "Oh, minha filha querida," ela está dizendo. Está dizendo que está à minha procura a vida inteira, mas nunca conseguiu me encontrar.

– Agora vocês podem seguir juntas e procurar os espíritos de luz para as ajudarem. Faça-a entender que ela agora é espírito também. Vocês poderão viver juntas no mundo dos espíritos.

– Ela está dizendo que meu nome é Gladys Watsman, e o dela, Clara.

– E onde ela morava?

– Ela disse Saint Louis [no Estado americano de Missouri]. Olha, uma garota índia! [desencarnada]. Ela parece muito legal, seu nome é Silver Star. Está dizendo que devemos agradecer ao doutor [Carl Wickland, o doutrinador]

– Posso voltar alguma outra vez? – perguntou Gladys ao doutor Wickland.

– Creio que sim. – respondeu ele.

E Gladys voltou, não apenas uma vez, mas muitas, tornando-se uma abnegada trabalhadora, conduzindo espíritos perdidos, como ela estava, para as reuniões do doutor Wickland e sua esposa, ajudando-os a encontrar o caminho da luz nos planos do Além.

"Muitos espíritos" – confirma André Luiz em seu livro *E a vida continua* - "logo após a morte, acreditam permanecer com o seu corpo físico e sentem dificuldade em adaptar-se à nova vida, no plano espiritual".

E muitos deles ficam aqui na Terra mesmo, e não raro atormentando a vida daqueles que ficaram.

Mas por que muitos desencarnados não seguem seu caminho no mundo espiritual assim que deixam o corpo físico? Por que, em vez de alçar voo às esferas felizes do Além, ficam ancorados na Terra?

10

POR QUE, EM VEZ DE VOAR, ATERRISSAMOS

Por que Frances Banks "subiu" ao mundo espiritual após seu desencarne e logo desfrutou da tranquilidade que sua nova vida lhe proporcionava, enquanto Gladys Watsman permaneceu na Terra, como se ainda estivesse no corpo físico, sentindo-se miserável e obsidiando encarnados para alimentar-se, mesmo agora que já não necessitava mais se alimentar?

O Espírito André Luiz, em seu livro *Missionários da Luz*, pela psicografia de Francisco Xavier, falando sobre a vida no mundo espiritual, mostra claramente o que acontece com os desencarnados que não tomaram conhecimento, quando na Terra, de sua imortalidade e realidade espiritual, a exemplo da jovem Gladys e meu vizinho:

> "Absolutamente sem preparo e tendo vivido muito mais de sensações animalizadas que de sentimentos e pensamentos puros, as criaturas humanas, além do túmulo, em muitíssimos casos, prosseguem imantadas aos ambientes domésticos que lhes alimentavam o campo emocional. Dolorosa ignorância prende-lhes os corações, repletos de particularismos, encarceradas no magnetismo terrestre, enganando a si próprias e fortificando suas antigas ilusões."

Percebeu por que em lugar de levantar voo muitos aterrissam?

Ainda em sua vida material, Frances reconheceu-se como sendo

um ser espiritual, vivendo, temporariamente, na vida física. E, ao deixá-la, consciente de que havia cumprido seu dever, sabendo que sobreviveria à morte, reconheceu-se em sua nova modalidade de vida no mundo espiritual. E não apenas sentiu-se feliz por estar aí, mas já começara a planejar alguma maneira de ser útil e continuar servindo a Deus, servindo ao próximo, em seu caso presente, servindo aos desencarnados carentes de ajuda.

Frances já havia rompido todos os laços com a vida terrena mesmo antes de seu desencarne, assim elevou-se a planos de existência mais sutis imediatamente. Não havia nada que a pudesse prender na crosta terrestre.

Durante sua encarnação na Terra, Frances empenhou-se em servir a Deus, em fazer o bem para a humanidade; em educar-se; dedicou-se a estudar a imortalidade da alma e seu destino após a morte e estava convicta de que continuaria existindo após a extinção de seu corpo físico.

"Os que vivem com mais dedicação às coisas do Espírito – disse Emmanuel – esses encontram maiores elementos de paz e felicidade no futuro; para eles, que sofreram mais, em razão do seu afastamento da vida mundana, a morte é um remanso de tranquilidade e de esperança. Encontrarão a paz ambicionada nos seus dias de lágrimas torturantes." (1)

Mas a vida de Gladys na Terra foi diferente; mesmo que não fora sua culpa, ela não se dedicou às coisas do espírito. Abandonada e relegada à própria sorte, vivera às custas de desconhecidos, lutando por sua sobrevivência material a cada dia. A fome a atormentava e conseguir o que comer era uma luta diária. Não teve instrução.

Cresceu sem nenhuma orientação sobre o propósito da vida terrena, não conhecia sua verdadeira natureza. Acreditava ser apenas um corpo perecível, quando na realidade era, assim como todos somos, um espírito imortal.

Vivera nas trevas da ignorância tanto em vida como após a morte, e, ao desencarnar, no dizer de André Luiz, *prosseguiu imantada aos ambientes domésticos que lhes alimentavam o campo emocional*.

"Pois onde está o seu tesouro, lá está também seu coração" disse o grande sábio Jesus de Nazaré, em Mateus, 6:21.

O tesouro de Frances era a alimentação e o bem-estar do espírito, e o de Gladys, a satisfação das necessidades do corpo físico.

Os pensamentos, os sentimentos e as ações de cada uma dessas personagens eram distintos. E distintos também foram seus destinos ao cruzarem as fronteiras do Além. A que se reconhecia como sendo espírito imortal ganhou as alturas; e a que acreditava ser apenas corpo físico permaneceu tal qual havia vivido até então, ancorada ao plano terrestre. Crendo ainda estar entre os vivos da Terra, permaneceu entre eles até que lhes fora mostrada a luz que a guiaria de volta ao mundo dos espíritos.

Mas, se ambas as personagens já haviam despojado o corpo físico que as prendiam ao solo terrestre, por que uma elevou-se espiritualmente e a outra não se desprendeu da Terra?

Vejamos a razão...

11

PERISPÍRITO: NOSSAS ASAS OU NOSSA ÂNCORA

Eis o que diz Allan Kardec na questão 135, em *O Livro dos Espíritos,* "O homem é formado de três partes essenciais: O corpo ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; a alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação; e o princípio intermediário, ou perispírito, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo físico. São como num fruto: a semente, o perisperma e a casca."

Quando nós desencarnamos, processo que veremos em detalhes no capítulo 14, deixaremos o corpo físico em definitivo. Nosso novo corpo será o perispírito, o corpo fluidico ou energético, semimaterial do espírito; teremos a mesma forma humana que tínhamos na vida física. Até mesmo a nossa aparência, embora podendo sofrer algumas alterações, não deverá ser muito diferente de quando encarnados.

> "Colado ao chão ou à folhagem, arrastando-se, pesadamente, o inseto não desconfia que transporta consigo os germes das próprias asas. O perispírito é, ainda, corpo organizado que, representando o molde fundamental da existência para o homem, subsiste, além do sepulcro,

> demorando-se na região que lhe é própria, de conformidade com o seu peso específico." (1) São as condições de nosso perispírito o fator determinante para que "voemos" ao Além ou permaneçamos ancorados na crosta terrestre após nosso desencarne.

Embora o perispírito seja invisível aos olhos humanos, exceção feita aos médiuns videntes, ele ainda possui algumas propriedades da matéria. E tendo o perispírito algumas propriedades da matéria, ele pode tornar-se mais "pesado"ou mais "leve", conforme a maneira como o "alimentamos" durante nossas encarnações, do mesmo modo que ocorre com o nosso corpo físico.

Vejamos aqui um paralelo.

Nós alimentamos nosso corpo físico todos os dias com diversos tipos de comidas e bebidas. Algumas mais nutritivas e saudáveis que outras. Muitos de nós as ingerimos com moderação, outros em excesso. O equilíbrio e a moderação mantêm o corpo elegante e saudável, leve até. Enquanto os excessos os inflam,tornando-os pesados e dificultando nosso movimento e bem-estar, e até trazendo doenças de toda sorte.

E quando estamos obesos e pesados e decidimos emagrecer, tomamos as devidas providências. Vamos malhar na academia. Chegando lá, nosso instrutor nos mede e nos pesa, e nos informa qual deve ser nosso peso ideal, correspondente à nossa estatura. Recomenda-nos um regime alimentar e elabora uma série de exercícios físicos necessários para que atinjamos nosso objetivo – a de nos tornarmos mais leves, esbeltos ou esbeltas e elegantes.

Agora sem aqueles inconvenientes *quilinhos a mais*, que, a

propósito, nós mesmos nos impusemos por nossos abusos e excessos alimentares (salvo em casos de alguma disfunção hormonal), caminhamos mais levemente, já não nos arrastamos tanto ao solo como antes.

E do mesmo modo que alimentamos nosso corpo físico, alimentamos também nosso perispírito, mas este com comidas diferentes. Alimentamos nosso perispírito com pensamentos, sentimentos e consequências de nossas ações. E da mesma maneira que há alimentos saudáveis e insalubres que podem beneficiar ou enfermar o corpo físico, há também os pensamentos, sentimentos e ações saudáveis e insalubres, que podem beneficiar ou enfermar o perispírito.

E é justamente a qualidade das frequências vibratórias do nosso perispírito que nos atrairá aos planos mais felizes ou infelizes, mais elevados ou mais inferiores, no espaço ou na crosta terrestre, entre seres de luz, seres trevosos ou entre os encarnados na Terra, quando de nossa viagem de volta ao Além.

E quais são os alimentos saudáveis e insalubres que sutilizam ou sobrepesam o perispírito?

Comecemos com os insalubres. Destes, o egoísmo, como dizem os próprios Espíritos que ditaram nossa consoladora doutrina, é a praga da humanidade. Em seguida vem o orgulho, o ódio, o rancor, a ira, a hostilidade, a violência, a avareza, ou seja, toda classe de pensamentos, sentimentos e ações contrárias aos ensinamentos de Cristo.

E quanto aos alimentos saudáveis, todos nós os conhecemos, mas poucos de nós os colocam em prática. Estes são os opostos dos

insalubres: o altruísmo, a humildade, o amor ao próximo, a benevolência, a docilidade, a generosidade, ou seja, toda classe de pensamentos, sentimentos e ações que nos remetem adiante e nos aproximam aos anjos, atenuam e iluminam a alma.

Se quisermos voar às esferas espirituais mais felizes quando chegar nossa hora de retornar à vida no Além, se quisermos evitar nossa permanência na crosta entre os vivos da Terra ou nas esferas infelizes, só há uma maneira de fazê-lo: sutilizando as energias de nosso perispírito para dar-lhe condições de gravitar aos planos espirituais mais elevados.

E como se sutilizam as frequências vibracionais do perispírito?

Lembra-se da dieta e dos exercícios para perder aqueles quilinhos? É por aí...

A primeira medida é eliminar todos aqueles "alimentos" insalubres – orgulho, ódio, rancor, ira, hostilidade, violência, avareza etc, esses venenos precisam ser retirados do cardápio imediatamente!

E temos de malhar! Todos os dias!

Mas uma malhação diferente. Diariamente, temos de encontrar alguma maneira (e maneiras não faltam!) de exercitar o altruísmo, isto é, ajudar alguém sem esperar nada em troca; de praticar a humildade, a caridade, a docilidade, o perdão...

Todos os dias temos de disseminar o amor e o bem a tantas pessoas quanto conseguirmos alcançar, a começar por nossos familiares, e expandindo às nossas amizades mais íntimas, depois aos nossos conhecidos e também aos desconhecidos.

Foi isso que Jesus Cristo nos ensinou com sua vinda na Terra, e é isso que temos de fazer!

Aliás, nós estamos nesta encarnação exatamente por esse motivo. Nós pedimos a Deus, e Ele nos concedeu, outra oportunidade para corrigirmos nossos erros. Os erros que cometemos é viver contrários às leis divinas. E os efeitos desse desvio em nosso perispírito é o mesmo das *junk foods*, "comidas lixo", em nosso corpo físico – engorda, pesa e adoece os órgãos.

Mas nós temos disponível, e gratuitamente, uma dieta fantástica que manterá nosso perispírito esbelto e vibrante. A prática constante das leis divinas, que nos recomendam auxiliar o próximo e ser útil à nossa sociedade, é para o perispírito o que os exercícios físicos e as dietas são para o corpo físico – redutores de excessos e impurezas.

Da mesma forma que os exercícios físicos e as dietas atenuam e remodelam o corpo físico, fazer o bem e distribuir amor atenuam o perispírito e elevam suas frequências vibratórias. Quanto mais elevadas forem essas frequências, mais sutíl será o perispírito, e quanto mais sutil mais fácil será seu desprendimento do corpo físico no desencarne, e mais livre estará para lançar-se ao espaço a caminho da luz e das esferas felizes do Além.

> "(...) Atingindo a maioridade moral pelo raciocínio, cabe a nós aprimorar as manifestações do nosso perispírito e enriquecer-lhe os atributos, porque todos os nossos sentimentos e pensamentos, palavras e obras, nele se refletem, gerando consequências felizes ou infelizes, pelas quais entramos na intimidade da luz ou da sombra, da alegria ou do sofrimento." (2) A passagem citada é do Espírito Emmanuel. Nesta, o mentor espiritual do grande médium Francisco Xavier, deixa claríssimo e, ao contrário do que possamos haver aprendido em outras religiões, não é Deus que nos castiga ou nos recompensa em nossa vida

no Além. São os pensamentos que geramos, os sentimentos que nutrimos, as palavras que pronunciamos e as consequências de nossas ações no dia a dia, em cada uma de nossas existências.

Isso é o que nos atrairá para o reino da luz ou ao vale das trevas. Pois é exatamente a qualidade de nossos pensamentos, sentimentos, palavras e ações a força moldadora das frequências vibracionais de nosso perispírito, frequências estas que permitirão que o espírito se eleve às esferas felizes e iluminadas ou se atraque nas zonas baixas de sofrimento e trevas.

Tudo o que temos de fazer para abrir os portões da felicidade e da paz, tanto na esfera terrena como no Além, é viver nossa vida seguindo as leis de Deus, semeando amor e fazendo o bem.

Tudo o que temos de fazer para abrir os portões da infelicidade e da dor, tanto na esfera terrena como no Além, é viver nossa vida infringindo as leis de Deus, semeando o ódio e fazendo o mal.

Nós temos em nossas mãos a chave de nosso próprio destino desde os idos tempos em que tomamos consciência de nosso Eu e fomos agraciados com a bênção da livre escolha, do livre-arbítrio.

O livre-arbítrio nos permite seguir ou não seguir as leis de Deus. A escolha é nossa. Mas nossa será também a responsabilidade pelas consequências que certamente virão, seja em nossa vida terrena ou quando retornarmos ao Além, se não nesta encarnação em outras que virão – para o nosso próprio bem.

"(...) Deus quer o progresso de todas as suas criaturas, e é por isso que nenhum desvio do caminho reto fica impune. Não há uma só falta, por menor que seja, uma única infração à sua lei que não tenha forçosas

> e inevitáveis consequências, mais ou menos lastimáveis, e disso conclui-se que, tanto nas pequenas como nas grandes coisas, o homem sempre é punido pelo erro que cometeu. Os sofrimentos consequentes são para ele uma advertência de que agiu mal. Eles lhe dão experiência e fazem com que sinta a diferença entre o bem e o mal, e o alertam para a necessidade de melhorar para evitar, no futuro, o que foi para ele uma fonte de desgostos. Sem isso não teria nenhum motivo para se corrigir. Confiante na impunidade, retardaria seu adiantamento e, por conseguinte, sua felicidade futura."

Esta clara e magnífica advertência está no item 5 do capítulo 5 de *O Evangelho Segundo o Espiritismo,* uma das Obras Básicas de Allan Kardec.

Portanto, caro leitor, se nossa vida não estiver lá tão satisfatória como gostaríamos que estivesse, não podemos culpar ninguém, senão nós mesmos. Nós estaremos sempre colhendo o que plantamos em cada uma de nossas encarnações – é a Lei de Causa e Efeito, e não há como escapar dela.

Contudo, ninguém está condenado ao sofrimento eterno, podemos mudar nosso destino. Deus deu, a cada um de nós a liberdade de conduzir nossa vida da maneira que nos apraz. E se até o momento o que mais nos apraz fazer estiver na contra-mão do caminho reto, não se iluda, vamos sofrer. Para não sofrer será necessário que redirecionemos o curso de nossos pensamentos, sentimentos e ações, para o amor e para o bem, se quisermos recompensas mais agradáveis.

Seguindo as leis de Deus em nosso dia-a-dia, certamente estaremos elevando as nossas vibrações perispirituais para voar a grandes

alturas onde experimentaremos alegrias inimagináveis e evitaremos dolorosos sofrimentos.

Pela nossa vontade, nosso comportamento e modo de viver em cada uma de nossas encarnações, é possível evitar um grande número de circunstâncias que preferiríamos não vivenciar.

Mas há um fato que, por mais que nos esforcemos e desejemos não vivenciar, não poderemos evitar. É possível, sim, às vezes, retardá-lo, mas evitar, jamais...

12

RETORNO AO ALÉM, UMA VIAGEM INEVITÁVEL

"Homens vêm e vão e trotam e dançam, mas nunca uma palavra sobre a morte. Tudo vai muito bem. Mas quando a morte chega – para eles, suas esposas, seus filhos e seus amigos – colhendo-os desprevenidos e despreparados, que tormentas de paixão os sobrepujam, quanto choro, quanta fúria, quanto desespero!"

Ninguém poderia ter resumido tão magnificamente o despreparo e o temor à morte que sofre a humanidade quanto o fez Michel de Montaigne, nessa passagem.

Mas talvez não seja propriamente o medo da morte que nos atormenta e nos assusta tanto, mas sim o não crer se continuaremos existindo, se de fato mergulharemos na escuridão da não-vida, no vazio de um imenso e eterno nada. Ou, se continuarmos existindo, o que é que vamos encontrar no outro lado da vida?

O ser humano ainda sente um desconforto muito grande com o desconhecido, com o "novo", com mudanças drásticas, mesmo que já tenha vivido experiências semelhantes no passado.

Apesar de quase todas as religiões professarem que a vida continua após a morte do corpo, mesmo assim, a grande maioria da humanidade ainda treme ao simples pronunciar da palavra "morte". Parece que ninguém acredita muito que vai continuar existindo quando sua jornada terrestre terminar, mesmo que as escrituras

sagradas das religiões que seguem afirmem, veementemente, sua imortalidade.

E se for realmente isso, de que então nos servem os ensinamentos religiosos sobre a imortalidade da alma? O Antigo e o Novo Testamento da *Bíblia* estão repletos de alusões à vida eterna, assim como o *Alcorão*, livro sagrado do Islamismo, os *Vedas* dos hindus e seus ensinamentos reencarnatórios e tantas outras.

Devemos acreditar ou não na continuidade de nossa existência após a morte?

Promessas da imortalidade da alma sobejam nas escrituras sagradas, mas nada disso parece amainar nossa agonia, isto é, se e quando paramos para refletir sobre a finitude do corpo fisico que ora habitamos.

É necessário que tomemos consciência de que a partir do momento em que deixamos o útero materno e nascemos para a vida terrena, há apenas uma certeza definitiva no decorrer desta nossa existência – um dia qualquer, em algum momento, esperado ou inesperado, de algum modo, independentemente de quanto tempo estivemos na Terra, bebês, crianças e adultos, nosso corpo vai morrer e nós vamos desencarnar.

Nós, na condição de espíritos, estamos na Terra transitoriamente, vestindo um corpo carnal que nos possibilita interagir neste mundo.

E para interagir com as coisas da Terra, tivemos que tomar um aparelho físico que, composto de matéria orgânica, é perecível. E quando esse corpo cumprir o trabalho designado pelo espírito, ele vai perecer, e nossa jornada terrestre terminará e regressaremos para o Além, de onde viemos.

A morte do corpo é a certeza mais inevitável com a qual poderíamos conviver. Disso devemos estar sempre conscientes. E isto é razão mais que suficiente para levarmos uma vida exemplar a todo instante. Nossa mala precisa estar sempre pronta, pois nossa viagem de volta ao Além pode ocorrer hoje mesmo – e a morte pode até mandar recado!

BOM DIA, QUERIDA, HOJE EU VOU MORRER!

Em uma manhã de domingo, no Centro Espírita Bezerra de Menezes, em Miami, do qual sou colaborador, conversando com uma amiga cujo pai havia falecido recentemente, contou-me ela que na manhã do dia em que e morreu, ele disse à esposa, com a maior naturalidade do mundo: – Querida, hoje à tarde eu vou morrer.

Ele tomou uma tremenda bronca da esposa.

– Que bobagem é essa, marido! Pare com isso. Cruz credo!

– Não é bobagem, não. Hoje à tarde eu vou morrer.

E para a agonia da esposa, antes de sair de casa, providenciou o pagamento de todas as contas pendentes, o que a deixou ainda mais assustada.

E naquela mesma tarde, por volta das dezoito horas, sofrera um enfarte fulminante e morreu, tal qual havia pressentido.

O homem passou o dia na mais completa paz e resignação, mesmo sabendo que lhe restava apenas algumas horas de vida.

Mas por que, então, no mais das vezes, sabendo que o fim se aproxima, a maioria de nós se desespera e luta contra a morte com unhas e dentes, e não a espera com a serenidade que o pai de minha

amiga esperou? Ou com a de Sócrates, o sábio filósofo grego condenado injustamente a tomar cicuta, que não se afligiu em nenhum instante, diante da iminência da morte, ou a de tantos outros seres que deixam diariamente a vida terrena por ocasião da morte fisica?

Por que a morte ainda nos aterroriza tanto?

POR QUE TEMEMOS A MORTE "– É O HOMEM QUE TEME A MORTE E NÃO O ESPÍRITO; AQUELE QUE A PRESSENTE PENSA MAIS COMO ESPÍRITO DO QUE COMO HOMEM: ELE A COMPREENDE COMO SUA LIBERTAÇÃO E A ESPERA." ESTA FOI A RESPOSTA DA ESPIRITUALIDADE MAIOR CONFORME QUESTÃO 858, DE *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*, QUANDO ALLAN KARDEC INDAGOU SOBRE A RAZÃO AO TEMOR DA MORTE.

E esse foi o caso do pai de minha amiga. Em espírito compreendeu a aproximação de sua liberdade e a esperou, calma e resignadamente.

O espírito, que é nossa essência, não teme a morte porque ele sabe, obviamente, que a morte não vai lhe extinguir a vida. O espírito sabe que não haverá descontinuidade em sua existência quando o corpo que o abriga deixar de existir, e por essa razão não a teme, ao contrário, "compreende ser ela a sua libertação e a espera".

Em nosso atual estágio de desenvolvimento, ainda nos identificamos mais com nossa natureza material, ou seja, a do corpo físico, que é finita, do que com a espiritual, que é imortal. Daí o temor da morte.

É lei da natureza o instinto de conservação porque todos têm que

concorrer para o cumprimento dos desígnios da providência. Todos os seres vivos o possuem, qualquer que seja o grau de sua inteligência, elucidam-nos os espíritos nas respostas às questões 702 e 703 de *O Livro dos Espíritos*.

Portanto, não há nada de anormal em temer a morte. É até benéfico. Este temor nos impele a evitar perigos e a cuidar da saúde, o que nos possibilita permanecer mais tempo na Terra, e de preferência amando e fazendo o bem. Como dito anteriormente, mas que é sempre bom relembrar, é nosso dever amar e fazer o bem, nós viemos à Terra justamente para isso, para deixá-la um pouquinho melhor de quando aqui chegamos. Em amando e fazendo o bem enquanto aqui estivermos, deixaremos rastros de luz para guiar os novos viajantes que a cada dia chegam do Além - nossos filhos, nossos netos, nossos sobrinhos, nossos amigos *etc.*

Aprontar nossa mala para a inevitável viagem ao Além não significa ficar remoendo "eu vou morrer... eu vou morrer" todos os dias. Muito ao contrário. É viver nossa vida com a consciência de nossa imortalidade, com a certeza de que da mesma maneira que neste momento somos seres conscientes, que temos sensações, que enxergamos, ouvimos, falamos *etc.* continuaremos fazendo-o mesmo depois de nosso retorno ao mundo espiritual.

Veja o que disse Emmanuel sobre a morte, com amplo conhecimento de causa, por intermédio da psicografia de Francisco Xavier: "A morte significa apenas uma nova modalidade de existência, que continua, sem milagres e sem saltos".

13

POR QUE MORREMOS

Antes de tudo, é necessário que compreendamos que somos todos Espíritos – esta é nossa verdadeira natureza. O corpo físico é um importante veículo de manifestação do Espírito – e repetimos – mas não é nossa essência. Nossa essência é o Espírito, e este é imortal.

Poderíamos dizer que o corpo físico é o meio de transporte que traz o espírito à Terra e o locomove durante nossa jornada na vida material. Mas é um veículo perecível, e, cedo ou tarde, se desgastará e deixará de existir.

É necessário que o corpo expire para o espírito retornar ao mundo espiritual, em definitivo, até sua próxima encarnação, seja na Terra, seja em qualquer outro mundo.

Mas, entenda, da mesma maneira que continuamos vivendo todas as manhãs após nos despojarmos de nosso traje de dormir, continuaremos vivendo após nos despojar de nosso corpo físico.

POR QUE NÃO DEVEMOS TEMER A MORTE A MORTE DO CORPO NÃO EXTINGUE A VIDA DO ESPÍRITO, APENAS A DO CORPO.

"Depois da morte física, o que há de mais surpreendente para nós é o reencontro da vida", elucidou André Luiz em *No mundo maior*, pelas mãos de Fracisco Cândido Xavier.

Portanto, não devemos temer a morte porque não vamos morrer. O

que chamamos de morte é apenas a transição de um modo de existência a outro. É a passagem da vida corporal à espiritual. Quem vai morrer é o corpo, nosso Espírito, nossa "identidade", continuará existindo, firme e intacta. Continuaremos sendo o que éramos antes, em um novo corpo, mas seremos "nós mesmos", individualmente.

"A alma, após a morte, conserva sua individualidade?", indagou Kardec aos espíritos, conforme se lê em *O Livro dos Espíritos*, questão 150.

"– Sim, nunca a perde. O que seria ela se não a conservasse?"– responderam eles.

Kardec queria saber mais: "Como a alma continua a ter a sua individualidade, uma vez que não possui mais seu corpo material?"

E os espíritos respondem: "– Ela ainda tem um fluido que lhe é próprio, tomado da atmosfera de seu planeta e que representa a aparência de sua última encarnação: seu perispírito".

Portanto, futuro viajante, mesmo com a extinção do corpo físico, nós vamos continuar conscientes, sabendo quem somos, vamos continuar pensando, vendo, ouvindo, sentindo, reconhecendo e tendo sentimentos pelos seres queridos que deixamos na Terra. As únicas coisas que se modificarão serão o corpo com o qual passaremos a interagir e o ambiente onde iremos viver. "A alma, quando está no mundo dos Espíritos, ainda possui as percepções que possuía em sua vida física?" – indaga Kardec aos espíritos,em O *Livro dos Espíritos*, questão 237.

" – Sim", respondem eles. "Tem também outras que não possuía, porque o seu corpo era como um véu que as dificultava e obscurecia. A inteligência é um dos atributos do Espírito que se manifesta mais

livremente quando não tem entraves."

Existe outro grande motivo pelo qual não devemos temer a morte. A divina providência nos preparará e nos ajudará para que nossa partida deste mundo seja a mais tranquila possível. E nós poderemos testemunhar isso através de nossos parentes ou amigos que padecem de alguma doença terminal e que estão prestes a retornar ao mundo espiritual. Em meu caso, há pouco tempo, acompanhei os últimos dias de dois jovens primos que padeciam de câncer.

Obviamente, ao saber que é portador de uma doença terminal, a pessoa reluta em aceitar o terrível diagnóstico. Obedecendo a seu instinto de conservação, a princípio, ela o nega, um reflexo de sua natureza animal, a do corpo físico. Essa *negação*[3] é o primeiro de cinco estágios pelo qual o paciente terminal passa a partir do momento em que recebe a notícia que seus meses ou dias, na Terra, estão contados. O segundo é a *ira* ou *raiva*. Negar seu iminente fim não alterou o prognóstico, sua doença continua avançando. Nesse segundo estágio, ela indigna-se, geralmente contra Deus por sua aparente injustiça, contra os médicos, contra o mundo. Passada essa fase, ou ao mesmo tempo, ela entra em outro estágio, a *negociação* ou *barganha*. Aqui ela geralmente negocia com Deus ou com alguma outra força inteligente em que possa crer. Em sua barganha, ela pede mais tempo na Terra e, em troca, promete modificar-se, melhorar, enfim, ser e fazer aquilo que deveria ter feito mas não fez. Ao perceber que seu corpo se deteriora e o fim deste se aproxima, ela entra em *depressão*, o quarto estágio, e por fim a *aceitação*.

No estágio da aceitação, nossa natureza animal, a do corpo físico, está perdendo suas forças e o espírito, nossa verdadeira natureza, começa a preparar sua libertação definitiva da prisão corporal. À medida que o espírito vai se desprendendo do corpo físico, ele vai recuperando certas capacidades cuja manifestação nossos órgãos físicos impediam. Uma delas é a capacidade de entrever o mundo espiritual e seus habitantes.

Na questão 157, *de O Livro dos Espíritos,* de Allan Kardec, ocorre esta pergunta: "No momento da morte, a alma tem, às vezes, um desejo ou um êxtase que lhe faz entrever o mundo em que vai entrar?".

A resposta: "– Muitas vezes a alma sente desfazerem-se os laços que a prendem ao corpo; então, faz todos os seus esforços para rompê-los completamente. Já em parte desprendida da matéria, vê o futuro desdobrar-se à sua frente e desfruta, por antecipação, do estado de Espírito."

Sobre meus dois primos que mencionei anteriormente, ambos desencarnaram muito tranquilos e em paz. Pouco antes de desencarnar, descreviam aos parentes presentes o que viam. Pessoas de branco, que pareciam médicos, os esperavam. O lugar era lindo, cheio de luz e cercado por belos jardins floridos. A paz e a beleza do lugar eram convidativas. E esse lugar, essas pessoas, esse vislumbre do mundo que estavam prestes a entrar, faziam que seus semblantes, até há pouco contorcidos pela dor da terrível doença, se iluminassem. E, no último suspiro, via-se refletida nas faces dos corpos sem vida de meus primos, a paz do espírito que deles partia.

Essas experiências passam-se diariamente e são testemunhadas por

aqueles que compartem os últimos momentos de pessoas que padecem de alguma doença terminal, em todas as partes do mundo.

E este será o momento sublime em que todos nós, crentes e céticos, reconheceremos nossa imortalidade. Nesse instante a morte perderá seu terror, pois estaremos experimentando no âmago da alma a eternidade da vida. Perceberemos que aquilo que acreditávamos ser o fim de tudo, nada mais é que uma imensa porta que se abre para o mundo onde nascemos em espírito, mundo este que a grosseria dos sentidos físicos nos impediam de ver, mas que não nos será estranho.

"Em que se torna a alma logo após a morte?" quis saber Allan Karcec, na questão 149, de *O Livro dos Espíritos.*

"– Volta a ser Espírito, ou seja, retorna ao mundo dos Espíritos, que havia deixado temporariamente", responderam os espíritos.

COMO MORREMOS VAMOS VER PRIMEIRO COMO É QUE ENCARNAMOS EM NOSSO CORPO FÍSICO: "QUANDO O ESPÍRITO DEVE SE ENCARNAR NUM CORPO HUMANO EM VIA DE FORMAÇÃO, UM LAÇO FLUÍDICO, QUE NÃO É OUTRA COISA SENÃO UMA EXPANSÃO DE SEU PERISPÍRITO, LIGA-O AO GERME (*AO EMBRIÃO NO ÚTERO MATERNO*) PARA A QUAL SE ACHA ATRAÍDO POR UMA FORÇA IRRESISTÍVEL DESDE O MOMENTO DA CONCEPÇÃO. À MEDIDA QUE O GERME (*AGORA* O *FETO*) SE DESENVOLVE, O LAÇO SE APERTA; SOB A INFLUÊNCIA DO PRINCÍPIO VITAL MATERIAL DO GERME, O PERISPÍRITO, QUE POSSUI CERTAS PROPRIEDADES DA MATÉRIA, SE UNE, MOLÉCULA A MOLÉCULA, COM O CORPO QUE SE FORMA: DE ONDE SE PODE DIZER QUE O ESPÍRITO,

POR INTERMÉDIO DE SEU PERISPÍRITO, LANÇA, DE ALGUMA SORTE, RAIZ NESSE GERME, COMO UMA PLANTA NA TERRA. QUANDO O GERME (*AGORA UM BEBÊ*) ESTÁ INTEIRAMENTE DESENVOLVIDO, A UNIÃO É COMPLETA, E, ENTÃO, ELE NASCE PARA A VIDA EXTERIOR."

E agora como desencarnamos: "Por um efeito contrário, essa união do perispírito e da matéria carnal *(o corpo físico*), que se cumpria sob a influência do princípio vital do germe, quando esse princípio deixa de agir, em consequência da desorganização do corpo, a união, que era mantida por uma força atuante, cessa quando essa força deixa de agir; então o perispírito se desliga, molécula a molécula, como estava unido, e o Espírito se entrega à sua liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte do corpo que causa a partida do Espírito."

Essa detalhada explanação foi dada por Allan Kardec em *A Gênese*, o quinto livro das Obras Básicas. Como o leitor pôde observar, a encarnação do Espírito dá-se logo no início da fecundação do óvulo, quando começa, em ritmo extraordinariamente frenético e organizado, a formação do corpo físico que irá utilizar para cumprir sua missão na Terra, completando-se quando lhe é dada a luz para uma nova ciranda na vida vida material.

"(..) Até aos sete anos de idade, o Espírito (encarnado em seu novo corpo físico) ainda se encontra em fase de adaptação para a nova existência que lhe compete no mundo. Nessa idade, ainda não existe uma integração perfeita entre ele e a matéria orgânica. Suas recordações do plano espiritual são, por isso, mais vivas (..)" diz o

Espírito Emmanuel em seu livro *O Consolador*, psicografado por Francisco Xavier.

Contudo, à medida que a criança vai crescendo e seu corpo físico se desenvolvendo, o espírito vai se integrando ou mergulhando cada vez mais profundamente na matéria e suas recordações do mundo espiritual vai se obscurrecendo. Por essa razão, pelo obscurecimento das lembranças de nossa vida como espírito, a grande maioria da humanidade crê ser apenas o corpo físico, daí o medo da morte.

Mas, independentemente da crença, nós somos espíritos em viagem de trabalho e aprendizado na Terra. O corpo físico é o veículo que permite nossa interação com o plano material. E como estamos aqui de passagem, e a Terra não é nossa verdadeira morada, teremos que voltar de onde viemos.

É depois da morte do corpo físico que iniciamos nossa viagem de regresso ao Além.

---

3 Esses *estágios do morrer* foram percebidos pela psiquiatra suiço-americana doutora Elisabeth Kubler-Ross, pioneira no tratamento físico, emocional e espiritual de pacientes terminais. Falo sobre eles mais detalhadamente em meu livro *Morrer não é o fim*, no capítulo *Por que tememos a morte*.

14

COMO VAMOS DEIXAR O CORPO

Era por volta de 23h30 quando me recolhi ao quarto. Antes de me deitar, sentia o corpo um pouco pesado. Pressentia que se concentrasse-me devidamente, poderia, consciente e voluntariamente, deixar o corpo físico em desdobramento naquela noite.

Deitei-me em decúbito dorsal, com as mãos ao lado do corpo, palmas voltadas ao colchão, e comecei a relaxar. Procurava sentir cada parte do corpo relaxada, ao mesmo tempo em que concentrava o pensamento no desejo de retirar-me do corpo físico e ganhar aquela deliciosa e inefável liberdade que teria uma vez mais fora das amarras da matéria.

Não tardou muito para que o processo de retirada parcial do perispírito se iniciasse. Primeiro veio a catalepsia generalizada, caracterizada pela rigidez dos músculos, seguida pela instalação do estado vibracional, ocasionado pelo desprendimento do perispírito das moléculas orgânicas. Tem-se no estado vibracional a sensação de formigamento interno generalizado, que atinge todos os órgãos, mas não é desagradável nem doloroso. Outra maneira de expressar essa sensação é a de estar recebendo uma descarga elétrica, mas sem dor.

Quando o corpo físico está totalmente cataléptico e o estado vibracional atinge seu ápice, dá-se o início do desdobramento, ou emancipação da alma, como este fenômeno é também chamado no

Espiritismo. Nesta, como em outras experiências semelhantes que tenho tido, a retirada das energias perispirituais iniciara-se nas pontas dos dedos dos pés. E à medida que elas se retiram, é possível sentir a rigidez e a frieza naquela parte do corpo, ocasionada pela ausência dessa energia vital. Em velocidade vertiginosa, como se fosse uma bola de neve, a energia vai se retirando dos pés, das pernas, do quadril, do abdômen do peito e dos braços, do rosto e acumula-se na cabeça.

Nesse momento sente-se uma pressão muito forte e um zumbido ruidoso na cabeça, e dá para perceber que algo em nós está prestes a lançar-se para fora. Em meu caso, como eu conheço o processo de desdobramento e estava ciente do que se tratava, sabia que em breve estaria fora do corpo. Sabia também que estaria com minha identidade intacta, em meu corpo perispiritual, com todas as minhas faculdades mentais intactas, com capacidades de locomoção e de comunicação inexistentes no mundo da matéria, e isso muito me alegrava e esperava o momento ansiosamente.

Pode-se dizer que o desdobramento é um desencarne parcial (pois o espírito retira-se da carne), só não é total porque ainda existem laços energéticos, ou fluídicos, como costumamos chamar no Espiritismo, que mantêm o espírito e o perispírito ligados ao corpo físico.

O laço energético mais comumente conhecido no Espiritismo, Hinduísmo, Teosofismo e no esoterismo em geral, é o chamado cordão de prata, cordão fluídico no Espiritismo. E há como comprovar a existência deste por nós mesmos. Eu o faço costumeiramente para certificar-me que estou em desdobramento.

Levando minha mão perispiritual para atrás da nuca, procuro o cordão. E não houve, até hoje, nas centenas de vezes que o tenho feito, nem uma vez sequer que não o encontrei. Está sempre lá, esticadinho. Às vezes puxo-o à minha vista para melhor observá-lo, às vezes olho para trás para ver sua extensão. No geral é uma linha bem fina, como se fosse um fio de seda prateado. Em certas ocasiões está um pouco mais espesso, dependendo do distanciamento do corpo físico. Quanto mais próximo do corpo físico, mais espesso se vê; quanto mais longe, mais fino.

Quando falo sobre nossa imortalidade, não me baseio apenas em minhas pesquisas ou estudo do Espiritismo, fundamento-a, também, e talvez ainda mais, em minhas próprias e frequentes experiências. Quando falo sobre a naturalidade da morte, igualmente, faço-o por experiência própria. Tudo o que vai ocorrer comigo na hora da minha morte será mais um desdobramento, com o qual já estou bastante acostumado. A única diferença será que não precisarei mais retornar ao corpo físico. Apenas isso.

Podemos dizer que o desdobramento é um desencarne parcial. Desencarne este que ocorre com você também, caro leitor, constantemente, mesmo que você não se dê conta disso. Não é necessário passar pela experiência que descrevi acima para sair do corpo. Na imensa maioria das vezes todos saímos do corpo inconscientemente, e todas as noites, mesmo sem a presença do estado vibracional.

E não sou apenas eu que digo isso. Os espíritos que respondiam às perguntas de Allan Kardec já o diziam em 1857.

"Durante o sono, a alma repousa como o corpo?" indaga Kardec,

em *O Livro dos Espíritos,* questão 401.

"– Não" – responderam eles taxativamente – "o Espírito jamais está inativo. Durante o sono, os laços que o unem ao corpo se relaxam, e o corpo não necessita do Espírito. Então ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos (..)"

Agora, atente para este complemento dos espíritos, que faz parte da questão 402, de *O Livro dos Espíritos* , e reflita: "(..) O sono liberta, em parte, a alma do corpo. Quando dormimos, estamos momentaneamente no estado em que o homem se encontra após a morte (..) A desencarnação, caro leitor, só nos é estranha quando estamos em vigília! Nós somos treinados, todas as noites, para nossa desencarnação definitiva, e se aprendermos a não ver a morte como o fim de tudo, quando chegar nossa vez de embarcar nesta grande viagem, não vamos encontrar turbulências pelo caminho.

Eu já tive, por inúmeras vezes, experiências tão lúcidas durante a emancipação da alma, provocada pelo sono, encontrando-me em colônias espirituais, que tinha a certeza que já estava definitivamente desencarnado. E por diversas vezes concentrava-me para tentar lembrar de como havia morrido. Como ainda não havia chegado a minha hora, voltava ao corpo físico.

Mas não faria diferença nenhuma se voltasse ou não, pois eu estava intacto, ainda tinha um corpo, meu perispírito, e possuia todas as minhas faculdades mentais, seguia ativo e cheio de vida, em uma nova modalidade de existência – apenas isso!

A EXPERIÊNCIA DE UM "MORTO"

O relato seguinte encontra-se em meu primeiro livro, *Morrer não é o fim*, mas é um caso tão espetacular que vale a pena ler de novo. Afinal, é para o nosso próprio desencarne que estamos nos preparando! E sendo este um guia para nossa viagem de volta ao Além, quanto mais preparados estivermos, menos solavancos experimentaremos no caminho.

O leitor vai notar certa semelhança nas sensações que este homem teve enquanto estava clinicamente morto, durante trinta minutos, e as minhas em desdobramento consciente, que descrevi acima, durante o repouso do corpo. É isso mesmo que ocorre, pois, em ambos os casos, houve a prostração dos órgãos físicos, momento em que o espírito aproveita para deixar o corpo, que é para ele uma prisão da qual quer se livrar.

Antes do relato, vamos ver o que os espíritos têm-nos a dizer sobre isso: "(..) o Espírito recobra sua liberdade quando os sentidos se entorpecem. Ele se aproveita, para se emancipar, de todos os momentos de repouso que o corpo lhe concede. Desde que haja debilidade das forças vitais o Espírito se desprende, e quanto mais fraco estiver o corpo, mais livre ele estará." Mais uma interessante informação na questão 407 de *O Livro dos Espíritos*.

Agora vamos ao "desencarne" do doutor Wiltse, em suas próprias palavras, após despertar do sono momentâneo que chamamos, erroneamente, morte: "Senti e ouvi o romper de inumeráveis diminutos fios. Lentamente comecei a retirar-me a partir dos pés em direção à cabeça, e saí pelas suturas do crânio. Lembro-me distintamente como eu parecia ter a cor e a forma de uma água-viva. Saí pela cabeça, como se fosse uma bolha de sabão saindo do

fornilho de um cachimbo, flutuei para cima, para baixo, para os lados, até que, finalmente, com imensa leveza, pousei no chão. Eu tinha o corpo de um homem, de aparência translúcida e meio azulada e estava totalmente nu.

Ao virar-me, meu braço tocou o braço de um homem que estava parado junto à porta; passei por ele sem a menor resistência. Olhei para seu rosto imediatamente, mas me pareceu que ele nada percebera. Olhei para o meu corpo morto, deitado sobre a cama, meio tombado à direita, os pés juntos, as mãos cruzadas sobre o peito. A palidez de seu rosto tomou-me de surpresa.

Tentei chamar a atenção das pessoas próximas ao leito para dizer-lhes que eu estava vivo, mas ninguém percebia a minha presença. Achei tudo tão engraçado que comecei a rir. Elas olhavam para algo que pensavam ser a minha pessoa. Mas não era. Eu não estava morto, estava 'vivinho da silva'. Quão bem me sentia! Alguns instantes antes eu estava muito doente. Daí veio a mudança, que chamamos 'morte', que eu tanto temia. Mas a morte veio e lá estava eu, ainda um homem, pensando tão claramente como antes, sentindo-me maravilhosamente bem. Não mais adoeceria, não mais morreria... "

Isso que ocorreu com o doutor Wiltse é chamada de experiência de quase-morte (EQM), cujo tema abordei detalhadamente em meu segundo livro, *Nos portais do Além*. O doutor Wiltse havia sido declarado morto pelo médico que o atendia, o doutor Raynes. Como morava em um pequeno vilarejo, era bastante conhecido. A notícia de sua morte correu rapidamente entre os habitantes locais, e logo os sinos da igreja tocaram e sua morte foi anunciada. Mas para surpresa

geral dos presentes em seu leito de morte, o doutor Wiltse despertou. Passaram trinta minutos sem batimentos cardíacos e respiração detectáveis, e voltou sem nenhuma sequela, contando a seus parentes e amigos a extraordinária experiência de seu desencarne.

Como o leitor de *Nos portais do Além* se recorda, e como acaba de ouvir do próprio doutor Wiltse, a grande maioria das pessoas que passa por EQM volta à vida física sem mais o temor da morte ou o tem bastante diminuído. A razão é simples: ela acaba de descobrir sua imortalidade, de vivenciar a continuação de sua vida, de conhecer seu futuro corpo, este mais leve e mais sutil, porém não menos real que o corpo orgânico que acabara de deixar.

E como se forma esse novo corpo que sobrevive à morte e segue existindo no outro lado da vida? E, ao desencarnar, como vamos fazer nossa viagem ao Além?

É o que veremos a seguir...

15

AFROUXE O CINTO, A VIAGEM VAI COMEÇAR

No capítulo anterior vimos as sensações que se têm quando o espírito, envolto em seu corpo perispiritual, retira-se do corpo orgânico, ao se desdobrar e passar pela experiência de quase-morte. (Volto a reiterar que não é necessário o estado vibracional para o espírito retirar-se do corpo. Talvez seja mais comum o espírito retirar-se sem sensação alguma, como ocorre durante o sono.) Neste capítulo veremos, a partir de informações de Andrew Jackson Davis, médium norte-americano de grande expressão, observações sobre a desencarnação e a encarnação, a partir de suas observações mediúnicas.

O leitor de *Morrer não é o fim* já conhece esse relato, um dos mais extraordinários que encontrei na vasta literatura americana sobre fenômenos paranormais. Como o objetivo deste manual é prepará-lo para sua grande viagem, leia-o novamente, agora com mais atenção, pois um dia, com toda certeza, você será o protagonista desta história. Será você quem estará retornando ao Além.

Conta Andrew Jackson Davis: "De repente, uma atmosfera fina, suave e luminosa envolveu a cabeça da senhora que desencarnava. Vi naquele instante o cérebro e o cerebelo expandindo suas partes mais íntimas, encerrando as funções galvanizantes pelas quais eram responsáveis e tornando-se extremamente saturados de eletricidade e magnetismo vital.

Vi em seguida, naquela atmosfera espiritual que emanava e circundava a cabeça do corpo físico da senhora, um contorno indistinto da formação de outra cabeça! Essa nova cabeça foi-se tornando cada vez mais completa. Em seguida, vi a formação natural e em ordem progressiva do pescoço, dos ombros, do torso, até a organização completa de seu corpo espiritual (perispírito).

Ao mesmo tempo que esse novo corpo se formava e fazia-se totalmente visível às minhas percepções espirituais, percebia também o que ocorria no corpo físico enquanto este morria. Havia sintomas de desconforto e de dor. Mas eram sintomas ilusórios, que ocorriam em função da retirada das forças vitais e espirituais das extremidades e das vísceras e que se dirigiam ao cérebro para dar nascimento ao corpo espiritual.

Aprendi que há uma correspondência absoluta e completa entre o nascimento de uma criança neste mundo e o nascimento do espírito no mundo espiritual, até mesmo com o cordão umbilical, este representado por um cordão de energia vital (cordão fluídico) que, por alguns minutos, ligava um corpo ao outro.

Em seu novo corpo, vi-a inalar profundamente as energias pertencentes à atmosfera espiritual, energias estas que interpenetravam a atmosfera terrestre. Seu corpo espiritual possuía todas as proporções físicas exteriores do corpo físico do qual acabava de se retirar; era idêntico em todos os aspectos possíveis, embora melhorado e mais bonito.

Em seguida, ela saiu do quarto e caminhou para a sala, e daí para o quintal. Lá fora havia dois espíritos amigos à sua espera. Tão logo ela os reconheceu, começaram a subir obliquamente, de maneira

muito graciosa,pelo invólucro etéreo de nosso globo terrestre. Caminhavam tão natural e fraternalmente que mal me dava conta de que eles caminhavam no ar. Parecia que subiam uma gloriosa e familiar montanha. Permaneci observando-os até que desapareceram de minha vista."

E VAI DOER?

Meu pai desencarnou aos quarenta e quatro anos de idade, quando eu estava para completar dezenove. No dia anterior à delicada cirurgia a que seria submetido, estive com ele, em seu quarto, no hospital Beneficência Portuguesa. Lembro-me claramente dos momentos que antecederam nossa despedida, a última vez que o vi em seu corpo físico. Da janela do quarto olhávamos a movimentada Avenida 23 de Maio, abaixo.

– Cuidado para atravessar a avenida – aconselhou-me, com sua voz mansa costumeira.

Em seguida falou-me outra coisa que, fosse hoje, eu saberia que talvez estivesse prenunciando sua morte e poderíamos conversar mais abertamente sobre sua iminência. Falar disso faria muito bem para nós, pois ficaríamos mais bem preparados.

– Eu posso morrer, mas você, não. Como filho mais velho, você precisa cuidar da família. Sei que fará bem esse trabalho, tenho confiança em você.

– Não se preocupe, tomarei cuidado.

Olhando para seu rosto tristonho, perguntei: – O senhor tem medo de morrer?

– Não, não tenho. Apenas não gostaria de sofrer para morrer.

Meu pai desencarnou na UTI, três dias depois desse encontro, sem o menor sofrimento devido aos sedativos.

E Allan Kardec quis saber dos espíritos sobre a dor na hora da morte: "O corpo ou a alma sente alguma dor no momento da morte?" indagou ele na questão 134 de O *Livro dos Espíritos.*

E eles, que já haviam passado por muitas mortes, responderam: "– Não; o corpo sofre muitas vezes mais durante a vida do que no momento da morte: a alma não toma nenhuma parte nisso. Os sofrimentos que às vezes ocorrem, no momento da morte, são uma alegria para o Espírito, que vê chegar o fim de seu exílio.

> *Na morte natural, a que acontece pelo esgotamento dos órgãos em consequência da idade, o homem deixa a vida sem se dar conta disso: é como um foco de luz que se apaga por falta de suprimento.*

O codificador queria mais detalhes: "Como se opera a separação da alma e do corpo?" – outra indagação feita em *O Livro dos Espíritos,* questão 135.

"– Quando os laços que a retinham se rompem, ela se desprende."

Ainda tinha mais perguntas: "A separação se opera instantaneamente e por uma transição brusca? Há uma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?

> "– Não; a alma se desprende gradualmente e não escapa como um pássaro cativo subitamente libertado. Esses dois estados se tocam e se confundem de maneira que o Espírito se desprende pouco a pouco dos laços que o retinham no corpo físico: eles se desatam, não se quebram."

O leitor percebeu que foi exatamente isso que Andrew Jackson Davis observou em sua amiga que desencarnava.

Agora leia atentamente o resumo de Allan Kardec sobre o processo da desencarnação, e veja como nossa conduta na Terra poderá facilitar ou prejudicar nossa viagem ao Além quando chegar nossa hora.

"Durante a vida, o Espírito se encontra preso ao corpo por seu envoltório semi material ou perispírito. A morte é apenas a destruição do corpo e não do perispírito, que se separa do corpo quando nele cessa a vida orgânica. A observação demonstra que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; opera-se gradualmente e com uma lentidão muito variável, conforme os indivíduos.

Para uns é bastante rápido e pode-se dizer que o momento da morte é, ao mesmo instante, o da libertação, quase imediata. Mas, para outros, aqueles cuja vida foi extremamente material e sensual, o desprendimento é mais demorado e dura algumas vezes dias, semanas e até mesmo meses. Isso sem que haja no corpo a menor vitalidade nem a possibilidade de um retorno à vida, mas uma simples afinidade entre corpo e Espírito, afinidade que sempre se dá em razão da importância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria.

É racional conceber, de fato, que quanto mais o Espírito se identifica com a matéria, mais sofre ao se separar dela. Por outro lado, a atividade intelectual e moral, a elevação de pensamentos, operam um início do desprendimento mesmo durante a vida do corpo, de tal forma que, quando a morte chega, o desprendimento é

quase instantâneo.

Esse é o resultado de estudos feitos em todos os indivíduos observados no momento da morte. Essas observações ainda provaram que a afinidade que em alguns indivíduos persiste entre a alma e o corpo é, algumas vezes, muito dolorosa, visto que o Espírito pode sentir o horror da decomposição. Esse caso é excepcional e particular para certos gêneros de vida e certos gêneros de morte; verifica-se entre alguns suicidas."

Existem casos de desencarnes muito difíceis, como já comentei anteriormente, sobretudo quando o desencarnante está deixando problemas mal resolvidos ou não resolvidos. Entre os mais comuns estão a necessidade de dar ou pedir perdão por alguma falta grave cometida, ou de dizer a algum ente querido o quanto o amava, coisa que por vezes jamais havia feito antes, geralmente por orgulho ou ignorância, e nesse momento reconhece a importância de fazê-lo. O desejo de despedir-se de algum ente querido também pode dificultar a partida do espírito, assim como o desejo dos parentes para que o dencarnante não se vá.

Sugestão deste guia: viva esta sua encarnação de maneira tal que sua travessia pela fronteira da Terra e do Além seja como o sopro de uma brisa fresca e revigorante, em lugar de ventos tempestuosos e turbulentos. Aprenda, ainda na vida física, a amar, a perdoar e a fazer o bem. Não deixe para reconhecer a importância dessas ações no momento da morte.

Fazendo isso, ainda teremos outra grande vantagem – não viajaremos sós!

16

NOSSOS CICERONES DO ALÉM

Quando estamos na Terra convivemos com pessoas com quem, com o tempo, criamos laços de amizade, ternura e amor. Indubitavelmente, os laços mais estreitos são com nossos familiares – nossa mãe, nosso pai, nossos avós, nossos filhos, tios e assim por diante. Em geral, nossos avós, por haverem retornado à Terra primeiro, desencarnam antes de seus filhos e netos. Claro que há exceções. No meu caso, por exemplo, meu pai desencarnou antes que o pai dele, meu avô; e minha mãe antes que a mãe dela, minha avó. Há muitos casos também de filhos que desencarnam antes dos pais, sejam crianças, adolescentes ou adultos. Cada um de nós, independentemente de quanto tempo estamos encarnados, vamos retornar ao mundo espiritual quando nosso trabalho terminar.

Então a pergunta persiste: Será que vamos encontrar nossos entes queridos que se foram antes de nós quando retornarmos ao Além?

Eric Clapton, o famoso guitarrista e cantor britânico, em sua canção *Tears in heaven* (Lágrimas no céu), feita em homenagem a seu filhinho de quatro anos e meio que desencarnou tragicamente ao cair do 53º. andar de um edifício em Manhattan, em 20 de março de 1991, pergunta em sua melodiosa e triste canção: *Você saberia meu nome, se eu te encontrasse no Céu... você sentiria o que sentia antes se eu te encontrasse no Céu...você tomaria minha mão se eu te encontrasse no Céu...você me ampararia se eu te encontrasse no Céu...?*

Dá para sentir nessas palavras a dor do pai que perdeu seu filho querido. Dá para perceber também seu desejo em poder revê-lo algum dia, assim como se nota igualmente a dúvida se o verá ou não, esteja o filhinho onde estiver. E certamente Eric Clapton não é o único pai a fazer essas indagações.

No Espiritismo encontramos explicações bastante claras sobre o nosso destino após a morte do corpo.

Nós somos uma imensa família espiritual e vamos estar juntos sim! O Espiritismo vem confirmar isso...

> "Os Espíritos formam no espaço grupos ou famílias, unidos pela afeição, simpatia e semelhança de tendências. Esses Espíritos, felizes por estarem juntos, procuram-se. A encarnação apenas os separa momentaneamente, pois, após sua volta à erraticidade [à vida no Além], reencontram-se como amigos que retornam de uma viagem." (1) Nós somos espíritos imortais. Sim, a vida continua após a morte do corpo físico. Nossos entes queridos e amigos que partiram seguem existindo no mundo espiritual e, sim, poderemos nos encontrar com eles. O Espiritismo não apenas confirma esses reencontros, mas esclarece também o momento em que eles vão ocorrer.

"O Espírito [aquele que está desencarnando] encontra imediatamente aqueles que conheceu na Terra e que desencarnaram antes dele?", indagação feita na questão 160 de *O Livro dos Espíritos* E os Espíritos, estes desencarnados e sobreviventes da morte física, respondem categoricamente: "– Sim, de acordo com a afeição que havia entre eles, muitas vezes vêm recebê-lo na volta ao mundo dos Espíritos e o ajudam a se desprender das faixas da matéria. Assim

como reencontra também muitos que havia perdido de vista durante sua permanência na Terra (...)"

Agora veja um dos milhares de comprovações que se dão diariamente ao redor do mundo desse tão esperado reencontro, e descubra quem serão nossos cicerones no Além.

"É VOCÊ, MEU BEM?"

O dia da viagem do senhor Mark Jones ao Além havia chegado. Ele tinha 65 anos de idade. Uma dolorosa infecção generalizada seria o bondoso carcereiro que libertaria seu espírito da prisão do corpo físico para seu retorno à pátria de origem.

Até poucos momentos antes da partida ele estava agitado, temeroso até. O que é muito normal, afinal, ele também já havia se esquecido sua natureza espiritual. Havia dedicado sua vida na Terra aos negócios, com os quais tornou-se um homem bem-sucedido. E não diferente do restante da humanidade, nunca se preocupou em redescobrir que era um espírito imortal e não apenas um corpo físico perecível.

Mas isso não impedia que encontrasse, na fronteira invisível entre a Terra e o Além, uma cicerone muito especial que lhe mostraria a continuidade de sua existência e o guiaria em seu regresso ao mundo dos espíritos.

Foi no exato momento em que sua cicerone do Além fez-se presente em seu quarto que seu semblante se iluminou e se alegrou. Antes disso, sua expressão era de dor e medo, pois não sabia o que o esperava, isto é, se algo o esperava, após o derradeiro suspiro.

A enfermeira que o atendia acompanhou e narrou esse momento tão especial e tão comum a grande número de pessoas em estado terminal.

De repente o senhor Jones fixou o olhar em um ponto elevado no quarto, mais ou menos próximo ao teto. Abriu os braços e um largo sorriso, oferecendo ambos a alguém que lhe parecia-lhe muito querido e que fazia algum tempo não via. Aquela expressão que antes era de dor e de medo agora era de alegria e serenidade, seu rosto emanava luz.

– O que o senhor está vendo, senhor Jones? – perguntou a enfermeira.

– É a minha esposa – retrucou sem recuar o olhar da visão – ela está aqui, esperando por mim.

Essas foram suas últimas palavras. Em seguida, acomodou-se na cama, calou-se, e naquele seu semblante sereno um sorriso ainda adornanava seu rosto, quando em paz desencarnou. (1) Na literatura paranormal, a visão que o moribundo tem de pessoas desencarnadas, como esta do senhor Jones, e, frequentemente, também de lugares espirituais de rara beleza, é chamada de visões no leito da morte (VLMs), ou visões pré-morte. Este fenômeno vem sendo estudado sistematicamente e corroborado desde o final do século 19 até hoje, seja em hospitais, asilos, ou no domicílio de pacientes terminais.

Em um programa de rádio durante a divulgação de *Morrer não é o fim*, fui entrevistado por um conhecido radialista no interior de São Paulo que, segundo me disseram, era um indivíduo bastante cético. Quando lhe falava sobre as visões no leito da morte, ele olhou para

mim com os olhos arregalados e mostrou-me seu braço todo arrepiado. E falou, no ar, o porquê dessa reação. Seu pai, um senhor de mais de noventa anos, estava prestes a desencarnar, e ultimamente vinha falando que seu pai e um irmão (avô e tio do radialista) estavam no quarto com ele.

Os que não crêem na vida após a morte relegam essas visões a alucinações. Mas se forem apenas isso, a humanidade está alucinada, pois essas visões ocorrem em todas as partes da Terra, em todos os tempos. E o mais interessante, as visões são de parentes ou amigos já desencarnados, raramente vêem-se desconhecidos ou pessoas que ainda vivem.

E não apenas adultos têm essas visões, crianças também. No caso de crianças, a avó ou o avô querido faz-se presente, assim como um tio uma tia ou algum amiguinho ou amiguinha que partiu antes delas. Não raro relatam também a presença de seres angelicais e de música inefavelmente melodiosas, além de lugares paradisíacos para onde irão após deixarem a vida física.

Esses reencontros, que estudos acadêmicos atuais confirmam, já haviam sido revelados a Allan Kardec pelos próprios espíritos, em 1857, conforme se lê na questão 289 de *O Livro dos Espíritos*.

"Nossos parentes e nossos amigos vêm algumas vezes ao nosso reencontro, quando deixamos a Terra?"

"– Sim" – respondem os espíritos - "vêm ao encontro da alma que estimam; felicitam-na como no retorno de uma viagem, se escapou aos perigos do caminho,e a ajudam a livrar-se dos laços corporais (..)"

Agora atentem às respostas que os próprios desencarnantes dão a

quem lhes perguntam a razão da presença de seus entes queridos ou amigos desencarnados: para ajudá-los a desencarnar e acompanhá-los ao mundo dos espíritos.

Exatamente o que o Espiritismo ensina!

Chegando ao Além, o que vamos sentir?

É o que veremos em seguida...

17

O QUE VAMOS SENTIR NA CHEGADA As sensações que vamos ter ao retornar ao mundo espiritual vão estar em relação direta com o que fizemos e aprendemos na Terra. Tudo vai depender de como estamos vivendo esta vida, do que estamos trazendo em nossa bagagem perispiritual.

Nossas conquistas materiais e nossa posição social no plano terrestre nenhuma utilidade terão em nossa vida no Além. Esses êxitos podem ter importância aqui, na Terra, mas não nos farão felizes em nossa próxima vida se não utilizamos nossa riqueza e nossa posição social para ajudar a diminuir o sofrimento e as misérias da Terra.

Os tesouros que conquistamos aqui, aqueles que as traças e o ferrugem corroem, não garantem a ninguém um pouso suave e seguro no mundo dos espíritos. Nem a fama, nem a fortuna, nem mesmo um reinado!

O POUSO DA RAINHA “O ORGULHO ME PERDEU NA TERRA. QUEM, POIS, ENTENDERÁ A INSIGNIFICÂNCIA DOS REINOS DA TERRA, SE EU NÃO O ENTENDI? O QUE LEVEI COMIGO DE MINHA REALEZA TERRENA? NADA, ABSOLUTAMENTE NADA. E PARA TORNAR A LIÇÃO MAIS TERRÍVEL, A MINHA REALEZA NEM

SEQUER ME SEGUIU ATÉ O TÚMULO! RAINHA EU ERA ENTRE OS HOMENS, RAINHA EU ACREDITAVA ENTRAR NO REINO DOS CÉUS.

Que desilusão! Que humilhação quando, ao invés de ser recebida como soberana, vi acima de mim, mas bem acima, homens que acreditava serem insignificantes, a quem havia desprezado, pois não tinham sangue nobre! Então compreendi a inutilidade das honras e das grandeza que se procuram com tanto desejo na Terra!

Para se preparar um lugar neste reino celeste, é preciso abnegação, humildade, caridade e, em toda a sua prática cristã,benevolência para com todos. Não se pergunta o que foste, que posição ocupaste, mas o bem que fizeste, as lágrimas que enxugaste.

Senhor, Jesus! Disseste que o teu reino não é deste mundo, pois é preciso sofrer para alcançar o Céu, e pelos degraus do trono não nos aproximamos dele. São os atalhos mais difíceis da vida que nos levam para lá. Procura, então, o caminho nas dificuldades e nos espinhos e não entre as flores.

Os homens correm atrás dos bens terrenos como se pudessem guardá-los para sempre; mas aqui não há mais ilusões. Logo percebemos que apenas nos apoderamos de uma sombra e que desprezamos os únicos bens sólidos e duráveis, os únicos que nos seriam úteis na morada celeste, e os únicos que poderiam dar acesso a essa morada." (1) O que ensina o Espiritismo "Que sensação experimenta a alma no momento em que reconhece estar no mundo dos Espíritos?" indaga Allan à espiritualidade maior, na questão 159 de *O Livro dos Espíritos* E os espíritos iluminados respondem: "– Isso

depende. Se fizestes o mal com o desejo de fazê-lo, vos envergonhareis de tê-lo feito, num primeiro momento. Para o justo, é bem diferente: é como o alívio de um grande peso, porque não teme nenhum olhar indagador".

Quanto mais nos identificarmos com a vida do corpo físico e vivermos para a satisfação dos instintos, das necessidades e das paixões inerentes à vida material, mais desagradáveis serão as sensações. Quanto mais nos dedicarmos ao nosso aprimoramento espiritual, mais agradáveis serão essas sensações.

"Sabemos que a morte não é milagre. Cada qual desperta, depois do túmulo, na posição espiritual que procurou para si..." elucida André Luiz em *Nos domínios da mediunidade.*

Lembra-se dos exemplos da freira Frances Banks e da jovem órfã Gladys Watsman? A primeira desfrutava a tranquilidade e a paz após seu trabalho bem feito na Terra, e a pobre Gladys, que ainda "vivia" atrás de comida, sem necessidade, obsidiava os vivos para se alimentar, completamente alheia ao fato de que havia morrido!

Veja agora o esclarecedor diálogo de Allan Kardec com os espíritos a respeito do retorno da alma ao mundo espiritual.

"A alma, ao deixar o corpo, tem imediatamente consciência de si mesma? indagou ele, na questão 163, de *O Livro dos Espíritos* "– Consciência imediata não. Ela passa algum tempo como num estado de perturbação.

> "Todos os Espíritos experimentam, no mesmo grau e com a mesma duração, a perturbação que se segue à separação da alma e do corpo?" (questão 164) Peço ao leitor que preste bastante atenção à resposta dos

Espíritos e reflita em qual "estilo" de vida você se encaixa. É importantíssimo lembrar, e por isso repito, que a condição de nossa chegada ao Além será determinada pela nossa forma de vive, aqui na Terra.

Eis a resposta: "– Não, isso depende de sua elevação. Aquele que já está depurado reconhece a sua nova situação quase imediatamente, porque já se libertou da matéria durante a vida do corpo, enquanto o homem carnal, aquele cuja consciência não é pura, conserva durante muito mais tempo as sensações da matéria.

"O conhecimento do Espiritismo tem alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, dessa perturbação?" foi outra interesante indagação, na questão 165.

" – Uma influência muito grande, uma vez que o Espírito já compreendia antecipadamente sua situação. Mas a prática do bem e a consciência pura exercem maior influência."

RETORNO AO MUNDO DOS ESPÍRITOS - RESUMO DE ALLAN KARDEK "NO MOMENTO DA MORTE, TUDO É INICIALMENTE CONFUSO; A ALMA NECESSITA DE ALGUM TEMPO PARA SE RECONHECER. ELA FICA ATORDOADA, SEMELHANTE À SITUAÇÃO DE UMA PESSOA QUE DESPERTA DE UM PROFUNDO SONO E PROCURA SE DAR CONTA DA SITUAÇÃO. A LUCIDEZ DAS IDEIAS E A MEMÓRIA DO PASSADO VOLTAM À MEDIDA QUE SE APAGA A INFLUÊNCIA DA MATÉRIA DA QUAL ACABA DE SE LIBERTAR E À MEDIDA QUE SE VAI DISSIPANDO UMA ESPÉCIE DE NÉVOA QUE OBSCURECE SEUS PENSAMENTOS.

O tempo da perturbação que se segue à morte do corpo é bastante variável. Pode ser de algumas horas, de muitos meses ou até mesmo de muitos anos. *É menos longa para aqueles que se identificaram já na vida terrena com seu estado futuro, porque compreendem imediatamente sua posição.* Essa perturbação apresenta circunstâncias particulares de acordo com o caráter dos indivíduos e, principalmente, com o gênero de morte.

Nas mortes violentas, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos etc., o Espírito fica surpreso, espantado e não acredita estar morto. Sustenta essa ideia com insistência e teimosia. Entretanto, vê seu corpo, sabe que é o seu e não compreende que esteja separado dele. Procura aproximar-se de pessoas que estima, fala com elas e não compreende por que não o escutam. Essa ilusão dura até o completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito reconhece o estado em que se encontra e compreende que não faz mais parte do mundo dos vivos.

Esse fenômeno se explica facilmente. Surpreendido pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que se operou nele. A morte é, para ele, sinônimo de destruição, de aniquilamento. Mas, como ainda pensa, vê, escuta, não se considera morto. O que aumenta ainda mais sua ilusão é o fato de se ver num corpo semelhante ao anterior, cuja natureza etérea não teve ainda tempo de estudar. Acredita que seja sólido e compacto como o primeiro; e quando percebe esse detalhe, se espanta por não poder apalpá-lo. Esse fenômeno é semelhante ao que acontece com os sonâmbulos inexperientes que não acreditam dormir, porque, para eles, o sono é sinônimo de suspensão das atividades, e, como podem pensar

livremente e ver, julgam não estar dormindo.

Alguns Espíritos apresentam essa particularidade, embora a morte não tenha acontecido inesperadamente. Porém, é sempre mais generalizada naqueles que, apesar de estar doentes, não pensavam em morrer. Vê-se, então, o singular espetáculo de um Espírito assistir ao seu enterro como sendo o de um estranho e falando sobre o assunto como se não lhe dissesse respeito, até o momento em que compreende a verdade.

A perturbação que se segue à morte nada tem de pesaroso para o homem de bem! É calma e muito semelhante à de um despertar tranquilo.

Para aquele cuja consciência não é pura, a perturbação é cheia de ansiedade e angústias que aumentam à medida que reconhece a situação em que se encontra."

E como estará nossa mente, nossa capacidade de raciocínio e de perceber as coisas em nossa chegada ao Além; afinal de contas, nosso cérebro já não existe mais? Lembra-se de que eu disse agora, há pouco, quão esclarecedor é o Espiritismo em relação ao nosso futuro após a morte?

"A alma, quando está no mundo dos Espíritos, ainda possui as percepções que possuía em sua vida física?" perguntou Allan Kardec, em *O Livro dos Espíritos* , questão 237..

Atenção à resposta: "– Sim. Há também outras que não possuía, porque o seu corpo era como um véu que as dificultava e obscurecia. A inteligência é um dos atributos do Espírito que se manifesta mais livremente quando não tem entraves."

E depois da viagem, poderíamos avisar nossos entes queridos que chegamos bem?

Certamente que sim!

18

MAMÃE, CHEGUEI!

Eu emigrei para os Estados Unidos em 1982, e ainda lembro-me muito claramente como minha mãe ficou triste quando deixei o Brasil. Ela já começou a sentir saudades de mim no aeroporto, antes de meu embarque. Eu senti sua tristeza, mas não podia ficar, tinha um destino a seguir. Ela sempre se preocupou muito com o bem-estar de seus filhos e minha longa viagem de avião a preocupava muito.

– Me avise assim que você chegar, filho; ligue-me para dizer que foi tudo bem.– ela repetiu isso vezes e vezes antes de meu embarque.

A viagem noturna, de oito horas e meia entre São Paulo e Miami, foi muito tranquila. Eu tinha vindo à Flórida para fazer um curso intensivo de inglês seis meses antes e, como previra, apaixonei-me pelo "Estado dos raios de Sol," como a Flórida é conhecida. Decidi que queria viver aqui tão logo fosse possível. E essa viagem era a realização de um sonho que tinha desde muito tempo antes. A sensação de vir morar nos Estados Unidos era maravilhosa.

Liguei para minha mãe na manhã seguinte. Disse-lhe que a viagem havia sido ótima e que eu estava muito bem. E isso a deixou muito feliz. Eu estava distante dela, mas saber que eu estava bem a alegrava.

E se em lugar de estar embarcando para os Estados Unidos eu estivesse embarcando para o Além, será que eu poderia ter avisado

minha mãe que havia chegado bem, para não se preocupar comigo porque eu continuava vivo, saudável e feliz?

Certamente que sim!

A VIAGEM DE DOUGLAS DOUGLAS, UM JOVEM DE 25 ANOS DE IDADE DO ESTADO DA FLÓRIDA, DESENCARNOU EM UM ACIDENTE DE MOTOCICLETA. SEUS PAIS ESTAVAM MUITO ABALADOS COM A MORTE TRÁGICA E PREMATURA DO FILHO. SUA MÃE TEVE UMA VIOLENTA CRISE DE CHORO, E DOUGLAS, QUE HAVIA SOBREVIVIDO À MORTE DE SEU CORPO FÍSICO, VEIO LHE MOSTRAR QUE ESTAVA TUDO BEM.

Andrea, a mãe de Douglas, contou como isso aconteceu: "Douglas era nosso único filho; eu e seu pai, Oliver, estávamos divorciados desde que Douglas tinha doze anos de idade. Após a missa de corpo presente, tive uma violenta crise de choro. No carro, a caminho do cemitério, eu e o Oliver chorávamos muito, ele segurava minha mão.

De repente fui tomada por uma calma muito grande e parei de chorar. Eu vi o Douglas. Ele estava ajoelhado a nossa frente, sua mão direita estava em meu joelho e sua esquerda no joelho do pai. Eu até conseguia sentir a pressão e o calor de sua mão em minha perna.

Tinha a impressão de que se eu estendesse minha mão poderia até tocar meu filho, mas não o fiz. Ele estava vestido com a roupa que eu tinha escolhido para seu sepultamento, uma camisa azul clara e calças brancas.

Douglas estava em paz, e sua paz refletia em mim e me confortava. Uma luz alva e suave o envolvia todo. Meu filho estava sorrindo e parecia muito feliz, cheio de paz.

– O Douglas está aqui! – disse ao Oliver. – Eu o vejo!

Olhei para meu ex-marido e ele para mim, e lágrimas começaram a correr por seu rosto.

– Eu sei, Andrea. Eu o sinto. Sim, ele está aqui.

Então nosso filho olhou para nós e disse: – Eu estou bem. Eu te amo, mãe. Eu te amo, pai. – A comunicação foi telepática, mas tão clara como se estivesse falando em viva voz. Gradualmente, ele foi desaparecendo.

A partir desse momento e durante seu sepultamento, senti-me em extrema paz. Eu tinha certeza de que Douglas estava bem e não chorei mais.

Jamais me esquecerei dessa experiência, ainda consigo ver claramente aquele momento sublime. Eu sei que existe vida após a morte – meu filho provou isso para mim!" (1) Avisando que estamos bem A experiência descrita anteriormente é chamada de *comunicação pós-morte* (CPM), traduzida do inglês *after-death communication (ADC)*, termo cunhado pelos norte-americanos Bill e Judy Guggenheim para denominar sua extensa pesquisa deste fenômeno[4].

O número de pessoas que dizem haver recebido algum tipo de comunicação de um ente querido desencarnado é acima do simples acaso. Tachar as experiências destes como alucinação é fechar os olhos para o que verdadeiramente somos, espíritos imortais a caminho da luz.

Para se comunicar com um familiar ou amigo que deixaram na Terra, os viajantes do Além dispõem de vários recursos.

Como os estudos de Bill e Judy Guggenheim determinaram,

algumas maneiras comuns que os entes queridos desencarnados utilizam para se comunicarem com os vivos da Terra são as seguintes: visitando-os em sonho; aparecendo para eles, como no caso do jovem Douglas no exemplo acima; falando-lhes telepática ou sonoramente; tocando-lhes; fazendo com que o encarnado sinta o aroma de uma fragrância de que o desencarnado gostava, um perfume ou loção pós-barba, ou o cheiro de fumaça de cigarro, charuto ou cachimbo, se ele fumava; e outras menos comuns, como, por exemplo, ligando algum aparelho eletrônico, ou fazendo acender a luz em algum cômodo onde o ente querido encarnado esteja presente, ou até mesmo como eu fiz quando desembarquei em Miami, telefonando para casa!

UM TELEFONEMA DO ALÉM MONICA, UMA SENHORA DE 52 ANOS DE IDADE DO ESTADO DE MISSOURI, ESTAVA MUITO TRISTE COM O FALECIMENTO DE SEU VELHO PAI. ELA REZAVA PARA TER NOTÍCIAS DELE, QUE HAVIA REGRESSADO AO MUNDO DOS ESPÍRITOS DEVIDO A UM FULMINANTE ENFARTE. TRÊS MESES DEPOIS, SEU PEDIDO FOI ATENDIDO.

"Meu pai faleceu em junho – contou ela – e em setembro ele me contatou. Nesse dia eu telefonei para uma empresa e a operadora que me atendeu pediu que eu aguardasse um momento na linha, e começou a tocar aquela musiquinha de espera.

De repente a música parou, e eu ouvi claramente a voz de meu pai me dizendo: – Olá, Dolly! – Ele sempre me chamava por esse apelido. Em seguida, disse: –Você sabe quem está falando. – Tenho

certeza que era a voz dele, mas não consegui responder nada, estava estarrecida!

Ele continuou na linha, e alguns segundos depois disse-me: – É seu pai que está falando. – Seu tom de voz era bastante calmo e soava exatamente como quando ele vivia. Não havia ruídos na linha, a ligação era absolutamente nítida.

A operadora voltou e me disse que a pessoa com quem eu queria falar ainda não havia chegado. Desliguei o telefone e liguei outra vez, queria ver se meu pai me contataria novamente, mas nada aconteceu. Foi uma experiência tão real que para mim não há como questioná-la. Meu ceticismo sobre a comunicação dos mortos com os vivos foi totalmente destruído. Talvez meu pai tenha utilizado esse método para que eu não duvidasse de sua veracidade." (2) Mandando recado Às vezes o desencarnado pode mandar recado ao ente querido por intermédio de uma terceira pessoa. E nests caso essa terceira pessoa fui eu, e a desencarnada foi Sheila, uma querida amiga de muito tempo, que morava na cidade de São Paulo.

Esse contato com minha amiga foi durante o sono, há mais ou menos três anos, seis meses após seu desencarne, enquanto dormia em meu apartamento em Miami. De repente vi-me a seu lado, meu rosto tocando o dela. Vi que seus cabelos haviam voltado à cor original, castanho-claro, e a pele de seu rosto era de extrema suavidade e maciez.

Eu sabia que Sheila havia tido um desencarne difícil, ela não queria partir, desejava permanecer mais tempo na vida terrena. Ainda era muito jovem e tinha uma filha adolescente para cuidar. Nesse encontro, comentei esse fato com ela, de seu desencarne difícil, e ela

o confirmou, mas disse que agora estava feliz.

Perguntei se ela gostaria de mandar alguma mensagem para alguém, e ela disse que sim.

– Fale para a minha mãe que eu estou bem e muito feliz.

No dia seguinte telefonei para dona Antonia, mãe de Sheila, a quem conheço há muito tempo e por quem tenho um carinho muito especial.

– Tenho um recado para a senhora, dona Antonia – eu disse, emocionado.

Dona Antonia silenciou, pressentindo do que se tratava.

– Sua filha me pediu que lhe dissesse que ela está muito bem e muito feliz, e que é para a senhora não se preocupar com ela.

Dona Antonia pôs-se a chorar copiosamente. Depois de alguns momentos ela me contou a razão.

– Obrigado, Admir, e Deus te abençoe, meu filho. Meu pedido foi atendido. Ontem à noite, antes de dormir, rezei muito e pedi a Deus que deixasse saber como minha filha estava em sua nova vida. Só não entendo como foi assim, por intermédio de você, que mora tão longe.

– Deus tem suas maneiras de consolar Seus filhos. O mais importante é que sua prece foi atendida e que o recado está dado. – disse-lhe.

COMUNICAÇÃO DO ALÉM: MAIS COMUM DO QUE SE IMAGINA NA NOITE DE 28 DE NOVEMBRO DE 1942, A FAMOSA BOATE COCOANUT GROVE NIGHT CLUB DE BOSTON, NOS ESTADOS UNIDOS, PEGOU FOGO. A BOATE ESTAVA LOTADA, COM QUASE 1.000 PESSOAS

EM SEU INTERIOR; 492 PESSOAS PERECERAM NO INCÊNDIO.

Em 1944 o psiquiatra americano Erich Lindemann conduziu o primeiro estudo sistemático sobre o fenômeno das comunicações após a morte. Ele entrevistou 101 parentes das vítimas do incêndio. Seus entrevistados confirmaram haver recebido algum tipo de comunicação, sendo a mais frequente visões dos entes queridos que pereceram no incêndio.

Em outro estudo, no ano de 1988, na Islândia, o doutor Erlendur Haraldson localizou 100 pessoas que haviam perdido entes queridos. Haraldson queria saber se essas pessoas haviam recebido algum tipo de contato em vigília. E teve uma grande surpresa! Oitenta e quatro pessoas desse grupo confirmaram algum tipo de contato, visuais, auditivos, tácteis e olfativas; 16 delas disseram haver tido sensações vívidas da presença do desencarnado; 59 disseram que seus entes queridos apareceram para elas.

As pesquisas de Bill e Judy Guggenheim, as mais recentes e mais abrangentes até hoje, com mais de dez mil casos em seus arquivos, mostraram que setenta por cento dos entrevistados relataram algum tipo de comunicação.

Mas como podem os "mortos" falar, tocar e aparecer para alguém se eles não possuem mais um corpo físico?

Eis a razão: "O Espírito não é (...) um ponto, uma abstração, mas um ser limitado, ao qual falta apenas ser visível e palpável para ser igual aos seres humanos," escreveu Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns* (Parte Primeira, Cap. 1, Item 3), em 1861.

Portanto, futuro viajante, você também poderá avisar seus familiares que chegou bem. Meios para tal não lhe faltarão. E na hora que eles precisarem de você aqui embaixo, se estiver preparado, poderá dar-lhes uma mãozinha lá de cima.

---

4 Para conhecer melhor o trabalho de Bill e Judy Guggenheim e dezenas de comunicações extraordinárias, recomendo seu livro *Um alô do céu* editado pela Butterfly Editora. (N.A.)

19

PROTEGENDO QUEM AMAMOS

Preciso falar novamente. Nós temos, na Doutrina Espírita, respostas a tantas e tantas perguntas que pairam em nossas mentes sobre a vida após a morte que nenhuma outra doutrina ou filosofia tem. Allan Kardec foi muito minucioso nessas questões e é por essa razão que ele assegura categoricamente, e nós podemos confirmar que, "pelo Espiritismo o homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê, por toda parte, a justiça de Deus." (*A Gênese*, item 30) Qual mãe ou pai amoroso não gostaria de saber que poderá proteger seus filhos quando retornar ao Além? Ou avós, seus netinhos e filhos? Os filhos, seus pais? O esposo, sua eposa? Isso para quem está retornando ao Além.

E os que ficam na Terra, não seria um grande consolo saber que aqueles que nos amaram e protegeram na vida física, poderão continuar a fazê-lo, mesmo do outro lado da vida?

Nós somos todos (ou deveríamos ser!) ajudantes de Deus para auxiliá-Lo na proteção de Seus filhos na Terra. Os laços de amor que construímos com nossos parentes e amigos têm o propósito de facilitar esse trabalho. E o amor, sublime e indestrutível energia, atravessa fronteiras, as da Terra e do Além. E aqueles seres queridos que nos amaram e por nós zelaram, nossos parentes e amigos que fizeram parte de nossas vidas na Terra, continuarão a fazê-lo no

mundo espiritual também.

A única coisa que a morte física destrói é o corpo que encarcera nosso Espírito imortal, não nossos sentimentos. O corpo é destrutível, mas nossos sentimentos, estes arquivados nas profundezas mais íntimas do espírito, seguirão intactos, sobretudo os laços de amor que nos prendem a nossos entes queridos.

O QUE ENSINA O ESPIRITISMO "OS PARENTES E AMIGOS, QUE NOS PRECEDERAM NA VIDA ESPIRITUAL, TÊM POR NÓS MAIS SIMPATIA DO QUE OS ESPÍRITOS ESTRANHOS?" INDAGA KARDEC AOS ESPÍRITOS, NA QUESTÃO 488 DE *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*. 0

"– Sem dúvida" – respondem eles – "e muitas vezes vos protegem como Espíritos, conforme tenham poder para tanto."

Kardec quis saber mais: "São sensíveis à afeição que nós lhes devotamos?"

"– Muito sensíveis, mas esquecem aqueles que os esquecem."

Portanto, aqueles seres queridos que sempre se lembrarem de nós, quando estivermos no Além, poderão contar com nossa ajuda se estivermos em condições de ajudá-los. E isto que o Espiritismo ensina ocorre comumente. Na grande maioria das vezes, não percebemos a presença de nossos "anjos guardiões" enquanto estes nos ajudam, mas há muitos casos que sim!

Veja a seguir que exemplo extraordinário.

O CASO (E O SUSTO!) DO PADRE GEMELLI AGOSTINO GEMELLI FOI UM MONGE FRANCISCANO, CONSIDERADO O MAIS PROEMINENTE DOS FRANCISCANOS DO SÉCULO 20 POR SEU TRABALHO DE RECONCILIAÇÃO ENTRE A FÉ CRISTÃ E A CULTURA MODERNA. FOI MÉDICO E PSICÓLOGO, FUNDADOR DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MILÃO, UMA DAS MAIS CONCEITUADAS INSTITUIÇÕES DA ITÁLIA.

O Padre Gemelli ficou órfão quando ainda garoto, e tinha o costume de pedir a ajuda do seu "falecido" pai sempre que estava em algum apuro.

No dia 17 de setembro de 1952, o Padre Gemelli e o monge beneditino Pellegrino Ernetti estavam no laboratório de física da Universidade gravando cantos gregorianos. Nessa época os gravadores utilizavam um sistema rudimentar de fios em lugar de fita magnética. E os fios se rompiam com facilidade. As interrupções por conta dos ditos fios eram constantes e o Padre Gemelli já estava ficando impaciente. Em uma das ocasiões, já irritado com aquilo, o Padre falou em voz alta: "Papai, me ajude!" Consertando o fio, voltou a gravar. Terminada a gravação, foi ouvi-la.

E tomou um tremendo susto!

Os dois Padres ouviram, não o canto gregoriano que tentavam gravar, mas a voz do pai do Padre Gemelli: – Mas é claro que te ajudo, Zuccone, eu estou sempre perto de você! – "*zuccone*", abóbora grande em italiano, o apelido que seu pai lhe dera quando vivo.

O Padre Gemelli marcou uma audiência com o então Papa Pio XII para relatar-lhe o ocorrido, e temia uma possível repreensão do Sumo Pontífice. Estava com a consciência pesada, pois achava que havia se envolvido, mesmo contra sua vontade, com o Espiritismo.

Mas o Santo Padre, longe de mostrar espanto, tranquilizou-o: – Isso nada tem a ver com Espiritismo. O gravador é um aparelho objetivo que não podemos influenciar. Essa experiência poderá talvez suscitar estudos científicos que confirmarão a fé no mundo do Além". (1) Vovós e vovôs, anjos prontos para ajudar Avós desencarnados costumam vir ao plano material com muita

frequência, tanto para recepcionar e guiar netos que estão desencarnando como para auxiliar os que continuam na Terra. Em meus livros *Morrer não é o fim* e *Nos portais do Além* apresento uma série de relatos de tais presenças. Veja abaixo a linda história da vovó que veio amparar seu netinho, Andrew, enquanto ele se submetia a uma delicada cirurgia cardíaca.

"Meu filho Andrew, de três anos e meio de idade, foi hospitalizado devido a um problema no coração, e teve que ser submetido a uma cirurgia," relatou a mãe ao doutor Sam Parnia, estudioso das experiências de quase-morte (EQM). "Duas semanas após a cirurgia, ele começou a me perguntar quando iria voltar àquele lugar ensolarado com todas aquelas flores e animais.

– Assim que você melhorar nós poderemos ir ao parque – respondi.

– Não, não é o parque; é aquele lugar ensolarado que fui com aquela senhora.

– Que senhora? – perguntei.

– Aquela senhora que flutua – respondeu.

Eu disse que não sabia do que ele estava falando e que talvez havia me esquecido onde ficava esse tal de lugar ensolarado.

– Não foi você que me levou lá. Foi aquela senhora, ela veio e me pegou pela mão, e nós flutuamos. Você estava do lado de fora, foi quando eles estavam consertando meu coração. Eu estava bem. A senhora veio e tomou conta de mim; ela me ama. Era tudo muito brilhante e colorido naquele lugar, mas eu queria voltar para ficar com você, mamãe.

Então, perguntei: – Quando você voltou, você estava acordado,

dormindo, ou sonhando?

– Acordado, mas estava lá em cima no teto, e quando olhei para baixo eu estava deitado na cama com os braços do lado, e os médicos estavam fazendo não sei o que no meu peito. Era tudo muito brilhante, daí eu flutuei para baixo.

Mais ou menos um ano mais tarde, estávamos assistindo ao programa *Children's Hospital* (Hospital da criança) na TV, e uma criança estava sendo operada do coração. Andrew ficou super empolgado e disse: – Eles me colocaram aquela máquina!

– Acho que não colocaram, não – respondi.

– Colocaram, sim!

– Mas você estava dormindo quando foi operado, portanto, não poderia tê-la visto – constestei.

– Eu sei que eu estava dormindo, mas eu via quando olhava para baixo.

– Mas você estava dormindo, como poderia estar olhando para baixo? – contestei novamente.

– Mas eu já te falei que eu flutuei para o teto com aquela senhora...

Certo dia mostrei a Andrew uma foto de minha falecida mãe, e ele a reconheceu.

– Essa é a mulher que flutua – ele disse. (2) Relatos de ajuda de algum ente querido desencarnado aparecem com frequência na literatura paranormal. É comum também alguém ter um caso pessoal a compartir quando tocamos no assunto. Recentemente visitei um médico oncologista de renomado hospital em Miami e entramos no assunto sobre a vida após a morte, na qual ele crê.

Contou-me o médico que seu falecido pai também está sempre por

perto quando ele necessita dele. Em uma dessas ocasiões, impediu que o filho sofresse um acidente de automóvel, que certamente poderia ser fatal. Quando ainda residia em seu país de origem, na América do Sul, dirigia durante as altas horas da noite pelas ruas da cidade a caminho de sua casa. Estava muito cansado e sonolento, após um árduo dia de trabalho e estudo. Ao trafegar por uma rua longa e pacata, sem perceber, pegou no sono. Aproximando-se de um cruzamento certamente chocaria com um veículo que por lá passava. E foi nesse momento que uma mão forte o agarrou pelo ombro e o sacudiu, o que o fez despertar e evitar o acidente. Percebendo a presença do pai, com o coração disparado pelo susto, agradeceu-lhe por mais essa salvadora ajuda.

Nós somos uma imensa família espiritual, ligados um ao outro para mútua evolução. E o maior objetivo dessa nossa evolução é aprender a amar. Foi isso que o Cristo veio nos ensinar, e é isso que devemos aprender. Sendo Deus sabedor da tremenda dificuldade que o ser humano ainda tem para amar, agraciou-nos com o dom do parentesco. Ele quis facilitar nosso aprendizado nessa difícil arte. No seio da família, aprendemos a amar e a praticar o amor. E quanto mais o praticamos e o distribuímos tanto mais esse amor fortalece.

E uma vez bem construídos, laços de amor não se rompem facilmente, nem mesmo após a morte do corpo. Muito ao contrário, deve crescer ainda mais, pois, uma vez livres das limitações do corpo material, deveremos compreender com maior clareza o sentido da vida e o papel de cada um na obra da criação.

Consequente e naturalmente, a mãe desencarnada continuará amando e, dependendo de seu nível evolutivo, auxiliando seus

filhinhos queridos que deixou na Terra, a avó e o avô seus netinhos, o filho aos pais e assim por diante. Não existem barreiras capazes de bloquear a energia penetrante que é o amor, nem na Terra nem no Além.

Em nossos preparativos para a viagem de regresso ao Além, temos de ter sempre em mente que o apego às coisas mundanas da vida terrena, os vícios, as más paixões, a ignorância, a brutalidade, a imoralidade dificultarão sobremaneira nossa liberdade no mundo espiritual, inclusive impedindo, pelo menos até evoluirmos, a possibilidade de auxiliar nossos entes queridos que deixamos na Terra. E isso é óbvio. Como poderemos ajudar alguém quando somos nós que estamos precisando de ajuda?

Portanto, mais uma sugestão deste guia: Concentremos-nos, dia após dia, em nosso melhoramento moral, espiritual e intelectual. Analisemos, diariamente, a qualidade de nossos pensamentos, sentimentos e ações. Todos os que forem, de alguma maneira, danosos àqueles a quem dirigimos, podemos estar certos, fizeram-nos mal também. Nós somos sempre os primeiros beneficiados ou prejudicados com o que pensamos, sentimos ou agimos. Tal é a justiça de Deus.

O Espírito André Luiz resume com grande clareza e eloquência essa verdade: "Tudo de bom ou ruim que você fizer hoje, algo de força equivalente amanhã irá lhe beneficiar ou prejudicar, seja nesta ou em outra vida. 'A cada um será dado de acordo com suas obras. ' Não existe escapatória ou subterfúgios perante as Leis de Deus." (3) Seguimos, então, as Leis de Deus, na certeza de que quando estivermos de volta à Sua casa, gozaremos dos prazeres e da

liberdade reservados àqueles que já reconheceram seu importante papel na obra da criação: aprender a amar, a perdoar, a fazer o bem e a instruir-se.

E o que começamos, no Além continuaremos...

20

NOSSA VIDA NO ALÉM

"A vida no Além é também atividade, trabalho, luta, movimento. Se as almas estão menos submetidas ao cansaço, não combatem menos pelo seu aperfeiçoamento." (1) Para muitos encarnados, essa informação do Espírito Emmanuel, por intermédio da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, não é nada agradável.

Em geral, o ser humano tem uma grande inclinação ao ócio e ao divertimento, assim na Terra, como no Além. Certa vez conversando com uma amiga da América Central, ela me perguntou como seria nossa vida no Além. Respondi que devido ao nosso nível evolutivo ainda não muito adiantado, não seria muito diferente da vida que temos na Terra.

– *Bamos continuar activos, aprendiendo, trabajando, ...* – disse-lhe, em espanhol. Não me deixou terminar, ao som da palavra *trabajando* fez uma careta, como se tivesse dado uma mordida em um suculento e bem azedo limão.

– *Bamos tener de trabajar hasta despues de muertos?* – contestou, em tom um tanto assustado. – *Ya estoy cansada de trabajar aqui en la Tierra y no quiero seguir trabajando despues de morirme!*

Essa minha amiga era divorciada e trabalhava duro para sustentar a si e a sua filha, por quem tanto zelava. Empatizava-me com ela, compreendia a razão da aversão que sentia ao saber que ainda trabalharia após seu regresso ao mundo espiritual.

Tentei suavizar o susto que lhe havia causado.

– *Pero será un trabajo agradable, algo que le dará placer en hacerlo*.

– *Si es trabajo, no quiero saber!* – Ela não se conformava com a ideia.

– *Pero no será mas para suplir las necesidades materiales*...

– *No me importa. Ya he trabajado mucho aqui. Despues de muerta, quiero descansar!*

O que minha amiga queria era férias, para toda a eternidade.

E certamente ela, assim como outros que queiram viver no ócio em sua nova vida no Além, poderão fazê-lo. Nosso livre-arbítrio será respeitado.

"Entre os Espíritos há os que são ociosos ou que não se ocupam com nenhuma coisa útil? indaga Kardec à espiritualidade maior, conforme se lê na questão 564 de *O Livro dos Espíritos.*

"– Sim" – respondem os Espíritos – "mas esse estado é temporário e depende do desenvolvimento de sua inteligência. Certamente há, como entre os homens, os que vivem somente para si mesmos; mas essa ociosidade lhes pesa e cedo ou tarde o desejo de avançar lhes faz sentir que a atividade é necessária e ficam felizes em se tornar úteis (...)"

Outra conhecida disse-me que eu estava totalmente equivocado. Não havia trabalho nenhum a fazer nem aprendizado a continuar. Sua religião garantia aos seus seguidores a eternidade aos pés do Criador, em perpétuo louvor, em completa contemplação e sem a necessidade de fazer mais nada além disso.

Emmanuel, falando com conhecimento de causa, pois se comunicava a partir do mundo onde todos estaremos quando deixarmos a vida física, tira a quimera desse ócio eterno aos pés do

Criador e dos milagres que muitos acreditam que a morte efetuará, transformando pecadores em anjos pelo simples fato de haverem deixado o corpo físico.

"Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra, aí no mundo, sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes com a simples modificação dos aspectos exteriores. Importa observar apenas a ampliação desses aspectos, comparando-se o plano terrestre com a esfera de ação dos desencarnados.

Imaginai um homem que passa de sua aldeia para uma metrópole moderna. Como se haverá, na hipótese de não se encontrar devidamente preparado em face dos imperativos da sua nova vida?

A comparação é pobre, mas serve para esclarecer que a morte não é um salto dentro da natureza. A alma prosseguirá na sua carreira evolutiva, sem milagres prodigiosos.

Nos primeiros tempos da vida de Além-túmulo, a alma desencarnada procura naturalmente as atividades que lhe eram prediletas nos círculos da vida material, obedecendo aos laços afins, tal qual se verifica nas sociedades do vosso mundo.

As vossas cidades não se encontram repletas de associações, de grêmios, de classes inteiras que se reúnem e se sindicalizam para determinados fins, conjugando idênticos interesses de vários indivíduos? Aí, não se abraçam os agiotas, os políticos, os comerciantes, os sacerdotes, objetivando cada grupo a defesa dos seus interesses próprios?

O homem desencarnado procura ansiosamente, no Espaço, as aglomerações afins com o seu pensamento, de modo a continuar o

mesmo gênero de vida abandonado na Terra, mas, tratando-se de criaturas apaixonadas e viciosas, a sua mente reencontrará as obsessões de materialidade, como as do dinheiro, do álcool etc., obsessões que se tornam o seu martírio moral de cada hora, nas esferas mais próximas da Terra.

Daí a necessidade de encararmos todas as nossas atividades no mundo como a tarefa de preparação para a vida espiritual, sendo indispensável à nossa felicidade, além do sepulcro, que tenhamos um coração sempre puro." (2) Do outro lado da vida, poderemos eventualmente nos entregar à ociosidade; nosso livre-arbítrio será respeitado; e tanto lá como aqui, estaremos igualmente subordinados às leis de causa e efeito e vamos estar sempre colhendo o que plantarmos. Se plantarmos o que é bom, colheremos o correspondente; se plantarmos o que é ruim e danoso, não há como iludirnos que seremos recompensados com o que é bom e feliz .

Durante um dos meus desdobramentos espirituais, estive com um pequeno grupo de desencarnados em uma região campestre na crosta terrestre, algo parecido com uma pequena chácara. Cheguei ao local volitando, em grande velocidade, sobre uma estradinha arenosa e parei quando me aproximei-me de duas senhoras junto à cerca de arame que circundava o local onde viviam. Cumprimentei-as em português, e elas me responderam em um idioma que não compreendia. Em seguida chamaram um homem, cuja aparência era de quarenta e poucos anos. Ele falava português. Convidou-me a entrar. Saltei a cerca, e o acompanhei, olhando ao meu redor para observar o local, como faço costumeiramente em minhas viagens

fora do corpo.

O lugar onde viviam esses desencarnados, um pequeno grupo de cinco ou seis adultos e algumas crianças, era bastante agradável. Havia muito verde ao redor, e na chácara, um riacho. No momento em que cheguei as crianças nadavam, riam, brincavam, divertiam-se nas águas cristalinas do riacho.

Havia, deitado ao chão, um tronco de madeira. O homem sentou-se e convidou-me para sentar do seu lado. E logo percebi que meu trabalho era auxiliá-lo a seguir sua jornada evolutiva.

Pusemos a conversar. Perguntei-lhe que idioma era aquele que as senhoras falavam e ele me disse que era da Indonésia. Contou-me que era brasileiro (na encarnação passada), do interior de São Paulo, e que viveu por vários anos na Indonésia, onde desencarnou. Havia ido para aquele país trabalhar em plataforma de petróleo. Eu não sabia que a Indonésia produzia petróleo. Curioso, no dia seguinte, fui pesquisar, e descobri que a Indonésia ocupa o vigésimo lugar na produção mundial de petróleo.

– Há quanto tempo você está desencarnado? – indaguei.

– Quarenta anos.

– Há quanto tempo você está neste lugar?

– Quarenta anos – respondeu-me.

– O que você tem feito aqui nesses quarenta anos?

– Nada de mais, essa vidinha aqui.

– Ainda não se cansou da mesmice?

– É, já está enjoando.

– Você sabe que há muita coisa para se fazer aqui, que você pode estudar, aprender, trabalhar...

– Estou precisando mesmo mudar de vida – concordou.

Nesse momento, levei minha mão direita atrás de minha nuca e puxei o cordão fluídico que ligava meu perispírito ao meu corpo físico.

– Como vê, ainda estou encarnado – disse-lhe, mostrando-lhe o cordão – e preciso voltar agora.

– Eu também gostaria de voltar – respondeu-me.

– Você será auxiliado. Ore, peça ajuda, e você será atendido. Agora preciso voltar. Que Deus o abençoe.

– Muito obrigado – agradeceu-me.

Em seguida, retomei o corpo físico. Era por volta de seis horas da manhã em Miami. Nessas ocasiões, assim que desperto, em oração, peço a Deus que esses espíritos sejam amparados.

Quanto tempo esse espírito permanecerá na condição de *errante*, ou seja, a aguardar nova oportunidade para reencarnar?

Vamos ver, a seguir, o que o Espiritismo e as ocorrências pesquisadas pela ciência têm a dizer...

21

QUANTO TEMPO FICAREMOS NO ALÉM?

Allan Kardec fez essa pergunta aos espíritos superiores e obteve a seguinte resposta: "– De algumas horas a alguns milhares de séculos. Não há, propriamente falando, limite extremo estabelecido para o estado de erraticidade [período entre encarnações], que pode se prolongar por muito tempo, mas que nunca é perpétuo. O Espírito sempre encontra, cedo ou tarde, a oportunidade de recomeçar uma existência que sirva de purificação às suas existências anteriores...", como se lê na questão 224 de *O Livro dos Espíritos* Os drusos, por exemplo, uma etnia semita antiga e pequena do Oriente Médio que acredita na reencarnação, crêem que drusos reencarnam logo após a morte, e sempre em meio a seu povo.

E o que determina essa duração? A resposta dos espíritos continua...

"– É uma consequência do livre-arbítrio. Os Espíritos têm perfeita consciência do que fazem, mas para alguns é também uma punição que a Providência lhes impõe. Outros pedem para que se prolongue, a fim de progredirem nos estudos que só podem ser feitos com proveito na condição de Espírito."(questão 224 de O *Livro dos Espíritos*).

COM UM POUCO DE PRESSA PARA VOLTAR CERTO DIA, AOS TRÊS ANOS DE IDADE, O GAROTO WILLIAM

ESTAVA TENDO UM DAQUELES "FANIQUITOS" QUE CRIANÇA DESSA IDADE COSTUMA TER. ESTAVA INCOMODANDO MUITO SUA MÃE QUE TENTAVA CONCLUIR ALGUNS AFAZERES, E ELA JÁ ESTAVA PERDENDO A PACIÊNCIA.

– Pare com isso, William, ou vou te dar uns tabefes – ameaçou a mãe.

Encarando-a, William retrucou: – Mamãe, quando você era pequena e eu era seu pai, você fazia muita malvadeza mas eu nunca bati em você.

Sua mãe ficou atônita.

– Do que você está falando, filho?

– De quando eu era grande e você era minha filha.

Com o passar do meses, William viria a ter lembranças mais vívidas de sua vida passada. Dava detalhes tão precisos sobre o "avô" que a mãe convenceu-se que o menino era mesmo a reencarnação de seu pai. Para ela, não havia explicação racional para o fato.

E não foram apenas as lembranças que William trouxe da existência passada. Trouxe também marcas de nascença e defeitos congênitos.

William lembrava-se de sua vida como John McConnell, um policial aposentado que trabalhava como segurança. Certa noite, após o trabalho, John passava em frente a uma loja de eletrônicos quando viu duas pessoas no interior da loja, com uma arma na mão, rda, roubando o caixa. John entrou, de revólver em punho, para impedir o assalto. Assim que os ladrões o viram, dispararam contra

ele. No tiroteio, John fora atingido seis vezes. Uma das balas atravessou-lhe o pulmão esquerdo, o coração, e a artéria pulmonar. Apesar de haver sido encontrado com vida e levado ao hospital, não resistiu aos ferimentos e desencarnou. O ano era 1992.

William nasceu em 1997 e, logo após o nascimento, começou a sofrer desmaios constantes. Exames médicos determinaram que os desmaios eram decorrentes de atresia pulmonar, ou oclusão da válvula pulmonar que dificultava a passagem do sangue do ventrículo direito para a artéria pulmonar. Foi descoberto também que o ventrículo direito não se formou completamente em razão do problema na válvula pulmonar. William sofreu várias cirurgias para a correção desses problemas, localizados, "coincidentemente", na mesma região anatômica dos órgãos cujos ferimentos causaram a morte de John McConnel.

John McConnell voltou para a Terra como William cinco anos após a sua morte. (1) Sem muita pressa de voltar Kemal Atasoy nasceu em 1991 em uma cidade na Turquia, a 800 quilômetros de distância de Istambul, a antiga Constantinopla. Aos dois anos de idade, Kemal começou a falar de sua vida passada. Costumava dizer aos pais que havia morado em Istambul, cidade esta onde jamais havia ido. Dizia haver sido um rico cristão armênio de sobrenome Karakas, que sua casa era grande e tinha três andares. Essa casa era vizinha de uma conhecida mulher chamada Aysegul, que fugiu do país por problemas com a justiça. E dava mais detalhes: a casa era próxima da água, onde barcos eram atracados, e tinha uma igreja atrás; disse também que vivia nessa casa apenas parte do ano. Contou que costumava carregar uma bolsa de couro grande naquela vida, e que

sua esposa e filhos tinham nomes gregos.

A família Atasoy segue a linha alevi da religião muçulmana, que acredita na reencarnação. Os pais de Kemal não conheciam ninguém em Istambul. A única pessoa da família a visitar a cidade foi o pai, por duas vezes, em viagens de negócio.

O caso desse menino chamou a atenção do doutor Jurgen Keil, psicólogo australiano e um dos pesquisadores atuais da reencarnação. O doutor Keil visitou a família Atasoy e entrevistou Kemal em 1997, quando este tinha seis anos de idade. O menino dava detalhes de sua vida passada com muita convicção,e o doutor Keil, acompanhado de um intérprete, foi a Istambul procurar a tal casa e investigar se as informações de Kemal tinham fundamento.

O doutor Keil encontrou a casa, na primeira visita a Istambul, exatamente como Kemal havia descrito. Falou com os oficiais da igreja, mas ninguém se lembrava de nenhum armênio que havia vivido ali. Em sua segunda viagem, naquele mesmo ano, o doutor Keil conheceu um senhor idoso que morava na vizinhança havia muitos anos. O ancião confirmou que de fato um armênio rico viveu ali, mas o pessoal da igreja não se lembrava disso por não ser do seu tempo.

Em 1998, o doutor Keil fez uma terceira viagem a Istambul para conversar com um respeitado historiador da cidade. E o historiador confirmou ao doutor Keil todos os detalhes que o menino Kemal Atasoy, nascido a 800 quilômetros de distância deu, sem jamais haver ido a Istambul:. Uma família de sobrenome Karakas vivia na casa, mas não o ano todo, apenas no verão. O homem era um cristão armênio muito rico, casado com uma mulher da religião grega

ortodoxa, e tinha três filhos. Disse o historiador que a família Karakas dedicava-se aos negócios de couro e que o homem costumava carregar uma bolsa de couro grande. O homem que Kemal Atasoy dizia haver sido desencarnou em 1940 ou 1941, cinquenta anos antes do nascimento do menino. (2) Reencarnação: dos livros sagrados à universidade O dogma da reencarnação é um dos pilares do Hinduísmo e do Budismo, e já foi parte do Cristianismo também, deste banido definitivamente no século sexto, no Segundo Concílio de Constantinopla.

Na história do conhecimento humano, sempre houve desbravadores intrépidos em todos os campos do saber, em todas as partes do mundo. No campo do estudo sistematizado e científico da reencarnação, o grande nome foi o doutor Ian Stevenson (1918–2007). O doutor Stevenson, médico psiquiatra, foi nomeado diretor do Departamento de Psiquatria da Universidade de Virginia aos trinta e nove anos de idade, onde criou a Divisão de Estudos da Personalidade, hoje denominado Divisão de Estudos Perceptíveis, para pesquisar não apenas a reencarnação, mas outros fenômenos paranormais sugestivos da imortalidade da alma, tais como as visões no leito da morte (VLMs), experiências de quase-morte (EQMs), experiências fora do corpo (EFCs) ou desdobramento perispiritual, aparições e comunicações pós-morte (CPMs).

O doutor Stevenson estudou a reencarnação cientificamente desde 1958. Visitou e entrevistou, pessoalmente, crianças, em várias partes do mundo, que diziam ter lembranças de vidas passadas. Muitas dessas crianças recordavam-se de como haviam morrido na vida anterior. Nos casos de mortes traumáticas ou por assassinato,

traziam no corpo atual marcas de nascença e defeitos congênitos que correspondiam aos ferimentos causadores da morte do corpo anterior. (Em *Morrer não é o fim* apresento uma série de casos com fotografias que o doutor Stevenson pesquisou.) A Divisão de Estudos Perceptíveis da Universidade de Virginia, hoje sob a direção do doutor Jim Tucker, também médico psiquiatra, conta mais de três mil casos de crianças que se recordavam de vidas passadas. Como essas crianças se lembravam de quem haviam sido na outra vida, foi possível determinar o ano em que desencarnaram naquela existência. Nestes casos, para saber o tempo de permanência na erraticidade, ou seja, no Além, basta calcular o início da gravidez da mãe com a data do desencarne anterior.

Quanto tempo esses espíritos ficaram no Além? Veja, novamente, a ciência, comprovando o que o Espiritismo ensina... "Algum vezes [a alma] reencarna imediatamente", esclarecem os espíritos; "porém, com mais frequência, depois de intervalos mais ou menos longos (...)" conforme podemos ler na questão 223 de *O Livro dos Espíritos.*

E o que a ciência encontrou: a média de tempo de permanência desses espíritos no Além foi de um ano e meio. (3) Mas há casos mais longos, como vimos no exemplo de Kemal Atasoy, que reencarnou cinquenta anos depois, e William, cinco.

"Algumas vezes [a alma] pode reencarnar imediatamente" esclarecem os Espíritos, "mas normalmente só após intervalos mais ou menos longos (...)" (questão 223).

E por que reencarnaremos? Vejamos as razões...

22

TERRA, LÁ VOU EU DE NOVO!

Nas experiências de quase-morte (EQM), tema que abordo detalhadamente em meu livro *Nos portais do além*, quando alguém, ainda encarnado, vê-se na espiritualidade, onde se encontra com benfeitores espirituais ou "seres de luz", como costumam chamá-los, é-lhe mostrado, em visão panorâmica, como ela tem vivido sua vida na Terra até aquele momento. Geralmente, sua atenção é voltada para os próprios sentimentos e atos menos nobres, os quais causaram ou ainda causam sofrimento a outras pessoas.

É comum também que essa pessoa sinta, em seu próprio ser, a dor que esses sentimentos e ações provocaram ou ainda provocam, nessas pessoas. Envergonhada de tais atitudes e, guiada pelo espírito superior, sem nenhum tipo de acusação ou julgamento deste, ela percebe a necessidade de mudança em sua conduta. Descobre também, além de sua imortalidade, a importância da vida na Terra e, sabendo que terá de dar conta de seus atos quando retornar ao mundo espiritual definitivamente após a morte, quando volta a seu corpo físico para a continuidade de sua jornada neste planeta, modifica-se, radicalmente, e para melhor.

Ela volta sabendo, ou melhor, ela relembrou, que somos todos uma grande irmandade e estamos na Terra para aprender a amar, a perdoar, para fazer o bem e para adquirir conhecimentos. E a realização desses objetivos passam a ser sua prioridade. Ela se dá

conta de que precisa melhorar, evoluir, por dois motivos: voltar ao além melhor do que quando de lá saiu para reencarnar na Terra e deixar a Terra um pouco melhor do que quando aqui chegou.

A pessoa passando por EQM, ao ser reanimada, voltará para a Terra e poderá redirecionar sua vida imediatamente, pois ainda não é sua hora de retornar ao Além.

Mas, e aquelas pessoas cuja hora é chegada, que certamente farão tal revisão, que verão seus erros e reconhecerão a necessidade de repará-los, mas não podem mais retornar à Terra, o que farão?

Voltarão mais tarde, em outros corpos.

"Como alma que não alcançou a perfeição durante a vida corporal, pode acabar de se depurar? – Allan Kardec indaga aos espíritos encarregados de trazer à Terra a Doutrina Espírita (questão 166).

"– Submetendo-se à prova de uma nova existência" respondem eles.

"Como a alma realiza essa nova existência? É pela sua transformação como Espírito?" quer saber Kardec.

"A alma, ao se depurar, sofre, sem dúvida, uma transformação, mas para isso é preciso que passe pela prova da vida corporal" tem como resposta.

E Kardec quer mais detalhes: "A alma tem, portanto, que passar por muitas existências corporais?"

"– Sim, todos nós temos muitas existências. Os que dizem o contrário querem vos manter na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse é o desejo deles."

Portanto, amigo viajante, esqueça o ócio eterno aos pés do Criador ou o interminável sono até os fins dos tempos quando você será

escolhido para estar à direita de Jesus, ou a esquerda, claro, se você não for cristão. Nós ainda vamos ter que retornar à Terra, tantas vezes quantas forem necessárias, até que estejamos prontos para gravitar a mundos menos materiais e mais avançados que este planeta, onde aprenderemos novas lições em continuidade a nossa evolução, até alcançarmos a perfeição e tornarmos espírtios puros, que é o objetivo final de todos nós.

Não reconhecer a reencarnação é admitir a injustiça de Deus, é sancionar sua imparcialidade, e Deus não pode ser imparcial nem injusto, se o fosse, não seria Deus.

Quando paramos para analisar as disparidades no mundo, tantas pessoas saudáveis e tantas enfermas, pessoas más que vivem até a velhice e as boas que morrem jovens, crianças padecendo de dolorosas doenças, uns com imensuráveis riquezas e tantos vivendo em abjeta miséria, muitos sofrendo tantas privações, enquanto outros regozijam em abundância, é normal questionarmos a justiça de Deus. Isto é, se acreditarmos que o ser humano vive apenas uma vez e que sua alma é formada junto com o corpo, como creem as religiões não reencarnacionistas.

Com o entendimento da reencarnação, para a qual a ciência já conta com subsídios comprobatórios, essas disparidades são facilmente explicadas e Deus permanece sendo o Pai justo e misericordioso que nosso mestre Jesus nos revelou.

O Espiritismo nos ensina que todos nascemos iguais, do mesmo ponto de partida, cada um responsável por seu progresso e todos capazes de atrair para si a vida feliz que almeja.

"– Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, ou seja, sem

conhecimento. Deu a cada um uma missão com o objetivo de esclarecê-los e de fazê-los chegar, progressivamente, à perfeição pelo conhecimento da verdade e para aproximá-los de Si. A felicidade eterna e pura é para os que alcançam essa perfeição. Os Espíritos adquirem esses conhecimentos ao passar pelas provas que a Lei Divina lhes impõe. Uns aceitam essas provas com submissão e chegam mais depressa ao objetivo que lhes é destinado. Outros somente as suportam com lamentação e por causa dessa falta permanecem mais tempo afastados da perfeição e da felicidade prometida." confome se lê em *O Livro dos Espíritos,* questão 115.

As disparidades que se veem na vida do ser humano na Terra, os drásticos contrastes entre a riqueza e a pobreza, o sofrimento e o júbilo, a doença e a saúde não são obras de Deus, mas sim de cada um de nós. Todos vivemos submetidos à Lei de Causa e Efeito, e a cada um, sem exceção, será dado conforme suas obras. Ou melhor, não nos será dado, nós atrairemos para as nossas vidas as inevitáveis consequências de nossos pensamentos, sentimentos e ações. Quanto mais puros e benéficos forem, mais felizes viveremos, nesta e em futuras existências, e, ao contrário, se impuros e danosos, podemos estar certos, vamos receber o correspondente, nesta e em futuras vidas, e não será nada agradável.

Embora alguns de nossos sofrimentos possam não haver sido causados por nós mesmos, "...muitos são as consequências da nossa vontade, e se buscarmos as origens constataremos que, em sua maior parte, resultam de causas que poderíamos evitar. Quantos males, quantas enfermidades o homem não deve aos seus excessos, à sua ambição, às suas paixões? O homem que sempre tivesse vivido

sobriamente, que não tivesse cometido abusos, que sempre tivesse sido simples em seus gostos, modesto em seus desejos, se pouparia de muitos sofrimentos.". É o que se pode ler na questão 257) de *O Livro dos Espíritos.*

Mas ninguém está condenado a sofrer para sempre. A abreviação ou prolongação de muitos de nossos sofrimentos, como diz Kardec na passagem citada anteriormente, depende de nós mesmos. E para nos ajudar a encontrar a felicidade eterna, Deus nos deu a reencarnação e a vida material na Terra para corrigirmos nossos erros e praticar nossas virtudes.

Ao analisarmos nossa vida em preparação para nossa inevitável viagem de regresso ao além, é necessário que tenhamos sempre em mente que o que somos hoje é o que fizemos de nós em cada uma de nossas existências passadas, inclusive o que estamos fazendo desta vida até o presente momento; e o que temos, de bom ou ruim, é a colheita do que plantamos, tanto em outras como nesta vida. Nós jamais teremos o que não merecemos, e tampouco deixaremos de ter o que merecemos. A Lei de Causa e Efeito nos garante isso.

E aqui cabe repetir aquelas sábias palavras do Espírito André Luiz: "Tudo de bom ou ruim que você fizer hoje, algo de força equivalente amanhã irá lhe beneficiar ou prejudicar, seja nesta ou em outra vida. *A cada um será dado de acordo com suas obras.* Não existe escapatória ou subterfúgios perante as Leis de Deus." (1) Quando de nossa permanência no Além, vamos rever nossas existências passadas e descobrir tudo que fizemos de errado, ou que poderíamos ter feito melhor. Vamos descobrir também nossas qualidades e como poderemos utilizá-las em nossa próxima encarnação, em nosso

próprio benefício assim como em benefício de nossa sociedade. E vamos reconhecer a necessidade de retornar à Terra e vamos pedir para voltar.

23

POR QUE PRECISAMOS REENCARNAR

"Qual é o objetivo da reencarnação?" Allan Kardec indaga aos sábios espíritos, questão 15, de *O Livro dos Espíritos*.

"– Expiação, melhoramento progressivo da humanidade. Sem isso, onde estaria a justiça?" respondem eles.

É fato que o ser humano tem progredido significativamente desde os tempos em que vivia em cavernas e vagava caçando pelas matas para se sustentar. Mas, em muitos aspectos, ele ainda mantém um pé tenazmente fincado naqueles tempos de ignorância e violência, basta lermos os jornais e assistirmos ao noticiário na TV. Milênios se passaram desde que tínhamos de recorrer à violência para nos proteger e garantir nosso sustento, mas, mesmo com o passar de tanto tempo, ainda não conseguimos nos despojar dessa reação instintiva.

Ainda somos espíritos portadores de muitas imperfeições morais. A imoralidade, a desonestidade, o egoísmo, o orgulho, a ambição, a avareza, o mau-caratismo, o ódio, a promiscuidade são alguns dos males explicita e cotidianamente praticados pelo ser humano em todos os setores da sociedade, em todas as partes da Terra. Males estes que precisam ser, e um dia serão, erradicados do caráter daqueles que os praticam para o próprio bem destes em particular e de toda a criação em geral.

Essa erradicação, na maior parte dos casos, exige muitas

encarnações para se realizar. Muitos veem aflorar esses defeitos bem cedo em sua vida, e os praticam até seus últimos momentos, até mesmo no leito da morte. Mas, apesar de seus erros e dos males causados, essas pessoas também são dignas da misericórdia divina e precisam ser redirecionadas no caminho do bem.

Como e onde então poderão elas redimirem seus erros para efetuar sua transformação para o bem?

Viver outras existências, reencarnar, e aqui mesmo na Terra. A Terra é a escola ideal para progredirmos nesse sentido. Por essa razão precisamos, e vamos, reencarnar tantas vezes quantas forem necessárias para a completa extinção de todas as imperfeições que ainda nos maculam o espírito.

Precisamos reencarnar na Terra porque ainda temos muito a aprender neste planeta, onde se encontram aqueles com os quais temos afinidades. Uma única encarnação, ainda que fiquemos aqui até a velhice, não é o suficiente nem para aprender o *beabá* da vida, quanto mais para atingir a perfeição que é nosso destino final. Aliás, como todos nós somos testemunhas, inúmeros são nossos irmãos que deixam a Terra diariamente sem sequer terem aprendido coisas tão simples como a cordialidade, o respeito, a educação, a moral e a ética e muito menos aquilo que verdadeiramente viemos aqui aprender, as quatro lições que já mencionei mas que vale a pena repetir: aprender a amar, a perdoar, fazer o bem e instruir-nos.

E enquanto não aprendermos essas lições, retornaremos, senão na Terra, em algum outro planeta semelhante, ou pior que este, se persistirmos no erro. A vida na Terra é um campo de treinamento para a alma. Aqui aprendemos lições que não aprenderíamos em

nenhum outro plano existencial.

"A Terra deve ser considerada escola de fraternidade para o aperfeiçoamento e regeneração dos Espíritos encarnados. As almas que aí se encontram em tarefas purificadoras, muitas vezes colimam o resgate de dívidas assaz penosas. Daí o motivo de a maioria encontrar sabor amargo nos trabalhos do mundo, que se lhes afigura rude penitenciária, cheia de gemidos e de aflições.

A verdade incontestável é que os aspectos divinos da Natureza serão sempre magníficos e luminosos; porém, cada espírito os verá pelo prisma do seu coração. Mas, na dor como na alegria, no trabalho feliz como na experiência escabrosa, todas as criaturas deverão considerar a reencarnação um processo de sublime aprendizado fraternal, concedido por Deus aos seus filhos, no caminho do progresso e da redenção." (1)

Mas é necessário que voltemos a habitar o planeta Terra?

À semelhante pergunta, Allan Kardec obteve a seguinte resposta dos espíritos:

"– Não, mas se não avançardes, podereis ir para um outro mundo que não seja melhor e que pode até ser pior" (questão 174 de *O Livro dos Espíritos).*

"O homem pode, pelo menos, assegurar nesta vida uma existência futura menos cheia de amarguras?" indaga Kardec. (*O Livro dos Espíritos*, questão 192a)

"– Sim, sem dúvida, pode abreviar a extensão e reduzir as dificuldades do caminho. *Só o negligente se encontra sempre na mesma situação*" respondem os espíritos.

Portanto, companheiros de viagem, para evitar pronunciar aquela

famosa frase *eu era feliz e não sabia*, empenhemo-nos, diariamente, em nossa melhora, a partir de agora. Já que vamos ter de voltar à Terra mais cedo ou mais tarde, trabalhemos para que a próxima jornada seja mais feliz que a que deixamos. Ou se você considera esta feliz, que a próxima o seja ainda mais.

EPÍLOGO

Em certa etapa desta existência, em busca de novos conhecimentos, vivi como um nômade. Viajei pelos Estados Unidos, Brasil e outros países das Américas Central e do Sul. Eu não tinha residência fixa e meus pertences cabiam em uma mochila. Viajava leve, sem compromisso com ninguém, e não tinha nada a que me apegar.

Foram os quatros anos de maior liberdade de minha vida. Aprendi muito nessas andanças, e uma das maiores lições foi que grande parte do que fazemos na Terra, a que damos tanto valor, não passa de futilidade. Nós perdemos muito tempo e gastamos muita energia com coisas inúteis que prejudicam nossa evolução.

Henry Ford, fundador da Ford Motor Company, o inventor da *linha de montagem* ou *montagem em série*, acreditava na reencarnação. Ford costumava dizer que é fútil tudo que fizermos nesta vida que não der para levar conosco para a próxima..

E Ford não foi o único homem a dizer isso. Aliás, esta asserção já havia sido feita anteriormente, muitos anos antes. Ela veio do Além em meados de 1850 em resposta a uma pergunta de Allan Kardec aos espíritos, que faz parte da questão 150 de *O Livro dos Espíritos.*

"A alma nada leva consigo deste mundo?" indaga o codificador à espiritualidade maior.) "– Nada mais que a lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor. Essa lembrança é cheia de doçura ou de amargura, de acordo com o emprego que fez da vida. Quanto mais pura, mais compreende a futilidade do que deixa na Terra."

Pelo tanto de impureza que ainda se vê neste mundo, pelas

atrocidades cometidas diariamente em todos os cantos do planeta, pela facilidade que o ser humano encontra em ludibriar seu próximo para benefício próprio, por seus excessos em busca de prazeres efêmeros e outros comportamentos instintuais e perniciosos, tanto contra si mesmo como contra seu próximo, não é difícil compreender a razão de tanta amargura, em ambos os lados da vida.

Tanto na Terra como no Além, vamos estar sempre sofrendo as consequências do mau emprego que fazemos da vida. E é a vida mal empregada que nos traz de volta à encarnação. "É sempre penoso voltar à carne, depois de havermos conhecido as regiões de luz divina (...)", diz André Luiz, em *Missionários da luz*.

Mas foi-nos necessário voltar à carne. Quando estivemos no Além antes de nosso retorno à Terra para a presente jornada evolutiva, estudamos nosso passado, reconhecemos nossas faltas, demo-nos conta da verdadeira razão de nosso existir e do importante papel que fazemos na obra da criação. Identificamos o que nos faltava melhorar e pedimos para retornar, ainda que disso não nos recordamos no momento.

Mesmo que não nos recordemos desse pedido de retornar à vida na Terra, precisamos fazer todos os esforços necessários para combater as más tendências que porventura ainda tenhamos, as más paixões, o orgulho, a vaidade, o egoísmo, a avareza, o ódio, os vícios, a violência... Todos os pensamentos e sentimentos que nutrimos, todas as ações que executamos que, de alguma maneira, causa dano a nós ou a outros, devem ser erradicados. Não podemos levar nada disso em nossa bagagem se desejarmos curtir uma estadia feliz nos jardins do Além!

Não vamos negligenciar esta encarnação, não vamos perder mais tempo e energia com coisas que atrasam nossa evolução. Sejamos cuidadosos com nossos pensamentos, sentimentos e ações. Precisamos sair desta encarnação melhores do que quando aqui chegamos. Nós temos esse compromisso com Deus. Nós pedimos uma nova chance, outra oportunidade para nos refazermos e avançarmos em nosso progresso, e nosso Pai bondoso nos concedeu. E por esta razão estamos aqui.

"Cada encarnação" – esclarece Emmanuel – "é como se fora um atalho nas estradas da ascensão. Por esse motivo, o ser humano deve amar a sua existência de lutas e de amarguras temporárias, porquanto ela significa uma bênção divina, quase um perdão de Deus." (1) E não apenas amar nossas lutas e amarguras, mas aprender com elas também. Se estamos infelizes hoje, sofrendo privações, dores físicas, emocionais ou espirituais, é hora de pararmos e analisarmos como estamos aproveitando esta existência para evoluir.

Na fisiologia do corpo, a dor física é o alarme avisando que algo nele está em desequilíbrio e necessita atenção. Na fisiologia do espírito é a tristeza, a depressão, a falta de fé e o desinteresse pela vida o alarme avisando que algo em nossa alma está em desajuste e, igualmente, necessita atenção. E, nesse caso, atenção mais do que imediata.

Tenho de repetir. Não devemos levar nada disso em nossa viagem ao Além. Esses problemas têm de ser resolvidos antes de nosso inevitável embarque ao outro lado da vida. Precisam ser removidos de nossa bagagem perispiritual para viajarmos leves, com a mente sã

e lúcida, o coração alegre pela conscientização de uma encarnação bem aproveitada, e a alma pronta para receber os méritos jubilosos por seus esforços no bom cumprimento de seu trabalho na Terra.

As características da vida neste planeta, um mundo material com o qual interagimos através de nosso corpo material, nos obriga a dedicarmos grande parte de nossa energia e existência na conquista de bens materiais para a sustentação e bem-estar do corpo físico. Precisamos de alimentos que nos sustentem, de vestimentas para agasalhar nosso corpo e abrigo para nos proteger da intempérie.

Tudo isso custa dinheiro, às vezes muito mais do que dispomos e temos que "correr atrás" ou "matar um leão por dia" como dizem alguns, para suprir essas necessidades básicas.

E nesse afã diário de prover nossas necessidades materiais, nos esquecemos de que, além do corpo físico, também possuímos. ou melhor. somos um Espírito que igualmente necessita de alimentação e cuidados adequados para seu bom funcionamento. Negligenciamos a espiritualidade que existe em nós, deixando-a para um segundo plano, em nosso próprio detrimento. Pois, mais cedo ou mais tarde, seja nesta vida, no Além, ou em nosso retorno na próxima encarnaçao, vamos sofrer as consequências de nosso desleixo.

Nossa infelicidade, nosso desencanto pela vida, nossos temores, nossa falta de fé no futuro, nossos estados depressivos, nossos desgostos são sintomas de nossa negligência a nossa própria essência, ao espírito que somos. Apesar desses sintomas apresentarem-se também em nossa população jovem, são mais comuns naquelas com mais tempo de vida na Terra. E talvez

justamente naquelas que achavam que suas conquistas materiais lhes trariam a felicidade que buscavam. Mas se enganaram.

Os bens materiais só trazem conforto para o corpo físico e não para o espírito. E enquanto não se derem conta de que são viajantes apenas temporariamente corpóreos em missão de aprendizado na Terra, e não voltarem sua atenção à espiritualidade, vão continuar sofrendo os males decorrentes de sua desnutrição espiritual.

E como recompor essa deficiência nutricional do espírito, onde encontrar um especialista que nos receitem uma boa dieta?

Eu posso falar por mim, como foi que encontrei o redirecionamento desta minha existência, a conscientização de que sou, primeiramente, um espírito imortal, temporariamente encarnado na Terra, e que, uma vez de volta ao Além, despojado do corpo físico que erroneamente acreditava ser tudo que eu era, vou ver sim, quanto tempo perdi com as futilidades da vida terrena.

Mas eu decidi que não quero mais perder tempo com futilidades, com nada que não possa levar comigo para outras vidas. Quero a felicidade mais completa que possa alcançar em cada uma de minhas existências. Quero meu perispírito mais leve e sutil que meus bons pensamentos, sentimentos e ações possam-me prover. Em minha viagem de retorno ao Além, quero voar às máximas alturas deste grandioso e glorioso universo de Deus. Quero conhecer aquelas regiões de luz divina às quais se refere André Luiz e banhar-me nela até entorpecer minha alma em suas jubilosas vibrações.

Eu conheço as dores da alma e não quero mais tê-las. Eu conheço as angústias que o desconhecimento de que somos espíritos imortais e não corpos perecíveis causam à alma, e não quero mais padecer

delas.

Para mim, meu guia de viagem, aquele que me ensina e orienta e me ajuda a aprontar minha mala, tanto para esta jornada terrena como para meu inevitável retorno ao Além, são os ensinamentos da Doutrina Espírita. No Espiritismo, encontro as diretrizes para a minimização das vicissitudes inerentes a condição da vida material que ora experimento na Terra.

Parafraseando Allan Kardec, pelo Espiritismo, sei de onde venho, para onde vou, por que estou na Terra, por que sofro temporariamente e vejo, por toda a parte, a justiça de Deus.

Hoje, posso dizer, com segurança, que estou preparando minha mala. Não quero ser apanhado de surpresa no dia do embarque. Espero que aqueles que me acompanharam neste livro também façam o mesmo. Comecem a preparar sua mala desde já. Não sabemos quando iremos partir. Muita paz e boa viagem!

REFERÊNCIAS

Cap. 2-ONDE ESTÃO OS ESPÍRITOS

1 – KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiums* (Cap. 6, item 100, subitem 7). São Paulo: Petit Editora, 2004.

2- *Idem*, Cap. 6, item 100, subitem 9) **Cap. 4 – AS DIVISÕES DO ALÉM**

1-SERRANO, Admir. *Morrer não é o fim*. São Paulo: Petit Editora, 2008.

2- *Idem* 3- *Ibidem* **Cap. 5 – CIDADES NO ALÉM?**

1-KAKU, Michio. *Parallel Worlds.* New York: Doubleday, 2005.

Cap. 6-APRONTANDO A MALA 1-XAVIER, C. Francisco. *Emmanuel.*Brasilia: FEB, 2008.

2-_____. *E a vida continua* (do Espírito André Luiz), 25ª edição ***.

Cap. 7 – QUANDO A MALA ESTÁ PRONTA 1 – Mensagem psicografada por Helen Greaves, em GREAVES, Helen. *Testimony of Light*. Essex, D Inglaterra: Neville Spearman, 1969.

Cap. 10 - POR QUE, EM VEZ DE VOAR, ATERRISSAMOS

1-XAVIER, Francisco C. *Palavras de Emmanuel.* Brasília: FEB, 2008.

Cap. 11 - PERISPÍRITO: NOSSAS ASAS OU NOSSA ÂNCORA 1 – XAVIER, Francisco C. *Roteiro* (do Espírito Emmanuel). Brasília: FEB ....

2-Extraído da Introdução, por Emmanuel, do livro *Evolução em dois mundos, 20ª. Edição* (do Espírito André Luiz), psicografado por Francisco Xavier e Waldo Vieira.

Cap. 12 - RETORNO AO ALÉM, UMA VIAGEM INEVITÁVEL

1-KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos (*Q. 702 – 703). São Paulo: Petit Editora, 1999.

2-_____. *A Gênese.* Araras: IDE, 2002.

Cap. 16 – NOSSOS CICERONES DO ALÉM

1 – KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo (Cap 6, item 18)*. São Paulo: Petit, 1997.

2—*OSIS,* Karlis & HARALDSSON, Erlendur. *At the hour of death, 3ª. Ediçao.* Norwalk, EUA: Hastings House, 1997.

Cap. 17 – O QUE VAMOS SENTIR NA CHEGADA 1 – Ditado por uma rainha da França, em Havre, 1863, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Capítulo 2, item 8, 1997.

Cap. 18 – MAMÃE, CHEGUEI!

1-GUGGENHEIM, Bill & Judy. *Hello From Heaven!* New York: Bantam, 1995. (p. 280:) 2 – *Idem* **Cap. 19-PROTEGENDO QUEM AMAMOS**

1-FONTANA, David. *Is there an afterlife? A comprehensive overview of the evidence*. London: O Books, 2005

2-PARNIA, Sam. *What happens when we die*. Carlsbad, EUA: Hay House, 2006.

3-XAVIER, Francisco C. *Ação e reação.* (Pelo Espírito André Luiz). Brasília: FEB, ...

20 – NOSSA VIDA NO ALÉM

1 – XAVIER, Francisco C. *Palavras de Emmanuel.* Brasília: FEB, 2008.

2-_____. *O Consolador* (do Espírito Emmanuel). Brasília: FEB, 1997.

21-QUANTO TEMPO FICAREMOS NO ALÉM

1-TUCKER, Jim B. *Life Before Life.* New York: St. Martin's Press, 2005.

2- *Idem* 3- *Ibidem* 22 – TERRA, LÁ VOU EU DE NOVO!

1 – XAVIER, Francisco C. *Ação e reação* (do Espírito André Luiz). Brasília; FEB, ...

23-POR QUE PRECISAMOS REENCARNAR

1 – XAVIER, Francisco C. *O consolador* (do Espírito Emmanuel). Brasília: FEB, 1997.

EPÍLOGO

1-XAVIER, Francisco C. *Emmanuel*. Brasília: FEB, 2008.

BIBLIOGRAFIA

FONTANA, David. *Is there an afterlife? A comprehensive overview of the evidence*. London: O Books, 2005

FREY-IRELAND, Louise. *Freeing the Captives*. Charlotesville, EUA: Hampton Roads, 1999.

GREAVES, Helen. *Testimony of Light*. Essex, Inglaterra: Neville Spearman, 1969.

GUGGENHEIM, Bill & Judy. *Hello From Heaven!*. New York: Bantam, 1995.

KAKU, Michio. *Parallel Worlds.* New York: Doubleday, 2005.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: Petit Editora, 1999.

_____. *O Livro dos Médiums.* São Paulo, Petit Editora, 2004.

_____.*O Evangelho Segundo o Espiritismo*. São Paulo: Petit Editora, 1997.

_____. *O Céu e o Inferno, 35ª Ed.* Araras: IDE, 2003.

_____. *A Gênese*. Araras: IDE, 2002.

OSIS, Karlis & HARALDSSON, Erlendur. *At the hour of death, 3ª. Ediçao.* Norwalk, EUA: Hastings House, 1997.

SERRANO, Admir. *Morrer não é o fim*. São Paulo: Petit Editora, 2008.

_____. *Nos portais do Além*. São Paulo: Petit Editora, 2008.

TUCKER, Jim B. *Life Before Life.* New York: St. Martin's Press, 2005.

XAVIER, F.C. & VIEIRA, W. *Evolução em dois mundos, 20ª. edição* (do Espírito André Luiz). Brasilia: FEB, 1994.

_____.*Missionários da luz, 37ª. Ed.* (do Espírito André Luiz) Brasília: FEB, 2003.

_____. *No mundo maior*. (do Espírito André Luiz). Brasília: FEB...

_____.*E a vida continua*. (do Espírito André Luiz). Brasília: FEB, ...

_____. *Ação e reação* (do Espírito André Luiz). Brasília: FEB, ...

_____. *O Consolador* (do Espírito Emmanuel). Brasília: FEB, 1997.

_____. *Palavras de Emmanuel*. Brasília: FEB, 2008.

_____. *Emmanuel*. Brasília: FEB, 2008.